

O detetive de Florianópolis

Jair Francisco Hamms



Crônicas

2ª edição revista

O detetive de
Florianópolis



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora

Roselane Neckel

Vice-Reitora

Lúcia Helena Martins Pacheco

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Clélia Maria Lima de Mello e Campigotto

Ione Ribeiro Valle

Luís Carlos Cancellier de Olivo

Sérgio Fernandes Torres de Freitas

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

O detetive de Florianópolis

Crônicas

2ª edição revista

Jair Francisco Hamms

© 1983 Jair Francisco Hamms

Direção editorial:

Paulo Roberto da Silva

Capa e editoração:

Fernanda do Canto

Revisão:

Heloisa Hübbe de Miranda

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina)

H227d Hamms, Jair Francisco

O detetive de Florianópolis : crônicas / Jair Francisco Hamms.
– 2. ed. rev. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2012.

192 p.

1. Crônicas catarinenses. 2. Literatura brasileira – Crônicas.
I. Título.

CDU: 869.0(816.4)-94

ISBN 978-85-328-0597-3



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

*Para minha mulher Lúcia e para meus filhos
Ana Paula, Rogério, Juliana e Marina.*

Sumário

Prefácio à 1ª edição	9
O detetive de Florianópolis	11
O detetive de Florianópolis e o incrível caso da morte do Lebréu Russo	18
O detetive de Florianópolis e a sua piramidal secretária	26
O detetive de Florianópolis e os quatro cavalos de Oleb Etort	33
O detetive de Florianópolis e o crime da rua João Pinto	40
O detetive de Florianópolis e o lobisomem do Saco Grande	48
O detetive de Florianópolis e o segredo da viúva Quinha	55
O detetive de Florianópolis e o dia da caça	64
O detetive de Florianópolis e os dólares de Chapecó	72
O casamento do detetive de Florianópolis	82
Clave de sol	97
Xarope de groselha	102

Hóspede do corpo	107
Um carneiro surrealista	113
Viagem a lugares-comuns	117
Olhos oblíquos	121
Silva <i>and</i> Silver	124
Dr. Laranja	128
Carreirismo	133
Dólares baratos	136
O novo juiz	139
Nas pedras	144
Quibada no Saliba	148
Conversa de avião	151
Um ferimento dolorido no indicador da mão direita	155
O leão faminto	159
O especialista em banalidades	165
Sopa na gravata	171
Papo furado	176
Carne de sol, manteiga de garrafa, inhame	180
Três caninas	184
O excretar lá de cima	188

Prefácio à 1ª edição*

O detetive de Florianópolis é o primeiro título cuja edição *O Estado* participa (na honrosa companhia da Editora da UFSC) e certamente não será o último.

O papel que hoje *O Estado* representa para a sociedade de Santa Catarina não comporta apenas a simples – mas grandiosa – responsabilidade de colocar diariamente nas ruas um jornal consagrado pelo respeito e pela preferência da opinião pública. Tamanha tem sido sua integração à vida da comunidade que esta passou a exigir sua presença em atividades que, embora se compreendam no vasto campo da comunicação, que é a sua especialidade, ultrapassam o espaço convencional do papel de jornal.

A edição, ou, melhor dizendo, a coedição deste livro e dos que lhe seguirão significa este novo espaço que *O Estado* vem ocupar no processo de desenvolvimento cultural de Santa Catarina, que vive atualmente uma de suas fases de mais ricas e densa floração.

A escolha do livro de Jair Francisco Hamms para esta estreia não se deu por acaso. Por uma opção natural, recaiu justamente sobre o trabalho de um dos seus mais antigos (posto que ainda jovem) colaboradores – entre os tantos de indiscutível mérito

* Texto originalmente publicado na orelha da 1ª edição, 1983.

que ilustram as páginas do jornal – cujo talento de escritor é uma constatação que se renova semanalmente através das histórias que publica em *O Estado* (como todas as que constam deste livro), a par do extraordinário e merecido sucesso alcançado por seus dois livros anteriores – *Estórias de gente e outras estórias* e *O vendedor de maravilhas*.

Em *O detetive de Florianópolis* Jair Francisco Hamms não terá pretendido retratar um determinado tipo – ou um tipo determinado – de personagem com que se tenha deparado na vida real. Mais que isto, o autor consegue reunir num só personagem vários tipos com os quais cruza todos os dias nas ruas de Florianópolis, acentuando o espírito do ilhéu malandro, irreverente, gozador, esperto e, no caso, lutador, disposto até mesmo a levar a sério sua profissão de detetive particular para defender – sabe Deus como! – o pão nosso de cada dia nestes tempos em que, para muitos, nem todo dia tem pão. Trata-se de um personagem que veio para ficar e, seguramente, para fazer carreira.

Nas demais histórias o autor trafega com exuberância de linguagem por caminhos que vão do mais cáustico humor ao mais puro lirismo, numa reafirmação jamais assaz repetida de que para ser bom escritor não basta escrever bem (o que Jair faz como poucos), mas é preciso, sobretudo, ter talento, criatividade e imaginação.

Vivendo a justa emoção de uma estreia tão auspiciosa, *O Estado* manifesta seu orgulho por participar da edição desta obra e a certeza de sua consagração pelo público.

José Matusalém Comelli

O detetive de Florianópolis

Desempregado, endividado, nervoso, aporrinhado à beça, Domingos Tertuliano Tive abriu a janela de sua quitinete e escarrou em Florianópolis.

– Cidade de merda, onde a gente não encontra um miserável de um emprego! – disse ele aos seus botões.

– Principalmente para malandros da tua marca! – exclamou o apertado botão do colarinho, já habituado àquela espécie de diálogo.

– Mas tem muito malandro aí, malandro e incompetente, ganhando um dinheirão no mole! – tornou ele, irritado.

– Isso é verdade. Mas não é por isso que vais ficar aí, parado, esperando que caia dinheiro do céu – disse um esquecido botão da braguilha, já despencando da linha podre. – Te mexe!

– Te mexe! Te mexe! Vocês só sabem dizer isso! Mas mexer com quê?!? – indagou ele aos berros.

– Florianópolis cresceu muito, Domingos – respondeu, mansamente, o sociável botão do punho direito. – Quem sabe detetive? Que eu saiba, a cidade não tem um só detetive particular.

– Detetive? É isso aí! Detetive!!!

* * *

Com dinheiro emprestado, publicou um pequeno anúncio nas páginas de classificados:

D. T. TIVE
Detetive particular
Absoluto sigilo
Fone 77-7777

E ficou aguardando a primeira chamada. Que não tardou.

– Alô.

– É o senhor Tive?

– Sim.

– O detetive?

– Sim.

– Roubaram o meu papagaio.

– E daí?

– E daí é que era um papagaio de estimação.

– Características?

– Do quê?

– Do papagaio, pô!

– Era verde...

– Mas isso é claro. O senhor queria que fosse o quê? Azul?

– Poderia ser. O meu cunhado, o meu cunhado não, o irmão do meu cunhado tinha um, que ele ganhou do dono de um bar, bar e restaurante, um tal de Eustáquio, Eustáquio ou Bonifácio, não sei bem, um velho que passava o dia inteiro com um charuto apagado nos beiços, que era azul, com o pescoço amarelo e o rabo...

– O seu cunhado tinha uma arara!

– Não é meu cunhado. É o irmão do meu cunhado.

– Que seja. O irmão do seu cunhado tinha uma arara!

– Não era arara!

- Era arara!
- Não era arara!
- Tá bem! Não era arara. Mas e o seu papagaio? Era novo? Falava?
- Falava. Falava tudo. Contava piada de sacanagem. Fazia conta. Cantava. E encantava. Comia pipoca. E era Flamengo.
- Quanto valia?
- O quê?
- O papagaio, pô! O preço real?
- Não era papagaio-real.
- Tô perguntando o preço. Quanto valia o louro?
- Não era louro. Era verde. Já disse.
- Tá de gozação?
- Domingos?
- Sim.
- Quem tá falando é o Pereira, pô! Qual é essa de detetive?

- Veio o segundo telefonema. Não parecia trote.
- Alô.
 - É o detetive D. T. Tive?
 - Sim.
 - Eu me chamo Ambrósio. Quería marcar uma hora para hoje. Dá?
 - Que dá, dá. O problema é que estou com o escritório em reforma... Só se for em sua casa, porque no meu apartamento igualmente não dá. Tá em reforma, também.
 - Na minha casa é impossível, senhor Tive. Quando conversarmos, o senhor vai compreender o motivo. Poderíamos marcar em outro lugar, então?

- Na figueira.
- Na figueira da Praça 15?
- É. Às vezes atendo meus clientes ali. É discreto e saudável.
- Que horas?
- Pode ser já.

* * *

- ... aí, quando ela dormiu, sono pesado, roncando feito uma porca, notei uma mancha no pescoço dela.
- Mancha de que cor?
- Roxa.
- Roxa ou violeta? Ou era mais para rubra?
- Não. Roxa.
- De que forma a mancha? Arredondada?
- É. Arredondada.
- E que horas a dona Aurora chegou?
- Estava clareando o dia. Cinco e meia, seis horas. O que é que o senhor acha?
- É um caso a investigar. Que idade ela tem?
- Ela é 31 anos mais moça do que eu. Estou com 60. 60 menos 31 dá 29. É, ela tem 29 anos.
- Tem fotos dela?
- Tenho algumas. Olhe: aqui, foi quando ela ganhou o concurso de senhorita suéter.
- Hummm, hummm.
- Aqui, foi em Camboriú, quando ela venceu o concurso da mais bela tanga.
- Hummm, hummm. Quando ela participou desses concursos, já estavam casados?

– Não. Nós casamos só faz quatro meses. Passamos a lua de mel no Rio. Mas brigamos.

– Brigaram por quê?

– Por bobagem. Nós fomos a uma boate e, quando chegamos, ia começar um concurso do mais belo bumbum. E ela entendeu participar. Então, eu disse para ela que achava que aquilo não ficava bem pruma senhora casada, uma senhora de respeito. Só por causa disso, ela passou vinte dias sem olhar para mim. Sofri muito. Só falou comigo quando eu concordei em dar este carro conversível aqui desta foto de presente pra ela. Ela é muito geniosa, sabe?

– Sei. E quem é este rapaz que aparece aqui com ela?

– É um primo dela. Mas não sei o nome.

– Foi a primeira vez que a dona Aurora chegou ao amanhecer?

– Foi. O mais tarde que ela chega é meia-noite, uma hora. Toda noite ela joga com as amigas. Ela gosta muito de buraco.

– E o senhor? Não gosta?

– De buraco?

– Sim.

– Não.

– Hummm, hummm.

– Que é que o senhor acha?

– É um caso a investigar. O senhor trabalha onde, seu Ambrósio?

– Tenho 17 apartamentos alugados. E 13 lojas. E tenho uma fazenda, em Lages. Que é que o senhor acha?

– Do quê?

– Do meu caso.

– É um caso a investigar.

- Quanto vai custar o seu serviço?
- Cobro em dólares. Para início dos trabalhos, mil.

* * *

- ... aí, ele disse que quando a senhora dormiu, sono pesado, roncando como uma porca, viu uma mancha roxa no seu pescoço.

- Velho cachorro! Mas ele me paga!
- Depois falou sobre o concurso de bunda na boate do Rio.
- Velho vasilha! Mas ele me paga!

- E mostrou a foto da senhora com o seu primo no carro conversível. Porém, a senhora vai me desculpar, dona Aurora, mas eu já descobri que o Sérgio Murilo é casado e não é seu primo. E que foi o seu primeiro namorado. Mas a senhora pode contar comigo. Estou aqui para que tudo saia bem. Para que tudo tenha um final feliz. Final feliz para todos.

- Já entendi tudo. Quanto custa, Tive?
- Cobro em dólares. Para a senhora, que é uma cliente boa, só mil.
- Isto dá quanto, em cruzeiros?

* * *

- ... aí, seu Ambrósio, descobri que aquela mancha roxa foi um soco que uma tal de Odete, morta de raiva, deu no pescoço dela quando ganhou a quinta partida naquela noite. Dona Aurora tem muita sorte no buraco.

- Que alívio. O senhor, seu Tive, tirou um peso enorme da minha cabeça. Quanto lhe devo ainda?
- Só mais mil dólares.

* * *

Organizado, Domingos Tertuliano Tive soube aproveitar muito bem o dinheirinho honestamente ganho com o seu primeiro caso. À vista, comprou três ternos, meia dúzia de camisas, uma coleção de gravatas, três pares de sapatos e muitas meias e cuecas. Sem contar um anel de platina, com bela ametista, que passou a usar no dedo mínimo da mão esquerda, o mesmo em que, há muito, conserva a unha comprida feito uma lâmina. Além disso, deu entrada na compra de um escritório e adquiriu móveis e novo telefone.

Hoje, à rua Felipe Schmidt, número 888, à direita de quem se dirige à ponte Hercílio Luz, sobre a marquise de um pequeno edifício de três andares, nosso herói mandou afixar belíssima placa com letras verdes em campo branco:

D. T. TIVE
Detetive particular
fone 88-8888
Atende somente com hora marcada

* * *

Dizem que o telefone não para de bater.

O detetive de Florianópolis e o incrível caso da morte do Lebréu Russo

De pé, à janela do seu escritório à rua Felipe Schmidt, 888, no cimo de um outeiro próximo à ponte Hercílio Luz, Domingos Tertuliano Tive, que profissionalmente se assina D. T. Tive, único detetive particular de Florianópolis, com a unha comprida feito lâmina, que há muito conserva no dedo mínimo da mão esquerda, tirava cera do ouvido direito e contemplava o pôr do sol lá para as bandas do morro do Cambirela, quando o telefone tocou.

– Alô! – disse ele, engrossando a voz.

– É do 88-8888?

– Sim.

– O detetive D. T. Tive está? – indaga uma voz feminina.

– Quem quer falar com ele?

– Aqui é da companhia Cinco Estrelas, de Joinville. O Dr. Bauer gostaria de falar com o senhor Tive.

– Um momentinho.

Descansou o telefone sobre a mesa, sentou-se, cruzou as pernas, com um palito de fósforo retirou um naco de cera amarela e pegajosa que se escondia sob a unha, acendeu um cigarro, retomou o aparelho, falou naturalmente:

- Alô.
- É o senhor Tive?
- Sim.
- Momentinho, por favor. Vou passar para o Dr. Bauer.
- Pois não.
- Senhor Tive, quem fala é Fritz Helmuth Bauer, da Cinco Estrelas. Como vai o senhor?
- Muito bem, obrigado. E o senhor?
- Bem. Aliás, não muito bem. Estou precisando dos seus serviços.
- O que houve, Dr. Bauer?
- É um caso complicado, senhor Tive. Seria possível o senhor dar um pulo aqui em Joinville, amanhã?
- Que horas?
- Meio-dia, se possível. O senhor é meu convidado para o almoço.
- Na empresa ou na residência?
- Na residência. Tome nota do endereço, por favor. Rua...
- Não é necessário, Dr. Bauer. Quem não sabe onde é a sua bela residência?

* * *

- ... foi muito gentil em ter vindo tão prontamente, senhor Tive. Aceita um drinque?
- Aceito.
- Conhaque? Uísque? Vódica? Ou...

- Um uisquezinho.
- Hans, sirva uísque para o senhor Tive. Para mim, um porto.
- Mas em que posso ser-lhe útil, Dr. Bauer? O que houve?
- O seguinte: como o senhor provavelmente sabe, sou viúvo há muitos anos...
- Sei, Dr. Bauer. O senhor é um dos empresários mais conhecidos de Santa Catarina. E dos mais queridos também.
- Obrigado. Para ser exato, sou viúvo há trinta anos. Viuvei com quarenta e nunca mais casei. Hoje, com setenta, sem filhos, pois Deus não quis me dar herdeiros, feito todo velho, tenho as minhas manias. Entre elas, a da cinofilia.
- Cenofilia?
- Ci. Cinofilia. Gosto de cães.
- Sei. Sei. Entendi.
- Não que eu tenha muitos cães. Tenho três. Aliás, agora só tenho dois, um casal de pastor de Brie, já velho e doente, que não proliferou. É o que me sobra, pois no domingo perdi um... E é justamente a esse respeito que gostaria de falar com o senhor... porque... aquele cão, senhor... senhor Tive...
- Não chore, Dr. Bauer.
- Desculpe... É a emoção... Meus cães são como filhos... Eu...
Dr. Bauer levou o lenço aos olhos. Tive enfiou a unha no ouvido direito. Hans trouxe uísque e porto.

* * *

- Aceita mais carne, senhor Tive?
- Não, obrigado, Hans. Aceito outro vinho. Mas o Sócrates era mesmo de que raça, Dr. Bauer?
- Lebréu russo.

- E o médico que...
- Veterinário.
- Sei. Sei. E o veterinário que fez a...
- Autópsia.
- ... a autópsia disse de que veneno morreu o Sócrates?
- Cicuta.

O detetive bebeu uma taça inteira de vinho, acendeu um cigarro, girou o anel de ametista, fingiu um pequeno arrotto no guardanapo. O empresário levou o lenço aos olhos.

- O que é que acha, senhor Tive?
- É um caso a investigar.
- Pagarei muito bem ao senhor se descobrir quem... quem...
- Não chore, Dr. Bauer. Calma. O senhor falou que a única pessoa – além do senhor, é claro – que se aproximava do Sócrates era o Hans?

- Sim.
 - O Hans é seu mordomo há quanto tempo?
 - Há cinquenta anos. Casei com vinte. Estou com setenta.
- O Hans é meu mordomo desde que casei.

- Hummm. Hummm.
- Senhor Tive, desculpe, mas o Hans é um mordomo acima de qualquer suspeita.

– Sei. Sei. Mas o senhor mesmo disse que o Sócrates só comia pela mão do Hans. Que nem do senhor ele aceitava comida.

- Sim. Disse.
- Então... então, quem deu bola para o Sócrates?
- Que é que o senhor acha?
- É um caso a investigar. De qualquer maneira, Dr. Bauer, preciso falar a sós com o Hans. Com licença...

* * *

– Hans, não sei se você sabe, sou detetive. Estou investigando o envenenamento do Sócrates. Mas a minha extraordinária experiência me diz que, neste caso, o mordomo não é o culpado. Fica, por isso mesmo, tranquilo. Mas tenho algumas perguntas a te fazer.

– Pois não.

– O Sócrates comia qualquer prato ou era exigente?

– Era muito exigente. Ele não gostava do que o Dr. Bauer, eu e os criados comemos, que são grelhados e legumes. Ele só gostava da cozinha dos grandes mestres. Eu mesmo tinha muita dificuldade em preparar. Foi acostumado assim, desde pequeno.

– Por exemplo?

– Por exemplo: às segundas, eu seguia uma receita de Paul Bocuse. Às terças, de Alain Chapel. Às quartas, do Pierre Troisgros. Às quintas, do Roger Vergé. Às sextas, do Alain Senderens. E assim por diante.

– E aos sábados?

– Aos sábados, eu servia alguma coisa do Gaston Lenôtre.

– E aos domingos?

– Aos domingos, do Domingos.

– Como assim?

– Tô dizendo: aos domingos, o Sócrates gostava das receitas do seu Domingos.

– E quem é o seu Domingos?

– Seu Domingos é um treinador de cães. Ele educou o Sócrates.

– Mora aqui, em Joinville?

– Não. Mora em Tijucas. Morava. Não sei se mora mais.

– Mas quem serviu o Sócrates no domingo? Foste tu?

– Sim. Só eu servia. Ninguém chegava perto dele. Levantei às cinco, fiz a comida, experimentei e, às seis, servi.

– Por que serviste tão cedo?

– Porque folgo aos domingos. E nesse domingo eu tinha um batizado em Corupá.

– Estou satisfeito, Hans.

* * *

– Agora, quanto?

– Mil dólares. Os outros mil o senhor me paga daqui a dois ou três dias, no máximo, quando eu lhe trazer o nome de quem envenenou o Sócrates.

– Ó, os mil. Mas tem tanta certeza de que dentro de dois ou três dias...

– Absoluta! Bem, vou andando. Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente. E muito obrigado pelo almoço, Dr. Bauer.

– O prazer foi meu, senhor Tive.

* * *

No mesmo dia, em Tijucas, já com o sol se pondo.

– ... mas o senhor mesmo disse que o seu nome também é Domingos.

– É Domingos. Mas gosto que me chamem de Tive.

– Então, desculpe, seu Tive.

– Tá bem. Mas confessas ou não confessas que botaste veneno na comida do Sócrates?

– Não fui eu, seu Domingos.

– Domingos, não! Tive!

– Não fui eu, seu Tive. Eu... eu...

– Então, o que é que tu foste fazer num domingo de manhã bem cedo, com chuva, em Joinville?

– Fui... fui...

* * *

– ... aí, Dr. Bauer, na hora em que fui abrir esta pasta para pegar as algemas, ele deu um pulo, atravessou um banhado, e se enfiou mato adentro.

– O Domingos Torquato?

– O Domingos Torquato.

– Canalha!

– Canalha.

– Tudo por vingança?

– Tudo por vingança.

– Tudo por causa de dinheiro?

– Tudo por causa de dinheiro. Disse que o senhor pagava uma miséria para treinar o Sócrates. Que o Sócrates só comia comida de gente. E ele, Domingos, de cachorro.

– Canalha!

– Canalha.

– Em Vidal Ramos?

– Em Vidal Ramos. Mas lá pro interior, pro meio do mato. Levei dois dias para chegar lá. A pé e a cavalo.

– Que trabalhadeira!

– Verdade. Trabalhadeira. Mas se o senhor quiser, eu parto à procura dele. E acabo com ele, se o senhor desejar.

– Nada disso. Deixe... deixe aquele... aquele miserável.

– Não chore, Dr. Bauer.

– Aceita um uísque, senhor Tive?

– Aceito, Hans.

* * *

Com o dinheiro ganho com o seu segundo caso, Domingos Tertuliano Tive tratou dos dentes, tirou uma verruga da testa, deu entrada na compra de um carro e colocou um generoso anúncio no jornal:

Precisa-se de secretária.

Paga-se muito bem.

Fone 88-8888

Falar com D. T. Tive, no horário comercial.

* * *

Na manhã do primeiro dia, vinte e oito telefonaram.

O detetive de Florianópolis e a sua piramidal secretária

Ao entardecer de uma quarta-feira fria mas ensolarada de junho, no seu escritório próximo à ponte Hercílio Luz, Domingos Tertuliano Tive, que profissionalmente se assina D. T. Tive, único detetive particular de Florianópolis, após entrevistar quinze moças que, atendendo ao apelo que fizera, mediante anúncio em jornal, candidataram-se à vaga de secretária, estava irritado.

– Merda de mulherada despreparada, senhor! Não se acha uma! Quando é bonita, é burra! Quando é inteligente, é uma lástima de feia! – exclamava ele aos seus botões.

– Calma, Domingos! – disse o sociável botão do punho direito. – Afinal, mulher muito inteligente, muito culta e muito bonita como queres não é coisa fácil.

– E quando aparecer uma assim e souber que pretendes pagar só um salário mínimo, ela se manda. Sabes cobrar mas não sabes pagar! – advertiu um esquecido botão da braguilha.

– Nada disso! Se aparecer uma como eu quero eu pago até dois salários mínimos! – respondeu o detetive aos berros.

– E para que mulher bonita? Pra ser secretária precisa ser bonita? – indagou o apertado botão do colarinho.

– Precisa! Pra ser secretária de detetive tem que ser bonita!
Não que eu tenha segundas intenções, pois acho que onde se ganha o pão não se come a carne. Mas eu penso que...

Bateram à porta. Tive atendeu.

– Boa tarde. Eu desejaria falar com o Dr. Tive.

– Como é o teu nome?

– Eu me chamo Ivete. Tenho entrevista marcada para as cinco horas.

– Entra, por favor. O Tive sou eu mesmo.

– Muito prazer, doutor.

– O prazer é meu. Senta, Ivete.

– Aqui é escritório de quê, Dr. Tive?

– Não sou doutor, Ivete. Sou detetive.

– Detetive? Que bom. Eu sempre desejei conhecer um detetive.

– Pois estás conhecendo. Tu és daqui de Florianópolis?

– Não. Sou de Joaçaba. Mas já moro aqui há muito tempo.

Vim pra cá menina.

– Como é o teu nome todo?

– Ivete Edla Tramontini Dietrich. Por parte de mãe, sou italiana. De pai, alemã. Ivete era o nome da minha avó materna. Edla, da paterna. Sou uma perfeita mistura de comedora de *pizza* com joelho de porco.

– E bebedora de vinho e de cerveja, também?

– Com uma cachacinha nos intervalos! – respondeu a moça sorrindo, boca cheia de dentes.

– Gostei de ti, Ivete. Acho que contigo vai dar certo. Eu já estava perdendo a esperança de encontrar uma boa secretária. Vamos continuar o nosso papo num barzinho da Beira-Mar. Penso que já dá para bebemorar.

* * *

– Aí, subitamente, falando com os meus botões, me surgiu a ideia de ser detetive. Com dinheiro emprestado, pois nem pra isso tinha grana, botei um anúncio no jornal e...

– Deu certo!

– Deu certo. Graças a Deus, tá dando certo. Melhor do que eu esperava.

– O senhor já resolveu quantos casos?

– Não me chames de senhor, Ivete. Trata-me por tu. Afinal, não sou tão velho assim...

– Que idade tens, Tive?

– Fiz quarenta, em abril.

– Em abril? Que dia?

– Dia 8.

– Dia 8? Também sou de 8 de abril. Que coincidência!

Piramidal!

– Então, vamos comemorar com mais um vinhozinho. Mas naquela mesa lá do canto. Aqui tá batendo muito vento.

– E tu? Agora tu contas os casos que já resolveste?

* * *

– ... aí, eu procurei a dona Aurora e disse que tinha descoberto que o Sérgio Murilo não era primo dela coisa nenhuma e que sabia que ele era casado e tinha sido o primeiro namorado dela, da dona Aurora.

– E ela?

– Ficou vermelha como um pimentão.

– Pimentão vermelho?

– Sim, claro! Ah! Ah!

– Conheço a Aurora. Ela foi misse Lages quando eu fui misse Joaçaba. Ela casou com o velho Ambrósio só por causa do dinheiro dele.

– Claro. Isso eu logo percebi. Ela com vinte e nove anos. Ele com sessenta. O que é que ele poderia esperar?

– Claro! Mas... e aí?

– Aí eu disse pra ela que o seu Ambrósio tinha ficado desconfiado naquele dia em que ela chegou de manhã cedo com aquela mancha roxa no pescoço, se atirou na cama e roncou feito uma porca.

– E ela?

– Ela só dizia: “Velho vasilha! Mas ele me paga!”

– E aí?

– Aí, eu imaginei um final feliz pra todos. Disse à Aurora que daria uma boa explicação para o Ambrósio. Que estava ali para ajudá-la... Peguei mil dólares dela e dois do velho.

– E o que é que disseste pro Ambrósio?

– Disse que a mancha roxa foi de um soco que uma tal de Odete, morta de raiva, deu-lhe no pescoço quando ela ganhou a quinta partida de buraco naquela madrugada. E que ela, a dona Aurora, tinha uma sorte danada no buraco.

– E ele acreditou?

– Penso que não. No fundo, no fundo, o que ele queria era ouvir de alguém uma explicação para a mancha, mesmo que fosse a mais estapafúrdia. Falou que eu tinha tirado um grande peso da cabeça dele...

– Imagino.

– Esse, então, foi o meu primeiro caso.

– E o segundo?

– O segundo foi em Joinville. Já te conto. Primeiro, vamos pedir mais uma *pizza*... Garçon!

– E mais vinho, Tive.

* * *

– Como era o nome do cachorro?

– Sócrates.

– Sim, e daí?

– E daí, embora o Dr. Bauer tivesse me falado que o mordomo trabalhava em sua residência há cinquenta anos e que era, portanto, um cidadão acima de qualquer suspeita, não afastei a hipótese de o Hans – o Hans é o mordomo – ter envenenado o Sócrates.

– Por quê?

– Porque percebi que o Dr. Bauer pagava uma miséria pra ele.

– Como percebeste?

– Pelos sapatos gastos, punhos e colarinho puídos, paletó cerzido. De pobreza eu entendo!

– Piramidal!

– Nem tanto. Mas ao conversar com ele, com o mordomo, meu botão da braguilha me disse: “Este não é o culpado, Domingos! Um homem velho desse se desejasse matar alguém, mataria o patrão! Não o cão!”

– Botão da braguilha?

– É. Eu converso com os meus botões.

– Piramidal! Sim, e daí?

– Aí, eu pensei: é um caso a investigar. Alguém o matou, pois o Sócrates não se suicidaria, é claro. Então...

– Desculpe eu te interromper, Tive, mas já percebeste que tem um cara ali, mal-encarado, que não tira os olhos da nossa mesa?

– Já. É o tenente Galinha. Amigo do Fúlvio Vieira. Não te preocupes. É que ele deve tá doido pra te comer.

– Cruzes!

– Bem, deixa pra lá. Então, como eu estava contando, perguntei ao mordomo se o Sócrates era muito exigente ou se comia qualquer coisa. Respondeu que além de comer só pratos preparados por ele, só ele o servia, pois ninguém – além do Dr. Bauer, é claro – se aproximava dele, pois o Sócrates era uma fera. E só comia pratos dos grandes mestres.

– Como? Grandes mestres?

– Eu explico. O diabo do cachorro só gostava dessas comidas francesas. Por exemplo: nas segundas-feiras era uma receita de um tal de Bocuse. Nas terças, de um tal Lenôtre. Nas quintas, de não sei quem. Nos sábados, de não sei mais quem. Aí, eu perguntei: e nos domingos? Porque o Sócrates foi assassinado num domingo. E o Hans respondeu: nos domingos, pratos do Domingos.

– Como assim?

– É que nos domingos o Sócrates gostava de receitas do Domingos, que é um treinador de cães que o educou.

– Piramidal!

– Bem. Aí, eu não tive mais dúvidas. Se para o Hans, que era mordomo há cinquenta anos, o Dr. Bauer pagava uma merda, imagina o que ele pagaria para um treinador de cães! Procurei saber onde morava o Domingos e... e não deu outra. Confessou tudo.

– Confessou?

– Confessou. Confessou que deu cicuta pro Sócrates. Que deu chorando, porque gostava do cachorro. Mas que odiava o Dr.

Bauer, que ficou devendo a ele... Fiquei com pena do Domingos. Por isso, disse ao velho que o Domingos fugira mato adentro... E não falei que ele mora em Tijucas. Disse que o achei no interior de Vidal Ramos, lugar que eu nem conheço. E ganhei mais dois mil dólares!

– Piramidal!

– Mais vinho, Ivete?

– Não, obrigada, Tive. Acho que agora, depois desse vinho, com este frio, tá bom é de a gente pegar uma cama.

– Cama?

– Sim, cama. Mas cada um na sua!

– Sei, sei. Quanto a isso, Ivete, nunca te preocupes. Eu te quero só como secretária. Aliás, ainda hoje, eu dizia ao botão do colarinho que tenho a seguinte filosofia: onde se ganha pão não se come a carne.

– Piramidal, Tive. Piramidal!

O detetive de Florianópolis e os quatro cavalos de Oleb Etort

Fazia muito frio ao anoitecer daquela sexta-feira de junho em Florianópolis. De pé, à janela de seu escritório próximo à ponte Hercílio Luz, cabelos lustrosos de brilhantina, Domingos Tertuliano Tive, único detetive particular da cidade, depois de três grandes espirros no lenço já encharcado, assoou o nariz, mirou o morro do Cambirela e exclamou à secretária:

– Raio de gripe que não me larga, Ivete. E, por azar, vamos ter um sábado de merda!

– Como sabes, Tive?

– O Cambirela tá de chapéu.

– Não entendi.

– Quando tem nuvem no cocuruto do Cambirela, a gente diz que ele tá de chapéu. E Cambirela de chapéu é muita chuva no céu.

– Piramidal!

– E tem mais: além da chuva, vai bater vento sul, porque o meu calo tá começando a doer.

– Que saco! Logo num fim de semana.

– A não ser que...

Bateu o telefone. Ivete atendeu.

- Alô.
- É do escritório do detetive D. T. Tive?
- Sim.
- Ele está?
- Quem quer falar?
- É Joel Leite, da Carbonífera Leite, de Criciúma.
- É ele mesmo quem está no aparelho?
- Sim.
- Um momentinho, senhor Joel.

A secretária cobriu o fone e, fazendo biquinhos com os lábios carnudos, sussurrou ao detetive:

- Joel Leite, da Carbonífera Leite, de Criciúma. Atendes?
- Atendo, claro. Dá aqui. Alô.
- Senhor Tive?
- Sim.
- É Joel Leite, da Carbonífera Leite. O senhor vai bem?
- Muito bem. Só muita gripe. Já ensopei cinco lenços. Mas como vai o senhor, Dr. Joel. Como vão as vacas?

- Gatas?
- Vacas. As suas vacas? Vão bem?
- Não tenho vacas, senhor Tive. Sou o Joel Leite. O das vacas é outro Joel. O Joel Tourinho. O Tourinho é que é das vacas.
- Sei, sei. Entendi. Fiz confusão.
- Muita gente faz. Como sou Leite, pensam que tenho vaca.

Mas o que eu tenho é carvão.

- Sei, sei. Entendi. E como está a situação do carvão?
- Preta.
- Preta?
- Preta! A situação do carvão é preta.

- Sim... Mas em que posso ser-lhe útil, Dr. Joel?
- Não sou doutor, senhor Tive.
- Sei, sei. Pergunto: em que posso ser-lhe útil, senhor Joel?
- Leite.
- Leite? Como leite?
- Leite. Todos me conhecem por Leite. Embora não tenha vacas.
- Sei, sei. Mas... o que é que deseja, senhor Leite?
- Roubaram os meus cavalos.
- Cavalos?
- Cavalos!
- E daí?
- E daí é que eu gostaria que o senhor viesse a Criciúma.
- Quando?
- Hoje.
- Mas já são quase seis horas, senhor Leite. Está frio, vai chover e eu estou com uma gripe desgraçada. Já ensopei cinco lenços.
- De ranho?
- Sim. De ranho.
- O senhor usa lenço de fazenda?
- Sim.
- É isso. O lenço de fazenda vai acumulando o vírus da gripe. O bom é o lenço de papel porque...
- Vamos falar nos seus cavalos, senhor Leite. Quem sabe amanhã. Mesmo sendo sábado, dou um pulo aí.
- Amanhã poderá ser tarde.
- Por quê?
- Porque o roubo foi hoje à tarde, às quatro horas. E eu temo que o ladrão ou ladrões fujam de Criciúma. As saídas da cidade

estão bloqueadas. Mas, como o senhor bem sabe, eles poderão fugir pelo mato.

– Quantos cavalos?

– Quatro.

– Eles estavam onde?

– Quem?

– Os cavalos, pô!

– Aqui. Em Criciúma.

– Sei, senhor Leite. Mas onde? No hipódromo, na fazenda, no seu quintal?

– No escritório.

– Onde?

– No escritório.

– Tá de gozação, senhor Leite?

– Não estou de gozação, senhor Tive. Não me sinto com esse direito. É que o senhor não entendeu que são esculturas de cavalo. Ou cavalos de escultura? Bem, isso não importa. O que importa é que são cavalos de Oleb Etort.

– Oleb Etort?

– Oleb Etort!

– E quem é esse senhor?

– Oleb Etort é, é não, foi – pois já morreu – foi um dos maiores escultores da França. Especializou-se em cavalos. Qualquer cavalo dele vale uma fortuna.

– São de gesso?

– Gesso? Claro que não, senhor Tive. Oleb Etort só trabalhava em ouro. Os meus têm cerca de vinte centímetros cada um. Todos de ouro maciço.

– Ouro maciço?

– Ouro maciço. Corpo de ouro e olhos de rubi.

- Quanto valem?
- Qualquer cavalo de Oleb Etort vale centenas de milhares de dólares. Mas os meus valem muito mais porque estão trotando.
- Trotando?
- Sim. Trotando. Eu explico: o Oleb Etort, como lhe falei, especializou-se em cavalos. Mas a maioria dos que esculpiu ou estava no passo ordinário ou estava no galope. Mas os meus estão trotando, isto é, têm um par de patas em diagonal no solo e o outro par recolhido. Seja, estão num belo trote. Coisa rara nas obras de Oleb. Por isso, valem muito mais que qualquer outro.
- Quanto valem, então?
- Já lhe disse: algumas centenas de milhares de dólares.
- De dólares, é?
- De dólares. Como é, senhor Tive? O senhor poderá vir hoje? Pago-lhe bem.
- Cobro em dólares.
- Quanto?
- Para início dos trabalhos, mil.
- Pois eu já lhe pago os mil hoje. E se o senhor conseguir todos os animais de volta, pago-lhe mais mil por cabeça. Isto é, mais sete mil.
- Como sete mil? Não são só quatro cavalos?
- Tinha três vacas também.
- Vacas?
- Vacas!
- Mas o senhor não disse que...?
- Eu disse que não tinha vacas de leite. Mas junto com os quatro cavalos de ouro, os ladrões também levaram três vacas. Não falei nelas porque eram de prata. Valem bem menos.
- Sei, sei.

- Que é que acha, senhor Tive?
- É um caso a investigar. Quer dizer, então, que são quatro cavalos de ouro e três vacas de prata?
- Isso. E duas cabras de cobre.
- Cabras de quê?
- Cabras de cobre. Não falei nelas porque valem muitíssimo menos que os cavalos de ouro e as vacas de prata.
- Hummm, hummm. Tem mais algum bicho?
- Tem. Tem um urubu de carvão.
- Hummm, hummm. Como é mesmo o seu nome todo?
- Joel Leite.
- Olhe, senhor Joel, senhor Leite, ou seja lá quem for. O senhor pega os seus quatro cavalos de ouro, as suas três vacas de prata, as suas duas cabras de cobre e o seu urubu de...
- Senhor Tive?
- Sim!!!
- Por favor, senhor Tive. Não se irrite. Eu só quero saber se o senhor ainda não percebeu que Oleb Etort é exatamente belo trote escrito ao contrário?
- Oleb... belo. Etort... trote.
- Domingos?
- Sim.
- Quem tá falando é o Pereira, pô! Ainda continuas com essa de detetive?

* * *

- Meu Deus, Tive. Quase quebraste o telefone. O que houve?
- Era o sacana do Pereira outra vez! Mas ele não perde por esperar!

– Fica calmo, Tive. Queres um copo d’água?

– É o segundo trote que ele me dá!

– Segundo?

– É! O segundo! O primeiro foi quando saiu o primeiro anúncio no jornal. Aí, ele me deu um trote dizendo que haviam roubado um papagaio de estimação. Que o papagaio isso, e que o papagaio aquilo, e que o papagaio contava piada de sacanagem, que fazia conta, que contava, que encantava, que era Flamengo... Agora, veio com essa de cavalo, vaca, cabra, urubu, o diabo... A partir de hoje, Ivete, telefonema sobre roubo de bicho eu não dou mais conversa! É tudo trote do sacana do Pereira! Além do mais...

Bateu o telefone. A secretária atendeu.

– Alô.

– É do 88-8888?

– Sim.

– É do escritório do senhor Tive?

– Sim.

– Ele está?

– Quem quer falar?

– Diga que é o Tourinho, de Criciúma.

– Momentinho.

Ivete cobriu o fone e, fazendo biquinhos com os lábios carnudos, sussurrou ao detetive:

– É o Tourinho, de Criciúma. Atendes?

– Diz pra ele ir ordenhar um touro. Mas que, antes, lave bem as mãos.

– Piramidal, Tive. Piramidal!

O detetive de Florianópolis e o crime da rua João Pinto

Às dez horas de uma quente segunda-feira de janeiro, Domingos Tertuliano Tive, único detetive particular de Florianópolis, chegou ao seu escritório situado à rua Felipe Schmidt, 888, quase à cabeceira da ponte Hercílio Luz, fulo da vida.

– Eu mato aquele sacana!!! – berrou ele à secretária.

– Calma, Tive. E antes de mais nada, me dá bom-dia.

– Bom dia, Ivete. Desculpa. É que eu não aguento mais esse canalha do Pereira!!!

– Calma, homem. Senta e conta o que houve.

– O que houve é que eu estava agora mesmo saindo da garagem do meu prédio e ele ia passando de táxi. Aí, pediu pro motorista parar, baixou o vidro e gritou: Detetive D. T. Tive, roubaram o meu papagaio. E o meu urubu, também! Preciso do senhor, D. T. Tive!

– E só por causa disso ficaste tão irritado assim?

– Claro! Tinha uma porção de gente esperando o ônibus. Todo mundo riu. Além disso, ele fez um sinal assim, com os dedos...

Bateu o telefone. A secretária atendeu.

– Alô.
– É do escritório do senhor Tive?
– Sim. Quem deseja falar?
– Aqui é da Comercial Cometa. O diretor, o senhor Moreira, precisava falar com ele.

– Um momentinho.

Ivete cobriu o fone e, fazendo biquinhos com os lábios carnudos e mastigando as sílabas, sussurrou:

– É da Comercial Cometa. O diretor, senhor Moreira, quer falar contigo. Atendes?

– É ele mesmo quem tá no aparelho?

– Não. É uma moça.

– Diz que estou falando pro estrangeiro. Pede pra ela deixar o número. Dentro de dez minutos, a gente liga.

– Por favor, quer deixar o número. É que o senhor Tive está num telefonema internacional.

– 77-1177.

– Obrigada. Daqui a pouco a gente telefona.

– Qual foi o número que ela deu?

– 77-1177.

– Então, vê no guia se este é o número da Comercial Cometa. Se for, liga.

Ivete passou a unha escarlate sobre a página.

– Comercial Cometa... 77... 11... 77.

– Então liga. Pensei que fosse outro trote do sacana do Pereira.

* * *

– ... e, se possível, senhor Tive, gostaria que viesse ao meu escritório agora mesmo. É aqui, na João Pinto, perto da...

– Sei onde é. Dez minutos e estarei aí, senhor Moreira.

* * *

– Bom dia, senhor Perei... Moreira.

– Bom dia, senhor Tive! Que bom que já chegou! Estou muito nervoso. Sente-se, por favor.

– Obrigado. Mas... em que posso ser-lhe útil?

– Senhor Tive, acabaram com a minha firma, acabaram... com a minha honra! Uma vergonha! Uma vergonha, senhor Tive! Estou velho e tendo problemas de coração! Acho que não vou resistir a tanta vergonha!

– Calma, senhor Perei... Moreira. Calma. Fique calmo e conte tudo. O que aconteceu, afinal?

O comerciante respirou profundamente, ergueu-se da poltrona, deu três passos, tirou os óculos, curvou-se e, quase encostando os lábios no ouvido do detetive, sussurrou durante uns dois minutos.

– Não!!! Não é possível!!! – exclamou Tive.

– Pois é verdade! – confirmou o senhor Moreira, retornando à poltrona.

– Mas... mas não é possível! – tornou o detetive.

– Mas é verdade! – reconfirmou o comerciante.

– Bem, senhor Moreira, fique calmo e comecemos tudo de novo. O senhor falou muito baixinho. Talvez eu não tenha entendido bem.

– Falei no seu ouvido porque tive vergonha de falar olhando os seus olhos. Vergonha, senhor Tive! Estou velho, não merecia isso!

– Calma, senhor Perei... Moreira. Calma. Quero só que o senhor me responda a algumas perguntas. Que horas começou a reunião?

- Às oito e quinze. Estava marcada para as oito. Começou com atraso.
- E a que horas aconteceu esse... essa... essa...?
- Barbaridade!
- ... barbaridade?
- Às oito e meia. Nós tínhamos quinze minutos de reunião quando tudo aconteceu.
- Da reunião só participavam funcionários seus?
- Não. Isso é que é o pior. Participavam vários sócios. Todo fim de mês eu faço uma reunião com os sócios.
- Quantas pessoas estavam na reunião?
- Oito. Quatro da casa. Quatro de fora, isto é, os sócios. Que vergonha, senhor Tive! Que vergonha que eu passei!
- Só imagino... Quer dizer que a energia só chegou às oito e meia?
- Exato! Foi quando tudo aconteceu!
- Preciso conhecer a sala de reuniões, senhor Moreira.
- Pois não.

* * *

- ... então, os dois únicos lugares da firma que não têm ar condicionado são a minha sala, onde nós estávamos, e aqui, na sala de reuniões. É que o ar condicionado me faz muito mal. Fico com os pés gelados, me ataca a garganta, me resfrio. Por isso, aqui e na minha sala só tem ventilador.
- É um caso a investigar, senhor Pe... Moreira. E no senhor não bateu... não bateu...?
- Excremento.
- ... excremento?

– Claro que sim, senhor Tive. Já fui em casa tomar banho e mudar de roupa.

– Quer dizer que a reunião começou com o ventilador desligado?

– Claro... Pois não tinha energia. Mas... quando foi oito e meia... a energia chegou e, aí, foi aquela... aquela barbaridade! Estou velho, senhor Tive! Não merecia...

– Fique calmo, senhor Moreira.

– Que vergonha! O senhor conhece o Ambrósio?

– Aquele de Lages, casado com uma moça muito bonita, a dona Aurora?

– Esse mesmo. Pois o Ambrósio, que tem um bom dinheiro aqui comigo, recebeu um montão no rosto. No rosto, senhor Tive!

– Alguém escapou?

– Claro que ninguém, senhor Tive! Como poderia ter escapado alguém? Olhe para o chão! Olhe para as cadeiras! Olhe para a mesa! Olhe para o teto! Olhe para as estantes! Olhe para as paredes! Olhe para o retrato do meu querido e saudoso pai! Nele ainda não aparece muito porque ele tá de marrom.

– Tive abriu a maleta, retirou uma enorme lupa e examinou demoradamente o ventilador, de cuja grade, amarrado a um barbante, ainda pendiam frangalhos de um saco plástico.

– Quer dizer que o... que o...

– Excremento!

– ... isso, o excremento estava neste pacote de plástico amarrado na grade do ventilador. Aí, quando a energia chegou, foi aquela...

– Barbaridade! Aquela barbaridade, senhor Tive!

– Hoje de manhã faltou energia em toda à rua João Pinto?

– Bem, isso eu não sei.

– Pois isso é a primeira coisa a investigar. Dá licença, vou usar o telefone.

– Cuidado, senhor Tive! O telefone tá todo... todo sujo! Use o da minha sala.

* * *

– ... quer dizer que o senhor assegura que não houve corte de energia aqui na rua João Pinto?

– Nem na João Pinto nem em nenhuma rua do Centro. Sou o responsável pelo setor, senhor Tive.

– Obrigado.

* * *

– Quantos funcionários o senhor tem aqui no escritório central, senhor Pe... Moreira?

– Dez.

– Dos quais quatro estavam na reunião.

– Sim.

– Posso interrogar os outros seis?

– Esteja à vontade, senhor Tive.

* * *

– Bom dia. O senhor é que é o encarregado da limpeza?

– Sim. Por quê?

– Não. Por nada. É que eu ando procurando quem tenha mudas de goiabeira pra vender. E me disseram que era capaz que o senhor tivesse.

– Tenho de montão.

– Verdade?

- Verdade!
- Onde é que o senhor mora?
- Em Santo Amaro.
- Tem muita goiaba madura na sua casa?
- De montão.
- Então, o senhor comeu muita goiaba no sábado e no domingo?
- De montão.
- Feijão comeu pouquinho?
- É. De feijão comi pouquinho. Como sabe?
- Como é o seu nome?
- Filomeno. Filomeno Goiabeira.
- Estou satisfeito. Até logo.
- E as mudinhas de goiabeira?

* * *

- Com licença, senhor Pereira?
- Moreira.
- Desculpe. Moreira.
- Entre, senhor Tive. Como é? Descobriu alguma coisa?
- O senhor pode chamar a polícia. O criminoso é o Filomeno Goiabeira!
- Não é possível!!! Trabalha comigo há trinta anos!!!
- Talvez por isso mesmo, senhor Pe... Moreira. Peça que a polícia o interrogue. Aguardo um telefonema seu. Até logo.
- Mas como descobriu?
- Nesses casos, eu vou pelo faro!

* * *

Ao anoitecer do mesmo dia.

– É o senhor Moreira. Atendes?

– Sim, claro. Dá aqui. Alô.

– Senhor Tive?

– Sim.

– O senhor está de parabéns. Confessou tudo. Disse que chegou às sete, desligou a energia, pendurou o saco na grade e, logo que começou a reunião, ligou a energia. Já está preso. Quanto lhe devo?

– Só mais quinhentos.

– Dólares?

– Dólares. Ou o equivalente em cruzeiros. Mas no paralelo.

* * *

– Para o nosso arquivo, como é que vamos denominar esse caso da Comercial Cometa, Tive?

– Bota qualquer coisa, Ivete. Um bom nome é Merda no Ventilador.

– Fica feio. Prefiro: O Merdício.

– O Horrroso Merdício, então.

– Isso, Tive, isso! Piramidal!

O detetive de Florianópolis e o lobisomem do Saco Grande

Naquela morna tarde de setembro, de pé, à janela de seu escritório à rua Felipe Schmidt, com a comprida unha do dedo mínimo da mão esquerda escarafunchando o ouvido direito, Domingos Tertuliano Tive, detetive particular de Florianópolis, único da cidade, olhava o início do pôr do sol e divagava.

– Por que será, Ivete, que todo anoitecer é triste? – indagou ele à secretária.

– Certa vez, Tive, eu ouvi uma explicação a respeito disso. Me disseram que é triste porque todos nós trazemos na memória o medo que, na pré-história, os nossos ancestrais tinham da escuridão. Com a noite, chegavam o frio, o temor às feras, os insetos, os fantasmas. O cara que explicou isso me falou que é por causa de um tal de inconsciente coletivo. Disse também que...

Bateu o telefone. A secretária atendeu.

– Alô.

– É do escritório do detetive D. T. Tive?

– Sim. Quem deseja falar?

– Marcela Morango.

Ivete enfiou o telefone entre as coxas e, mastigando as sílabas, sussurrou:

– Marcela Morango. Atendes?

– A Marcela Morango??? Mas é ela mesma quem tá no aparelho???

– Acho que sim. Mas por que tanto espanto, Tive?

– A Marcela Morango é a mulher mais gosto... mais deli... mais bonita e rica de Florianópolis. Além disso, é viúva.

– E daí, Tive? Estás querendo casar?

– Não. É que... é que... pergunta se é ela mesma quem está falando.

– Alô. É a dona Marcela mesma que está no aparelho?

– Sim.

Ivete tornou a agasalhar o telefone entre as coxas e sussurrou:

– É ela mesma. Atendes?

– Claro! Dá aqui! Alô, como vai a senhora, dona Marcela?

– Bem. E o senhor?

– Bem, também. E muito melhor agora porque estou falando com a senhora. Em que posso ser-lhe útil, dona Marcela?

– É um caso muito misterioso, senhor Tive. O senhor tem tempo de me escutar uns minutinhos?

– Claro, dona Marcela, claro. Às ordens.

– Não sei se me conhece, senhor Tive. Sou viúva do...

– Claro que a conheço, dona Marcela. A senhora vai sempre à praia da Joaquina. É alta, bem loura, olhos azuis, parecida com a... com a...

– Marilyn Monroe?

– Marilyn Monroe. Isto mesmo. Mas continue, dona Marcela.

– Eu também acho que o conheço de vista, senhor Tive. O senhor é moreno, estatura média, cabelos pretos e lisos bem besuntados de brilhantina, usa a unha bem comprida do dedo menor da mão esquerda, tem um carro verde com placa... as letras eu não lembro, mas o número é 8888. Estou certa?

– Certíssima, dona Marcela. Certíssima! Aliás, comigo é tudo na base do oito. Meu escritório é na Felipe Schmidt 888. Meu telefone é 88-8888. E o meu carro é 8888. Fácil de guardar, né?

– É fácil, sim. E é tigre, né, senhor Tive?

– Tigre?

– Sim. Estou dizendo que, no jogo do bicho, 88 é tigre.

– Ah, sim. Pensei que a senhora estivesse se referindo ao oito. Porque oito é camelo.

– Sim. Eu sei, senhor Tive. Mas oito é camelo no grupo. Assim como três é burro. Mas a dezena zero-oito é águia.

– É...

– O jogo do bicho é muito interessante e muito misterioso, não acha, senhor Tive?

– Acho. Mas vamos falar no caso da senhora, dona Marcela. A senhora falava que era viúva e que...

– Perfeitamente. O que eu queria lhe falar é que, desde que viuvei, vem acontecendo uma coisa muito misteriosa aqui em casa. Não sei se o senhor sabe que eu moro só. Só é maneira de dizer. Moro com os empregados, que são vários, pois a casa é muito grande, dá muito trabalho. Está escutando bem, senhor Tive?

– Claramente, dona Marcela. Pode continuar.

– Pois bem. Eu vinha notando que, sempre que fazia uma noite quente, ouvia barulhos estranhos perto das janelas e passos

pelo jardim. Aí, eu me vestia, abria a janela ou ia à porta e nunca via ninguém.

– Só nas noites quentes?

– Só nas noites quentes.

– É um caso a investigar.

– Mas ontem, senhor Tive, como estava uma noite quente, fui dar uma volta com uma amiga, a Aurora, e...

– A Aurora, casada com o senhor Ambrósio?

– Ela mesma. O senhor a conhece?

– Muito. É uma senhora muito alegre, muito simpática, muito...

– Muito. A Aurora é simpaticíssima. Mas, infelizmente, é muito incompreendida. É que o Ambrósio é muito ranzinza, muito impertinente, muito incompreensivo. O senhor imagine que, um dia, no Rio, só porque a pobre da Aurora quis participar de um concurso de bumbum numa boate, ele deu a maior bronca nela. Disse que aquilo não ficava bem para uma senhora casada, uma senhora distinta, e mais isso e mais aquilo. Coisa de velho atrasado! Como se uma mulher, só por ser casada, não tivesse o direito de exibir a bunda. Principalmente, uma bela bunda. Desculpe a expressão, senhor Tive.

– Ora, dona Auro... Marcela.

– Mas o que faz isso é a diferença de idade, sabe, senhor Tive? A Aurora tem só 29 anos. O Ambrósio, 60.

– Sei, sei.

– Mas, como eu lhe dizia, fui dar uma volta na Beira-Mar com a Aurora e voltei às quatro da manhã. Cheguei, tomei banho e fui pra sala curtir uma musiquinha, pois estava sem sono. Subitamente, eu vi um vulto à janela. Às pressas, vesti uma

calcinha e um sutiã e corri pra rua. E o que eu vi, senhor Tive, o que eu vi foi... foi terrível. Terrível! Fico nervosa só em lembrar!

– Viu o quê?

– O senhor vai pensar que estou louca! Mas não estou, senhor Tive! Não estou!

– Sim, dona Marcela. Sei que não está louca. Conte o que viu.

– O que vi foi um... um lobo... um homem... um homem-lobo, um lobo-homem, um lobisomem. Oh, que coisa horrível, senhor Tive!

– Fique calma. Há quanto tempo vêm acontecendo essas coisas?

– Desde que viuvei. Faz oito meses.

– Sempre em noites quentes?

– Sempre em noites quentes.

– E sempre que a senhora está... está sem roupa?

– É. Sempre que estou nua. Gosto muito de ficar nua. Nasci pra ser nudista, sabe, senhor Tive? Eu encaro o nudismo com muita naturalidade, com muita arte. Sem maldade nenhuma, entende?

– Entendo.

– O que acha de tudo isso, senhor Tive?

– Como já disse, é um caso a investigar!

– Como é que faremos, então? O senhor poderá vir aqui? O senhor sabe onde moro?

– Sei, sei. No Saco Grande. Uma casa amarela...

– Isso mesmo. O senhor virá, então?

– Quando?

– Hoje. Já anoiteceu. Eu tenho certeza de que ele vai surgir outra vez hoje, porque a noite está quente. Por favor, senhor Tive, venha. Estou morrendo de medo!

– Mas escute, dona Marcela, o caso...

– Pode me chamar de Marcela, senhor Tive. Só tenho trinta anos.

– Está bem. Mas tu dizias que... o caso... é que o lobisomem ou seja lá o que for só aparece em noites quentes.

– Sim. Só em noites quentes, senhor Tive.

– Certo. Mas o que penso, Marcela, é que ele aparece não por ser uma noite quente. Ele aparece porque tu ficas nua. Ou em alguma noite em que ele surgiu tu estavas vestida?

– Não. Nunca. Realmente, ele só aparece quando estou nua.

– Nesse caso... nesse caso...

– Nesse caso o quê, senhor Tive? Por favor, não coloque dificuldades. Já imaginou se o senhor mata ou pega esse... esse monstro? Já vejo até as manchetes nos jornais: “Morto o lobisomem do Saco Grande!” ou “Detetive D. T. Tive mata o lobi...”

– Bem. Eu irei aí.

– Ah, que bom. Mas quero que o senhor prometa uma coisa, senhor Tive.

– O quê, Marcela?

– Quero que o senhor prometa que... o senhor entende, né?

– O quê, Marcela?

– É que eu quero desvendar esse mistério de uma vez por todas. Então, eu vou ficar nua – ou só de calcinha – porque sei que, caso contrário, ele não aparece. Por isso, eu quero que o senhor prometa... que o senhor... que o senhor entenda que a nudez, pra mim, é uma coisa natural, é uma arte, uma coisa muito bonita.

– Mas isso é claro, Marcela! Eu também encaro a nudez com muita naturalidade!

– Ah, que ótimo! Se é assim, o senhor pode ficar nu também, porque eu não reparo. Certo?

– Certo!

– Mas o senhor promete não tocar em mim?

– Claro, Marcela, claro! E, também, podes me chamar de tu. Não sou tão velho, também.

– Ótimo! Que horas virás, Tive?

– Agora!

– Não. Espera meia hora, quarenta e cinco minutos, porque eu vou tomar um bom banho para ficar bem cheirosa, tá?

– Tá.

– Eu gosto muito de usar calcinha azul claro. Combina com os meus olhos. Que tal?

– Mas...

– E vou usar o meu perfume predileto: “Noites de Sodomia”.

– Mas... escuta...

– Domingos?

– Sim.

– Quem tá falando é o Pereira, pô! Já te esqueceste que, desde os tempos do Colégio Dias Velho, sou o mais perfeito imitador de vozes que já apareceu em Florianó...

* * *

– Meu Deus, Tive. Quebraste o telefone inteirinho!

– E agora vou quebrar o sacana do Pereira onde ele estiver! Onde ele estiver, Ivete! Onde ele estiver!!!

O detetive de Florianópolis e o segredo da viúva Quinha

Naquela tarde de julho, no seu escritório à rua Felipe Schmidt, recostado na cadeira, pernas cruzadas e pés sobre a mesa, Domingos Tertuliano Tive, único detetive particular de Florianópolis, conversava trivialidades com sua secretária.

- ... e do meu anel, gostas, Ivete?
- Gosto. Gosto muito de ametista. Pena que tu o uses justamente no dedo em que tens essa unha horrorosa de grande.
- Não gostas da minha unha? Por quê?
- Para te falar a verdade, Tive, detesto. Aliás, quando te conheci, naquela tarde em que te procurei pedindo emprego, tive vontade de...

Tocou o telefone. A secretária atendeu.

- Alô.
- É 88-8888?
- Sim.
- O detetive D. T. Tive está?
- Quem deseja falar?
- Valda Macieira.
- Um momentinho.

Ivete enfiou o telefone entre as coxas e, destacando as sílabas e fazendo biquinhos com os lábios carnudos, sussurrou:

– Valda Macieira. Atendes?

– Diz que estou num telefonema internacional. Pede o número.

– Por favor, quer deixar o número? O senhor Tive está falando com a Bolívia.

– 69-6969.

– Obrigada. Daqui a pouco a gente liga.

– Qual foi o número que ela deu?

– 69-6969.

– Vê no catálogo. Pode ser trote do sacana do Pereira.

Ivete passou a unha escarlate sobre a página.

– Macieira... Astrogildo... 69-6969.

– Deve ser o nome do marido. Então, liga.

* * *

– ... e o senhor poderia vir aqui agora, senhor Tive?

– Qual é o endereço, dona Valda?

– É em Coqueiros. Rua do Sol, 69.

– Dez minutos e estarei aí.

– Esse Astrogildo Macieira não é um que era amigo do tenente Galinha, Tive?

– Acho que é, Ivete.

– Ele não morreu há pouco tempo?

– Morreu. Morreu como um passarinho.

– É mesmo? Como?

– Com um tiro nos cornos.

– Piramidal!

– Bem, qualquer coisa importante, liga pra lá. Até logo, boneca.

– Até logo, herói.

* * *

– Dona Valda?

– Sim. Boa tarde, senhor Tive. Entre, por favor.

– Obrigado.

– Por aqui, senhor Tive. Vamos sentar perto da lareira. Estou morrendo de frio.

– Também estou.

– Aceita um conhaque?

– Se não for incômodo.

– Incômodo nada, senhor Tive. Também vou tomar.

– A sua lareira é uma beleza, dona Valda.

– De fato, não faz um pingo de fumaça... Saúde, senhor Tive.

– Saúde, dona Valda. Hummmmm... que conhaque bom.

– É grego. Chama-se Metaxa.

– É ótimo. Mas em que posso ser-lhe útil, dona Valda?

– Prefiro que me chame de Quinha, senhor Tive. Na intimidade, todos me chamam assim. Quinha é meu apelido desde menina. Nem mesmo o meu marido me chamava de Valda. Só Quinha.

– Onde está o seu marido? Trabalhando?

– Não. Meu marido morreu faz seis meses. O senhor não soube?

– Confesso que não.

– Foi assassinado em São Paulo. Latrocínio.

– Latrocínio?

– Sim. Latrocínio. Por quê?

- Não. Por nada.
- Estivemos casados só três anos.
- Tem filhos?
- Não. E não foi por falta de tentativas. Sinto muita falta.
- Do seu marido?
- Sim. E das tentativas.
- Sei...
- E o senhor é solteiro, senhor Tive?
- Solteiro. Quase um solteirão, já.
- Que idade o senhor tem?
- 40.
- Mas aparenta bem menos. Aliás, acho que conheço o senhor de vista.
- É possível.
- Penso que, faz pouco tempo, vi o senhor num barzinho ali da Beira-Mar. Estava com uma moça alta, loura, muito bonita. Namorada?
- Não. É a minha secretária. A Ivete.
- Ela não foi misse Joaçaba?
- Foi.
- Pois eu me lembro. Ela foi misse Joaçaba quando eu fui misse Tubarão. Aquele concurso de misse Santa Catarina foi ótimo. Bons tempos... Já faz 11 anos...
- 11 anos?
- 11 anos. Eu tinha 19. Estou com 30. A Ivete deve ser da minha idade.
- É. Tem 29.
- Isso mesmo. Ela é da idade da Aurora, que foi misse Lages. Conhece?
- De vista. É muito bonita.

- A Aurora é linda. E a Marcela Morango, o senhor conhece?
- De vista, também. A senhora é muito parecida com ela.
- Muita gente acha. E temos o mesmo manequim.
- Mas... em que posso ser-lhe útil, dona Quinha?
- Quinha, senhor Tive, Quinha. Tire o dona.
- Certo. Mas em que posso...
- É um segredo, senhor Tive.
- Tive, Quinha, Tive. Tira o senhor.
- Ótimo. Assim fica mais íntimo. Outro conhaque, Tive?
- Aceito.
- Primeiro, mais lenha na lareira... assim... E, agora, mais um conhaquezinho. Saúde, Tive!
- Saúde, Quinha!
- Tira o paletó, Tive. Fica à vontade.
- Obrigado. De fato, esquentou. Conhaque e lareira esquentam qualquer um.
- Às tardes, quando faz frio, eu sempre acendo a lareira e tomo um conhaquezinho. Dá um calor, uma preguiça, uma... uma... cala-te, boca!
- Não entendi.
- Nada, Tive. Quase disse besteira. Acho que o conhaque já tá fazendo efeito. Não repara, tá, Tive?
- Ora, Quinha. Mas... o que houve? No telefone, disseste que precisavas muito da minha presença.
- É um segredo, tá, Tive?
- Sim, claro, sei. Podes falar.
- O negócio é o... o negócio é o seguinte... eu... eu... tu entendes... Floripa é uma cidade pequena... e eu...
- Desembucha, Quinha.
- Bem... eu... bem a Aurora falou a teu respeito.

– A Aurora? Falou o quê?

– Falou que és de confiança. Que guardas sigilo. Aliás, eu até decorei o teu anúncio no jornal. Vê se não é assim: D. T. Tive, detetive particular. Absoluto sigilo. Fone 88-8888. Certo?

– Certo. Mas qual é o teu segredo? E o que foi que a Aurora falou a meu respeito?

– Falou que descobriste tudo.

– Descobri o quê?

– Que o Sérgio Murilo é amante dela e... mas que nunca falaste nada... e que acertaste a situação dela com o marido, o Ambrósio... e que... em suma, que és de absoluta confiança.

– E o que mais?

– Falou tudo. Falou que o Ambrósio te contratou para saber a razão de uma mancha roxa no pescoço dela. E que tu descobriste tudo mas não disseste a verdade para o velho Ambrósio. Que inventaste para o velho que a mancha roxa foi de um soco que uma tal de Odete deu nela, na Aurora, numa madrugada de jogo de buraco. E que então ela deu mil dólares pra ti... e... e... ficou tudo bem. Verdade?

– Verdade.

– E eu fiz um teste contigo perguntando se conhecias a Aurora e respondeste que conhecias só de vista. Achei espetacular. Se fosse outro já diria que...

– E daí?

– E daí é que eu... eu...

– Desembucha, Quinha. Qual é o teu segredo?

– Ainda não percebeste?

– Confesso que não.

– Então aguarda só uns dez minutinhos que já te conto.

Com licença.

- Pois não. Enquanto isso, vou telefonar para o escritório.
- Fica à vontade, Tive. E te serve de conhaque. Já és da casa.

* * *

- Ivete, sou eu, Tive.
- Tudo bem?
- Tudo. Escuta, Ivete, o que é latrocínio?
- Latrocínio? Por quê? Houve algum latrocínio aí?
- Não. Não é isso. Sabes o que é?
- Latrocínio... Olha, Tive, eu acho que é um roubo com violência... um roubo com morte ou com ferimentos graves.
- Ah, é isso mesmo... Eu tinha esquecido.
- Mas por quê?
- Não, por nada. Tudo bem aí?
- Tudo. Vais demorar?
- Não sei, Ivete. Mas podes ir embora. Já passa de seis e meia. Amanhã, falo contigo.

* * *

- Desculpa, Tive. É que fui tomar um banhozinho rápido. E pegar umas fotos.
- Fotos?
- Sim fotos. Mas antes vamos pegar mais um conhaquezinho... Estás sentindo meu perfume?
- Sim.
- Gostas?
- Gosto.
- É o meu preferido. Chama-se Avidez.
- Avidez?

- Avidez!
- Tá bom, Quinha. Chega. Queres me dar um porre?
- Quero. Saúde!
- Saúde!
- Olha, aqui, é quando eu fui misse Tubarão. Gostas?
- Gosto.
- Aqui, foi num carnaval em Camboriú. Eu estava de “Odalisca Assanhada”. Gostas?
- Gosto.
- Aqui foi quando eu ganhei o concurso da mais bela tanga da praia da Joaquina. Gostas?
- Gosto!
- Gostas mesmo ou só estás dizendo para me agradar?
- Juro que gosto! Juro!
- E agora... agora uma surpresa. Olha!
- Mas...
- Conheces?
- Conheço.
- As três?
- As três.
- Então, diz quem são.
- Tu, a Aurora e a Marcela Morango. Mas... em que praia?
- Claro que só poderia ser numa praia deserta.
- Mas... mas...
- Não vais querer perguntar quem bateu a foto. É claro que foi batida no automático, Tive. Gostas?
- Gosto.
- Quem é a mais bonita?
- Tu.
- Mesmo?

- Mesmo!
- Achas que mudei?
- Não.
- Mas como podes saber se mudei se nunca me viste nua?
- Eu... imagino.
- Então, olha.

Valda Macieira deixou a poltrona, pôs-se à frente da lareira e, calmamente, abriu o robe. O carrilhão batia sete horas.

* * *

- Bom dia, Ivete, tudo bem?
- Tudo, Tive. Mas... pareces tão cansado...
- Não. Estou bem.
- Resolveste o problema da Valda Macieira?
- Resolvi.
- O que era?
- Coisa simples. Escuta, Ivete, o que é avidez?
- Avidez é... é um desejo muito grande... uma sofreguidão.

Por quê?

- Por nada. Esquece.

O detetive de Florianópolis e o dia da caça

Ao anoitecer daquela fria quarta-feira de fim de julho, era grande o silêncio no escritório do detetive Domingos Tertuliano Tive. Havia quase uma hora que, recostado na cadeira, pernas cruzadas e pés sobre a mesa, o famoso e único detetive particular de Florianópolis fixara o olhar nos sapatos e rodava o anel de ametista que usa no dedo mínimo da mão esquerda, o mesmo em que, há muito, mantém a unha comprida feito uma lâmina. À mesa ao lado, durante o mesmo tempo, Ivete, sua piramidal secretária, rabisca as margens de uma página de jornal.

- Estás muito estranho hoje, Tive.
- Por quê, Ivete?
- Queres mesmo que eu responda?
- Claro que sim.
- Chegaste, hoje de manhã, às dez horas, com olheiras, visivelmente cansado. Aí, eu perguntei se tinhas resolvido o problema da Valda Macieira, ontem. Respondeste que sim e pronto. Não falaste mais nada. Passaste o dia mudo. Tenho ou não tenho razão?
- Tens.

– Então, conta o que houve ontem. Ela telefonou, ansiosa, pedindo a tua presença. Saíste daqui às cinco e pouco e foste pra casa dela. E daí?

– E daí... bem... o caso é que... ela...

– Bolas, Tive! Queres contar, conta. Não queres, não conta. Pra mim é indiferente.

– Ela te conhece...

– A Valda Macieira? De onde?

– Quando tu eras misse Joaçaba e concorreste no concurso de misse Santa Catarina, quem era a misse Tubarão?

– A misse Tubarão?

– É.

– Ah! Me lembro. Ela até tirou em segundo lugar. Era uma loura... Valda. Valda Fuck. Mas todo mundo a chamava de Quinha. Mas não vais querer me dizer que a... que a...

– Isso mesmo. A Valda Fuck casou com o Astrogildo Macieira e virou Valda Macieira. Elementar, minha cara Ivete.

– E o que é que ficaste fazendo, no mínimo, até uma e meia da manhã na casa dela?

– Uma e meia da manhã?

– Uma e meia da manhã! Ontem, Tive, acontece que ontem, fui jantar com uma amiga num restaurante do Bom Abrigo. E, na volta, vi teu carro parado na frente da casa dela, em Coqueiros. Certo?

– Certo.

– E o que é que aquela... e o que é que ela queria contigo? O que houve, ontem à noite? Conta.

– São seis e dez, Ivete, e eu preciso...

* * *

A poucos quilômetros, na Secretaria de Segurança.

– Pereira? Tu por aqui? Que é que há, amigo?

– Estou precisando de ti, Eleutério. O negócio é o seguinte: tu te lembras do Domingos?

– Claro. Domingos Tertuliano Tive. Sabes que ele agora é detetive?

– Sei. E é justamente por isso que eu vim aqui. Eu queria dar um trote nele.

– Mas daqui? Da Secretaria? Fica chato, pô.

– Nada, cara. Ninguém vai saber. Tu ligas e falas que o secretário quer falar com ele. Aí, a secretária dele vai dizer que ele está num telefonema internacional e vai pedir o número daqui para ter certeza de que não é trote. Aí, quando ela ligar, tu atendes e passas para mim.

– E se o secretário descobrir? Aí, quem se arromba sou eu!

– Nada, cara! Todo mundo usa o telefone desta sala!

– Então, tá. Qual é o número?

– 88-8888.

* * *

– ... mas eu não entendo essa pressa. Tive. Tu costumas sair sempre depois das sete! Conta o que ela falou a meu respeito. E como é que surgiu o meu nome na conversa?

– Ela falou que um dia nos viu num barzinho da Beira-Mar. Perguntou se eras minha namorada e eu respondi que não, que eras secre...

Tocou o telefone. A secretária atendeu.

– Alô.

– É do escritório do senhor Domingos?

– Sim. Quem deseja falar?

– Aqui é da Secretaria de Segurança. O secretário gostaria de falar com ele.

Ivete agasalhou o telefone entre as coxas e, fazendo biquinhos com os lábios carnudos, segredou:

– É o secretário de Segurança. Atendes?

Diz que estou num telefonema internacional. E pede o número. Deve ser trote do sacana do Pereira.

– Por favor, pode deixar o número? É que o senhor Tive está falando com o exterior.

– 99-0000.

– Qual foi o número que ela deu?

– Ela, não. Ele. Era um homem. 99-0000.

– Vê no guia, então.

Ivete correu a unha escarlate sobre a página.

– Secretaria de Segurança... tem vários... ah, tá aqui: 99-0000.

De fato, é. Tive empalideceu.

– Então, liga! Depressa!

* * *

– ... um momentinho, senhor Tive. Já vou passar para o secretário.

– Pois não, senhor.

– Senhor Tive?

– Sim, secretário. Como vai o senhor? Melhorou do braço?

– Só um instante, senhor Tive. Meu telefone está muito baixo.

Pereira cobriu o telefone e indagou ao Eleutério.

– Que foi que houve com o braço do secretário?

– Quebrou. Acidente de carro.

Pereira descobriu o telefone.

- Não entendi. O senhor perguntou se melhorei do cansaço?
- Não, secretário. Do braço.
- Ah, do braço! Melhorei, sim, senhor Tive.
- Mas... em que posso ser-lhe útil, secretário?
- Gostaria de falar com o senhor. Poderia vir aqui, senhor

Tive?

- Quando, secretário?
- Agora, se possível.
- Dez minutos e estarei aí.
- Um instante, senhor Tive. Meu telefone está horrível.

Pereira tornou a cobrir o telefone.

- Como é o nome da secretária do secretário?
- Gabriela.

Pereira descobriu o fone.

- Poderia vir agora, senhor Tive?
- Sim. Eu dizia que em dez minutos estarei aí.
- Ótimo. Quando chegar, diga à secretária, a Gabriela, que

o senhor...

*

- Deu certo, Pereira?
- Claro que deu. Já tá saindo de lá. Dez minutos e estará aqui.

- Então, nós temos que sair desta sala.
- Por quê, Eleutério?
- Porque sei que o secretário vai recebê-lo. E quando eles descobrirem que foi um trote aqui deste telefone, ele vai entrar aqui e dar o maior esporro.

– Mas eu queria ver, dessa janela, a entrada e a saída do Domingos, pô!

– Tem uma sala ali de onde dá pra ver quem entra e quem sai do prédio, ainda melhor. Vamos lá.

* * *

– Dona Gabriela?

– Sim.

– Sou o detetive Domingos Tertuliano Tive.

– Sei. Vi sua foto no jornal... aquele caso da rua João Pinto.

Quer falar com o secretário?

– Sim.

– Um momentinho.

* * *

– Pode entrar, senhor Tive.

– Obrigado.

– Por aqui...

– Boa noite, secretário. Como vai o senhor?

– Bem. Muito bem. E tu, Tive? Como vai a luta?

– A luta é braba, secretário. Muito crime, muito marginal, muito latrocínio.

– Latrocínio?

– Bem. Latrocínio nem tanto. Muito roubo.

– É. Roubo tem dado muito. Tem muito gato. Mas... li nos jornais aquele caso da rua João Pinto e achei muito engraçado. Só mesmo em Florianópolis pode acontecer um negócio daqueles...

– Na nossa cidade acontece de tudo, secretário. Floripa é a terra dos casos e ocasos raros.

– É verdade. Mas... como é que descobriste tão rapidamente que foi aquele tal de... de...

– Filomeno.

– Isso. Como é que descobriste assim, na hora, que o culpado era ele?

– Com a lupa, examinei a grade e as pás do ventilador e percebi que a... que a...

– O excremento?

– Isso. O excremento. Vi que o excremento tava assim de sementes de goiaba. Aí, como costume dizer, nesses casos eu vou pelo faro.

– Formidável, Tive, formidável. Que coisa engraçada. Já ri muito por causa disso. Choro de rir só em lembrar...

– Estou vendo.

– Mas... conta como foi que descobriste.

– Bem, de pobreza eu entendo! Então, eu pensei assim: um sujeito que passa o sábado e domingo – isso era uma segunda-feira – comendo só goiaba, deve andar mal de vida, muito revoltado. Aí, procurei saber quem ganhava menos na firma e me disseram que era um tal de Filomeno, o encarregado da limpeza.

– E aí?

– Aí, eu o procurei e indaguei se ele sabia quem tinha mudas de goiabeira pra vender. Ele disse que tinha. Que tinha muitas. Então, eu perguntei se ele tinha comido muita goiaba no fim de semana. Respondeu que passou dois dias só comendo goiabas. Aí, eu não tive mais dúvidas. Indaguei o nome dele e, por coincidência, é Goiabeira. Filomeno Goiabeira.

– Chega, Tive, chega. Se não, eu morro de tanto rir. Não aguento mais. Chegou até a passar minha dor no braço.

– Mas... em que posso ser-lhe útil, secretário?

– Eu é que te pergunto. Estás precisando de alguma coisa?

– Mas... eu... não. Bem, eu vim aqui só pra saber se o senhor... tinha melhorado do braço e... pra conhecê-lo pessoalmente. E dizer que estou aqui, às ordens, na luta contra o crime.

– Ótimo, Tive.

– E convidar o senhor pra tomar um vinhozinho na Beira-Mar. O senhor precisa se distrair...

– Quando?

– Agora.

– Que horas são?

– Sete e meia.

– Vou. Vamos rir mais um pouco. Quero que me contes como foi que o Goiabeira colocou o excremento no ventilador.

– Foi assim. Ele chegou cedo na firma e...

– Não, Tive, não. Conta lá, na Beira-Mar.

* * *

– Não entendi, Pereira. Olha lá. Eles estão saindo juntos.

– É mesmo.

– E o secretário tá com a mão no ombro dele.

– É mesmo.

– E os dois estão entrando no carro do Domingos.

– É mesmo.

– Deu tudo errado.

– É mesmo.

– Acho que o trote saiu pela culatra.

– É mesmo.

– Hoje foi o dia da caça.

– É mesmo.

O detetive de Florianópolis e os dólares de Chapecó

Naquela bela tarde de fim de março, Domingos Tertuliano Tive, nos meios jurídicos, policiais e criminais mais conhecido por D. T. Tive, único e famoso detetive particular de Florianópolis, chegou ao seu bem mobiliado escritório à rua Felipe Schmidt, no alto de uma colina próxima à ponte Hercílio Luz, visivelmente feliz.

– Boa tarde, Ivete. – disse ele à secretária. Tudo bem contigo?

– Tudo bem, Tive. E contigo?

– Não vou nem responder! Só quero que olhes isso!

O detetive colocou sua inseparável maleta preta sobre a mesa e girou os segredos. Com dois estalos as linguetas deixaram as fechaduras.

– Agora, Ivete, levanta a tampa!

– Eu? Por quê?

– Deixa de frescura! Abre!

A secretária obedeceu.

– Meu Deus, Tive! Que é isso?

– Dólares, Ivete! Dólares!

- Quanto, Tive? Quanto?
- Dez mil, Ivete! Dez mil dólares!
- Mas ganhaste tudo isso só com aquele caso de Chapecó?
- Só com o caso de Chapecó!
- Mas como? Já descobriste o ladrão?
- Claro, Ivete! Claro!
- E quem era o ladrão?
- Ele mesmo, Ivete! Ele mesmo!
- Essa não entendi. Ele mesmo quem, Tive? Senta, homem!

Calma! Ele mesmo quem?

- Ele mesmo, Ivete! O Dr. Policarpo!
- Mas como, Tive? O ladrão era o próprio Dr. Policarpo?
- O próprio Dr. Policarpo! O próprio Dr. Policarpo

Venturini!

- Mas como, Tive? Então o Dr. Policarpo Venturini roubava do Dr. Policarpo Venturini? Roubava dele próprio?

- Isso, Ivete! Isso!
- Tive, por favor! Senta! Senta e conta tudo direitinho.

Ainda não entendi nada!

O famoso detetive sentou, recostou-se na cadeira, esticou e cruzou as pernas, colocou os pés sobre a mesa, acendeu um cachimbo.

- Fumando cachimbo, Tive?
- De vez em quando, Ivete! De vez em quando!
- Agora, conta, Tive! Conta! Confesso que ainda não entendi nadinha!

- Bem, como sabes, duas vezes, por telefone, ele reclamou que, havia alguns dias, estavam desaparecendo dólares do cofre. Eu, depois de me certificar de que não se tratava de trote do sacana do Pereira, fui pra Chapecó na sexta-feira e fiquei na casa

dele. Passei a noite inteira, inteira mesmo, acordado. Não dormi um minuto para poder ter certeza de que ninguém tinha entrado nem saído da casa. Aliás, o velhinho mora sozinho. Só tem uma governanta e um jardineiro que nem dormem lá. Dormem fora.

– E aí, Tive? E aí?

– Bem. De manhã, quando acordou, me chamou e mostrou o cofre. Fiquei bobo. Faltavam mais de dez mil dólares! Faltavam mesmo! Faltavam porque, na véspera, na hora em que ele foi dormir, nós tínhamos contado todo o dinheiro!

– E aí Tive? E aí?

– Aí, dormi um pouco durante o dia e, à noite, resolvi ficar no andar superior, numa pequena biblioteca ao lado do quarto dele. De repente, Ivete, de repente, às duas horas da manhã, eu escutei o barulho do penico.

– Penico?

– Penico, Ivete, penico! Não sabes o que é penico?!

– Mas...

– Eu explico, Ivete! Eu explico! Assim que ele dormiu, roncava feito um porco, peguei um barbante comprido que sempre trago na maleta e amarrei uma ponta no pé dele e a outra no penico. Era um penico grande, branco, esmaltado, cheio de florzinhas da cor do meu anel.

– Ametista.

– É. Florzinhas ametista.

– E aí, Tive?

– Aí, quando ouvi o barulho do penico, fui, pé ante pé, até o quarto dele. Aí, Ivete, que surpresa!

– Que foi, Tive?

– Dormindo, Ivete, dormindo! De olhos arregalados mas dormindo, o Dr. Policarpo abriu o cofre, pegou vários maços de

dólares, fechou o cofre e caminhou rumo à escada que dá acesso ao sótão. Eu, rapidamente, peguei o penico e...

– Pegaste o penico? Por quê?

– Porque fiquei com medo de que o penico ficasse trancado num degrau da escada e o velho caísse... e até morresse. É que a escada é muito... muito...

– Íngreme.

– Isso. Ou que com a barulhada do penico nos degraus o velho acordasse assustado...

– Sim, sim. Conta!

– Bem, aí o velhinho foi na frente, com os dólares, e eu, atrás, com o penico. Lá em cima, no sótão, ele abriu um baú velho e empoeirado e botou o dinheiro dentro. Depois, desceu. Ele na frente e eu atrás, segurando o penico. Ele deitou. Aí, eu desamarrei o barbante do pé e do penico e fui pra biblioteca esperar que amanhecesse.

– Então, o Dr. Policarpo é sonâmbulo! Agora, entendi.

– Isso! O Dr. Policarpo é sonânlubo!

– Sonâmbulo, Tive!

– Isso mesmo. Sonânlu... sonam...

– Bem. E aí?

– Aí, de manhã, domingo, já nervoso, na minha presença, ele abriu o cofre e mostrou que faltavam mais quarenta mil dólares. Então, eu disse a ele: “Calma, Dr. Policarpo, sei onde está todo o dinheiro”. Subimos ao sótão e eu mostrei. Lá estavam duzentos mil dólares! O velhinho chorou de alegria!

– Piramidal, Tive! Piramidal!

– E contei tudo a ele. A história do barbante e do penico.

– E ele?

– No começo, não quis acreditar. Depois, concordou que era verdade. Até falou que a mãe dele contava que, quando ele era pequeno, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, ele era donânlubo.

– Sonâmbulo, Tive. Sonâmbulo!

– Isso.

– E ele te pagou dez mil dólares?

– Dez mil dólares! Conforme o combinado, cinco por cento do que tinha desaparecido, ou seja, o que estava no baú. Fui burro. Poderia ter cobrado mais. O velhinho tá com o cofre assim de dólares! Quase nem dá pra fechar a porta!

– Piramidal!

– Agora, Ivete, fecha as janelas, limpa os cinzeiros e vamos embora! Vamos comemorar! Boas comidas e champanha e vinho estrangeiros!

– Onde, Tive?

– Em Blumenau!

– Mas é longe, Tive!

– Longe nada, Ivete! São só 140 quilômetros.

– Mas temos que trabalhar amanhã, Tive.

– Estamos com o dinheiro. Amanhã, a gente faz feriado.

Vamos dormir lá.

– Dormir lá?

– Dormir lá!

– Mas... mas... escuta, Tive, não podes te esquecer que eu sou tua secretária. Só secretária. Nada mais.

– Tá certo. Compreendi. Dormes num apartamento e eu noutro.

– Mas... mas... eu preciso ir em casa, pegar uma roupa...

- Eu te deixo lá. Também vou em casa pegar umas roupas. Depois, passo pra te pegar.
- Mas, Tive, eu... tu sabes que...
- Vamos embora, boneca! Apaga as luzes.

* * *

- Que vista bonita, né, Tive?
- Linda. E parece até que tem duas luas. Uma no céu, outra no rio.
- É mesmo. A noite está linda. Blumenau é muita bonita.
- Também, acho. Mais champanha, Ivete?
- Um pouco. Sabes que já estou tonta?
- Tonta nada. A noite é uma criança... E tu estás linda, de preto. Loura de preto...
- Falar em loura, nunca terminaste aquela história da Valda Macieira. Afinal, que é que ficaste fazendo até uma e meia da manhã na casa dela?
- Batendo papo.
- Só batendo papo?
- Só batendo papo. E bebendo conhaque. Um conhaque grego com um nome todo complicado. Mas bom à beça.
- E o que é que ela queria contigo?
- Conversar, Ivete.
- Conversar! Conversar! Conversar sobre o quê?
- Sobre... bem... ela...
- Bem, pouco me interessa! Agora, que ela é muito perigosa eu sei. Conheço a Valda!
- Deixa pra lá, Ivete. Esquece!
- Esquece! Esquece! Só sabes dizer isso! Esquece!
- Por quê? Ficaste com ciúme?

– Ciúme? Eu? Claro que não! Pra começar, não tenho nada contigo. Sou só tua secretária! Nada mais!

– Fala a verdade. Ficaste com ciúme.

– Chato, Tive!

– Me dá a mão.

– Não dou.

– Dá.

– Só dou se contares o que houve naquela noite.

– Conto.

– Então, tá. Conta.

– Mão quente, Ivete.

– Mão quente, coração frio.

– É mesmo?

– É. Tô braba.

– Mesmo?

– Mesmo!

– Por quê?

– Porque faturaste a Valda Macieira.

– Não faturei.

– Faturaste.

– Então, faturei.

– Faturaste, mesmo!

– Mais champanha?

– Pouquinho. Tô tonta. Já disse.

– Dá um beijo.

– Nunquinha.

– Por quê?

– Não mereces.

– Por quê?

– Porque não.

- Vem cá, princesa...
- Chato. Te borraste todo de batom.
- Mesmo?
- Mesmo. Deixa que eu limpo.
- Te adoro!
- Falso.
- Falso por quê?
- Faturaste a Valda.
- Já disse que não.
- És muito santinho.
- Sou mesmo.
- Tô arrependida de ter vindo pra cá.
- Por quê?
- Porque sim.
- Então, vamos voltar pra Floripa.
- Vamos.
- Vamos mesmo?
- Vamos.
- Vou pedir a conta, então. Garçom!
- Tive.
- Que é, Ivete?
- Eu... eu...
- Tu o quê?
- Eu...
- Desembucha, Ivete.
- Eu... gosto de ti.
- Tás chorando?
- Te amo, Tive. Te amo.
- Mesmo?
- Mesmo!

- Vamos dormir?
- Vamos.
- Juntinhos?
- Não.
- Por quê, Ivete?
- Porque não sou tua mulher.
- E se fosses?
- Iria, claro, Tive!
- Com muita vontade?
- Com muita vontade.
- Mesmo?
- Mesmo!
- E se eu prometer casar contigo?
- Eu vou.
- Vais o quê?
- Dormir contigo.
- Agora?
- Sim.
- Prometo casar contigo.
- Quando?
- Quando quiseres.
- No nosso aniversário, então.
- Quando?
- No nosso aniversário, Tive! Já te esqueceste que somos de 8 de abril?
- Combinado!
- Mesmo?
- Mesmo! Juro!
- Querido!
- Então? Vamos?

- Vamos.
- Garçom, a conta, por favor! Depressa!

* * *

- Boa noite. O senhor tem uma suíte?
- Sim, senhor Tive.
- Me conhece?
- Vi a sua fotografia nos jornais. Aquele caso da rua João Pinto.
- Ah, sei.
- Pode ser a presidencial?
- Sim, claro! A presidencial!

* * *

- Que grande, Tive!
- O quê?
- A suíte.
- Ah, sim.
- E que vista linda tem daqui. Vem cá, Tive.
- Vem cá tu, Ivete! Tô com avidez!
- Avidez?
- É. Avidez. Uma vez tu não me disseste que avidez é um desejo muito grande?
- Disse.
- Pois então vem que eu tô com muita avidez!

O casamento do detetive de Florianópolis

Naquele 7 de abril, uma sexta-feira luminosa e morna, Domingos Tertuliano Tive, famoso detetive particular de Florianópolis, único de Santa Catarina, nos meios judiciais, policiais e criminais mais conhecido por D. T. Tive, no seu escritório à rua Felipe Schmidt, 888, no alto de uma colina próxima à ponte Hercílio Luz, combinava com sua secretária e noiva, Ivete Edla Tramontini Dietrich, os últimos detalhes da cerimônia e festa de casamento, marcadas para o dia seguinte, sábado, 8, data que coincidia com o aniversário de ambos, quando ele completaria 41 e ela 30 anos.

– Será que não vai faltar bebida, Tive?

– Claro que não, Ivete. O tenente Galinha já providenciou tudo. Comida e bebida ficou tudo sob a responsabilidade dele. Ele fez questão de cuidar dessa parte.

– Ele vai entrar com dinheiro, também?

– O Galinha?

– É.

– Claro que não, Ivete. Ele tá mal de grana. A bebida eu já comprei. E a feijoada, que o tenente Galinha tá fazendo hoje, pois ele sempre prepara de véspera, vai ser rachada entre a turma.

– Afinal, quantas pessoas?

– Poucas. Eu convidei aqueles cinco. Tu, mais cinco ou seis.
E o Galinha mais dois ou três.

– Até agora, só não entendi uma coisa. Aliás, duas coisas.

– Não entendeste o quê, Ivete?

– Não entendi por que fazer na casa do tenente Galinha e por que convidar a Valda Macieira.

– Já te disse que na casa do Galinha porque lá é grande, tem mais espaço. Quanto à Valda Macieira, foi ele mesmo quem a convidou. São muito amigos.

– E a cerimônia?

– A cerimônia é rápida. Primeiro, o juiz de paz pergunta se a gente quer mesmo casar. Depois, nós assinamos, as testemunhas assinam, o juiz e o oficial do cartório assinam e pronto. Não leva nem cinco minutos. O tenente Galinha falou hoje de manhã pra mim que, assim que a última pessoa assinar, ele estoura o primeiro champanha. E começa o rolo.

– Rolo? Que rolo?

– A festa, Ivete. A festa.

– Ah, tá. Às onze, então?

– Às onze. Dez e meia, já tô lá, te esperando.

– Mas eu só vou chegar um pouquinho antes: dez pras onze.

O Ambrósio e a Aurora se prontificaram a me levar.

– Não vem nem um parente teu de Joaçaba?

– Já te disse que só veio a minha irmã mais moça. A Ivonete, aquela que é solteira. Tem só 18 anos.

– E onde é que ela tá?

– No salão, fazendo o cabelo e as unhas.

– E amanhã, ela fica onde?

– Se ela quiser, no meu apartamento. Caso contrário, à noite, volta pra Joaçaba. Por quê?

– Não, por nada. É porque quatro e quinze, mais tardar, nós sairemos da casa do tenente Galinha direto pro aeroporto. Não te esquece de trazer a mala.

– Sei, Tive, sei. Já falaste nisso dez vezes. E também não vou esquecer o passaporte. Podes ficar tranquilo. Agora, eu vou. Vou pro salão. Até amanhã, querido.

– Até amanhã, amor. E o véu?

– Chato, Tive! Deus me livre casar de véu e de vestido de noiva! Coisa cafona!

– Sei, amor. Tô só brincando.

* * *

Às dez e meia, na casa do tenente Galinha, com exceção da Ivete, da sua irmã Ivonete, do Ambrósio e da Aurora, já estavam todos presentes. Inclusive, o juiz de paz, o oficial do cartório e o noivo Domingos Tertuliano Tive.

– Tá faltando gelo, Galinha!

– Tá faltando gelo merda nenhuma! Tem dez sacos de gelo lá no tanque! Vem cá, cavalo! Olha aqui!

– Tás um pão, Tive.

– Bondade tua, Quinha.

– Vocês vão viajar pra onde?

– Hoje, pro Rio. Na segunda, pra Europa, França e Bahia.

– Quanto tempo, Tive?

– Uns dois meses, Quinha.

– Que é que vocês tão cochichando aí?

– Ah, Tive, quero te apresentar. Esta é a Marcela Morango.

– Muito prazer.

– O prazer é meu.

– E este é o Sérgio Murilo. Conheces, né?

- De vista. Prazer.
- Prazer.
- O Sérgio Murilo é muito amigo da Aurora, Tive.
- Sei...
- Uísque, senhor Tive?
- Não, obrigado. Mas... já tão servindo?
- O tenente Galinha mandou... A senhora aceita, dona Valda?
- Só um pouquinho. Ainda é meio cedo...
- Garçom, serve uma dose aqui pro Dr. Policarpo, pô!
- Um momentinho, tenente Galinha. Tô servindo aqui.
- Então, deixa que eu sirvo. Pro Dr. Policarpo quem serve sou eu!

* * *

- Às dez e quarenta e cinco.
- Tudo bem com o senhor, seu Perei. Moreira?
 - Tudo, seu Tive. Graças a Deus.
 - E aquele caso do Filomeno Goiabeira? Que coisa, né, seu Moreira?
 - É verdade. Diz um amigo meu que aquele é o único caso, no mundo inteiro, em que o sujeito verdadeiramente botou merda no ventilador. E foi acontecer justamente na minha firma! Comigo! Sabe que fiquei com tanta raiva que mandei jogar o ventilador fora?
 - Mas dava pra lavar, seu Moreira.
 - Não tem champanha nesta merda, Galinha?!
 - Champanha só depois do casamento! Já disse!
 - Galinha, tá chegando a noiva! Tá chegando a noiva, Galinha!

- Já vou, pô!!! Tô arrumando essa merda desse gelo!
- Tá chegando a tua noiva, Tive. A felizarda...
- Sei, Quinha, sei.
- Disseste pra mim que nunca casarias. Nem comigo nem com ninguém. Te lembrás?
- Lembro, Quinha, lembro.
- Falso!
- Para, Quinha, para.
- Que é que ela tem melhor do que eu?
- Dá licença, Quinha? Vou recebê-la. Dá licença?
- Passa, falso.

* * *

Às onze e cinco.

– ... e a senhora continua, por sua livre vontade, com o firme propósito de ter o senhor Domingos Tertuliano Tive como seu legítimo esposo?

- Sim.
- Em nome da lei, eu os declaro marido e mulher.
- Agora, Galinha! Estoura!
- Espera, pô! Deixa primeiro todo mundo assinar!

Às onze e oito.

- Agora, Galinha!
- Velho burro! Não sabe nem abrir um champanha!
- Espera, merda!
- Parabéns, seu Tive.
- Obrigado, Dr. Bauer.
- Parabéns, Ivete. Felicidades pra vocês é o que eu desejo de todo o coração.
- Obrigada, Quinha.

Súbito, com um estouro, um chafariz de espuma cobriu o rosto e a calva luzente do Ambrósio. Algumas gotículas brilharam nos seios generosamente descobertos da Aurora.

- Um lenço, dona Aurora?
- Tem um aqui, ó, dona Aurora.
- Use o meu, senhora.
- Obrigada aos senhores. Vou limpar no banheiro. Com licença...
- O banheiro é por aqui, dona Aurora. Quer uma ajuda?
- Obrigada, cavalheiro.
- Que peitão tem essa mulher. Ela já foi misse.
- É mulher do velho.
- É mesmo?
- Não viste? Chegaram de braços dados.
- Pensei que era filha.
- Boa pra burro.
- Uma potranca!

* * *

Meio-dia.

- Tás feliz, querida?
- Muito, amor.
- Ficaste nervosa?
- Um pouquinho. Mas só na hora de assinar.
- Tás linda, de azul.
- Gostaste?
- Gostei. Tô com avidez.
- Para, Tive. Já começa?
- Te adoro, Ivete.
- Eu, também.

- A tua irmã é a tua cara.
- Todo mundo acha. Quem é aquele velhinho que tá falando com ela?
- É o Dr. Bauer. Fritz Helmuth Bauer, dono da Cinco Estrelas, de Joinville.
- Ah, sei. Aquele do caso da morte do lebréu russo.
- Isso mesmo.
- Champanha, dona Ivete?
- Um pouquinho.
- Pro senhor, seu Tive?
- Uísque.

* * *

- Uma hora da tarde.
- Boa feijoadada.
 - Muito boa! Excelente!
 - O senhor é do comércio, seu Moreira?
 - Sim. Tenho a Comercial Cometa. Representações... E o senhor, Dr. Bauer?
 - Indústria. Sou presidente da Cinco Estrelas.
 - De Joinville?
 - De Joinville.
 - Aquela mocinha com quem o senhor estava conversando é sua filha?
 - A de branco?
 - Sim.
 - Não. Ela é irmã da dona Ivete. Chama-se Ivonete. Bonita, não?
 - Bonita e boa, Dr. Bauer.
 - Não tenho mais idade pra essas coisas, seu Moreira.

– Não diga isso, Dr. Bauer. Uma guria dessas, até um defunto. Até defunto, Dr. Bauer! Até defunto!

– Que conversa é essa de defunto aí, pô!?

– Ah, Galinha, quero te apresentar. Dr. Bauer, este é o tenente Galinha, dono da casa.

– Já fomos apresentados. O senhor é tenente do quê? Do exército?

– Das forças amadas, Dr. Bauer.

– Mas isso é claro. Que é das forças armadas eu sei. Eu pergunto...

– Mas eu sou das amadas! Das forças amadas!

* * *

Duas da tarde.

– Que tal a feijoadada, Dr. Policarpo?

– Ótima, tenente Galinha. Ótima!

– E Chapecó, como vai, Dr. Policarpo? Muitos dólares por lá?

– Não entendi, tenente.

– Tô perguntando: muitos dólares lá por Chapecó?

– Alguns, alguns.

– Quero lhe fazer uma proposta...

– O senhor é da reserva, tenente Galinha?

– Não. Sou titular. Nunca fui de ficar na reseva de nada, doutor.

– Como?

– Como é que eu tô numa boa! Numa boa, Dr. Policarpo! E o senhor, doutor? Faz o quê?

– Hoje em dia, nada.

– Mas vive de quê.

– De juros.

– Igual a mim. Aliás, quase igual.
– O senhor também vive de juros?
– Não, de juras!
– Juras?
– É. De juras. Quando me vendem ou emprestam, sempre faço juras que pago! Dá licença, Dr. Policarpo. Fica à vontade. Garçom, serve uma dose caprichada aqui pro doutor, pô!!!

* * *

Às duas e meia.
– Tá gostando, Ivonete?
– Muito, Ivete. Adorei o cônsul da Holanda!
– Cônsul da Holanda? Quem?
– Aquele lá, de óculos, de bermuda branca e camisa vermelha.
– Aquele é o tenente Galinha, tola!
– Ele disse que tenente Galinha é apelido. Que o nome dele é Van der... um nome todo complicado.
– Mentira dele. Que mais que ele falou?
– Falou que vai me arrumar um emprego de mil dólares.
– Emprego de quê?
– De modelo fotográfico.
– Nada, burra! Ele quer é te faturar!
– Faturar como?
– Comendo.
– Ah!
– Vai nessa, vai! Vai, tola!
– Vou mesmo! E não enche, tá? Não tens nada com a minha vida!

* * *

Às três.

- Telefone pro senhor, seu Tive.
- Quem é?
- Não sei, seu Tive. Só disse que é um amigo. Quer só cumprimentar o senhor.
- Vai lá, Ivete.
- O telefone é pra ti, Tive.
- Pode ser o sacana do Pereira.
- O Pereira não pode ser. Como é que ele poderia descobrir a gente aqui?
- Vou lá.
- Tá gostando da festa, dona Ivete?
- Bastante, tenente Galinha.
- A sua irmã é uma doçura de moça.
- Ela me disse que o senhor falou que é cônsul da Holanda.
- E sou. Cônsul honorário.
- Mas o senhor tem sangue holandês?
- Holandês, russo, chinês, espanhol, italiano e...
- Ela também falou que o senhor vai arrumar um emprego pra ela.
- De mil dólares! Mil dólares!!! Garçon, serve um champanha aqui pra dona Ivete, pô!!!
- Não tenho quatro mãos, tenente.
- Mas deverias ter! Deverias ter seis, oito!!! Amarelo malcriado!!!

* * *

- Alô.
- Domingos?

- Sim.
- Aqui é o Heitorzinho.
- Heitorzinho?
- É. O Heitorzinho. Filho do Florisbelo.
- Florisbelo?
- É. Florisbelo. Florisbelo da dona Augustinha.
- Ah, sei. Mas quanto tempo! Onde é que andas?
- Em São Paulo.
- Em São Paulo? Fazendo o quê?
- Sou bailarino. Bailarino e costureiro. E cabeleireiro. Faço de tudo!
- Sei.
- Tô te telefonando só pra te cumprimentar. Quem é a felizarda?
- Chama-se Ivete. É minha secretária.
- Tenho muita saudade dos velhos tempos. Te lembras da época que a gente brincava no porão da casa do seu Ernesto?
- Não me lembro não!
- Mas eu me lembro, ingrato!
- Té logo!!!

* * *

- Quem era, Tive?
- Acho que era o sacana do Pereira.
- Mas não disse quem era?
- Disse que era o Heitorzinho.
- E quem é o Heitorzinho?
- Heitorzinho é um conhecido de infância. Do tempo que eu morava em São José.
- E daí?

– Daí, eu cortei o papo. Tenho certeza que era o sacana do Pereira imitando bicha.

- O Heitorzinho era bicha?
- Naquele tempo, era.

* * *

– Tenente, telefone pra ti!
– Pergunta quem é, pô!
– É Vera Sueli!
– Diz que eu morri!
– Ele tá dizendo que morreu.
– Pois diz pra ele que se ele não me pegar na segunda-feira, vou aí e quebro essa merda toda!

* * *

– Quer se empregar, dona Marcela?
– Não preciso de emprego, tenente Galinha. Graças a Deus, não preciso.

– Tem dois aí passando mal, tenente Galinha.
– Não interrompe, pô! Quem são? Quem são?
– O Dr. Bauer e o Dr. Policarpo.
– Isso é porre! Lugar de velho de porre é lá no quarto dos fundos! Deposita os dois lá! E não me interrompe mais, pô! Não tás vendo que tô conversando com a dona Marcela??? Mas... eu tenho um emprego bom pra senhora, dona Marcela. Dois mil dólares!

- Dois mil dólares?
- Dois mil dólares?
- Dois mil dólares! Por quinzena!
- Por quinzena?

- Por quinzena!
- Para fazer o quê?
- Fotografia.
- Mas eu não sei fotografar, tenente.
- A senhora não vai fotografar. Só vai posar, dona Marcela.
- Nua?
- Que é que a senhora acha?
- Tenho vergonha.
- Bobagem! Que é que tem?
- Mas são fotos para...
- Galinha, tá faltando gelo!
- E champanha, Galinha!
- Quem são esses que toda hora gritam que tá faltando isso, tá faltando aquilo, tenente?
- São três mal-educados que eu tive a infeliz ideia de convidar pra festa, dona Marcela. Vou dar um esporro neles. Com licença... Escutem aqui, cavalos! Eu...

* * *

- Tens cigarro, Sérgio Murilo?
- O meu também acabou, Marcela.
- Onde está a Aurora?
- Tá lá fora. O velho Ambrósio brigou com ela.
- Por quê? Por tua causa?
- Não. Por causa dos amigos do tenente Galinha.
- Quem são?
- Aqueles lá. O baixinho, de bigode. Aquele de medalhão no peito, com cara de turco. E também o gordinho...
- E o Ambrósio engrossou por quê?

– Ela e a Quinha estavam mostrando as coxas pros caras lá na churrasqueira.

– Só por causa disso?

– Só. E acho que o Ambrósio tem toda razão!

* * *

Quatro horas.

– Pessoal, pessoal! A dona Valda Macieira vai fazer estripitise!

– Não pode, Tive! Isso aqui tá virando uma zorra! O que é que a Ivonete vai pensar? Uma vergonha! Credo!

– Vergonha, nada, Ivete. Se ela quer tirar a roupa, deixa tirar.

– Bota uma música boa pra estripitise aí, pô!

– Tem que ser uma música lenta!

– Lenta nada, cavalo! Não da palpíte! Tu não entendes nada de estripitise!

– Silêncio, pô!

– Se não fizerem silêncio, eu não tiro a roupa. Estripitise é arte. Não é esculhambação não.

– Muito bem, dona Valda! A senhora tem toda razão!

– Palmas pra ela que ela merece!

– Se o meu pai fosse vivo e soubesse de uma coisa dessas eu acho que...

– Deixa, Ivete. Não tens nada com isso, amor.

* * *

Às quatro e quinze.

– Felicidades, Tive. E boa viagem.

– Obrigado, Sérgio Murilo. E muito prazer.

– Boa viagem, dona Ivete.

- Obrigada, seu Moreira.
- Tenente Galinha, muito obrigado por tudo.
- Não tem o que agradecer, Tive. A casa é tua!
- Vamos, Tive, vamos. A gente acaba perdendo o avião. O Ambrósio vai levar a gente.
- E a Aurora?
- A Aurora tá de porre. Tá lá na churrasqueira com os amigos do tenente. Tá tudo fazendo estripitise. Ela, a Valda, a Marcela.
- E a Ivonete, também?
- Não. A Ivonete foi comprar mais gelo com outro amigo do tenente.
- Gelo? Tem tanto gelo aí...

* * *

No domingo, as terceiras páginas dos jornais catarinenses estampavam o seguinte:

AVISO

O detetive D. T. Tive avisa a sua grande e distinta clientela que durante os meses de abril e maio estará ausente de Florianópolis. Permanecerá na Europa, França e Bahia fazendo curso de especialização.

Clave de sol

Nos últimos meses, tenho recebido visitas rigorosamente insólitas. Ocorrem, sempre, entre uma e duas horas da manhã e, também sempre, quando ao som de Bach, Scarlatti ou Chopin, Brahms, Beethoven ou Falla, mantenho a sala na penumbra e vago entre a vigília e o sono. Há, então, uma atmosfera densamente favorável à presença de personagens raríssimos, desusados, vivos ou mortos, e até mesmo daqueles que muitos julgam simplesmente imaginários. Tento dizer que a sala ganha forma e cores mágicas, onde tudo é possível, eis que se transforma em um palco surrealista, no qual se mesclam realidade e fantasia.

Dia 2 de janeiro, duas horas da manhã, a última pessoa de quem poderia eu esperar a visita, sobretudo por impropriedade de calendário, foi precisamente a que chegou. A campainha soou duas vezes. Abri a porta.

- Papai Noel?!
- Eu mesmo. Desculpa a data e a hora, mas é uma emergência.
- Banheiro?
- Nada disso. É que estou partindo pro Polo Norte agora e estou desprevenido – disse ele, levando a mão à boca e fazendo do polegar um gargalo.
- Conhaque ou vódica?
- Conhaque ou vódica. Indiferente. Pode ser até cana. Aquele clima é terrível. Séculos e séculos lá e não me acostumo.
- Mas... senta, Noel. Fica à vontade.
- Só um minutinho, então. Não quero te incomodar.
- Incômodo, nada. É um prazer.

Papai Noel ficou realmente à vontade. Tirou o gorro, as botas, o cinturão, a túnica vermelha. Sentou-se. A alva e longa barba cobriu-lhe a enorme e suada barriga de cera.

– Agora que estou vendo que a vódica e o conhaque acabaram. O Sérgio da Costa Ramos bebeu tudo no Natal e ano-novo. Mas tenho uma cana aqui, uma “Chora na Rampa”, que é um espetáculo. Esta vou te presentear, pra viagem. E pra beber agora resta-me esta meia garrafinha de uísque, que tá até empoeirada, presente do Fúlvio Vieira, em 1963, última vez que se imbuuiu do espírito natalino.

– Aquilo é um sovina.

– Conheces?

– Quem não?!

– Aceitas um cauboizinho?

– Não, obrigado. Tá muito calor. Mas se tiveres por aí uma gelada, aceito.

Papai Noel bebeu os dois primeiros copos de cerveja em dois únicos e apressados sorvos. No frenesi, permitiu que dois pequenos e dourados riachos de bebida deslizassem barba abaixo, passassem, em meandros, sobre o toicinho da barriga, sumissem no profundo buraco do umbigo.

– Como é que estão as coisas, Noel?

– Mais ou menos. Estou com duas renas grávidas e uma terceira com a perna machucada. Isto impede que as outras cinco desenvolvam a velocidade ideal. Daí, o meu atraso. Dia 2, já, e ainda por Florianópolis...

– Mas por que tanta pressa? Falta tanto tempo pro Natal!

– É que preciso instruir os gnomos na fabricação dos presentes. É muita coisa. Com exceção de alguns países, visito praticamente o mundo inteiro, em dois dias.

- E como consegues?
- É que Ele me deu o poder da onipresença. Caso contrário, seria impossível dar tantos presentes.
- Por falar em presentes, tenho uma queixa a fazer. Quando eu era menino, durante anos e anos te pedi uma bicicleta e nunca trouxeste. Até hoje não entendi a razão. Eu passava o ano inteiro sem dizer nome feio, sem desobedecer à mamãe e à vovó, respeitando os mais velhos, indo buscar balde d'água na torneira do seu Acácio, porque lá em casa não tinha, tudo por causa dela, da bicicleta. Passava meses pensando nela, toda azulzinha, com sinetinha e lampadazinha. Quando se aproximava o Natal, chegava a emagrecer e ter febre, de tanto que rezava, noites intermináveis, para que não te esquecesses. Na véspera, eu não dormia. Ficava acordado, ouvindo os cães latirem, o vento chiando nas frestas das paredes de madeira, depois o cantar dos galos, alguns próximos, outros longe. Meus olhos queimavam, de tanto sono. Pareciam ter areia dentro. Tinha medo que chegasses e não me visses. E que, então, levasses a bicicleta para outro menino. Mas amanhecia, chegava Natal, nada. Nada mesmo. Nem bicicleta, nem outros brinquedos. Então eu chorava. Chorava bem baixinho, pra ninguém ouvir. Porque papai dizia que homem não chora. Só houve um dia em que tu pediste para dona Lalinha entregar um par de meias pra mim. Ela entregou mas não adiantou. Pra que meias se eu não tinha sapatos? Às vezes eu pensava que tu não vinhas porque a nossa casa era muito feia, muito pequeninha, com buracos nas predes. E chovia dentro.

Olhei para o Papai Noel e vi que chorava. As lágrimas surgiam em grossas bagas, tremelicavam no soalho orbital, escorriam sobre os zigomas escarlates, ganhavam a barba.

- Desculpa, Noel. Não quis te ofender.

– Ofensa, coisa nenhuma. Tens toda razão. Já está na hora de me aposentar. Estou muito velho, esclerosado. Esqueço tudo. Meu substituto fará um trabalho muito melhor. Distribuirá os presentes com mais justiça. Desculpas. Mil desculpas... – disse ele, passando a mão gorda e alva sobre os olhos.

– Tudo bem, Noel. Falemos em coisas mais alegres. Tenho uma curiosidade: o que foi que a dona Cloraldina, a solteirona aqui do lado, te pediu?

Papai Noel olhou para um lado, olhou para o outro, bebeu mais um copo de cerveja, coçou a barriga, e parece por temer que as próprias paredes escutassem, ergueu-se, aproximou os lábios do meu ouvido e sussurrou o que dona Cloraldina pedira.

– Mesmo? – indaguei.

– Mesmo!

– Mas que barbaridade!

– Isto é só pra tu ver!

– E trouxeste?

– Claro que não! Já imaginaste?!

Aí, rimos, rimos, rimos, rimos, rimos. Rimos tanto que Papai Noel aceitou um cauboizinho, depois outro, outro, outro e outro.

– Agora eu vou. É tarde. Já estou como o Diabo gosta. E as renas já devem estar indóceis.

– Onde estão elas?

– Já te mostro.

Calçou as botas, vestiu a túnica, colocou o cinturão, cingiu o gorro. De pé, bebeu mais um cauboizinho, botou a “Chora na Rampa” no saco, abriu a porta, apontou para o céu.

– Lá estão.

– Mas que alto! Como podes chegar lá?

– É simples. Simples, não. Pra ser exato, é surrealista. Vê.

Papai Noel assoviou. Dos seus lábios, então, além do brando som de uma solitária nota, saiu, também, dourada e flutuante clave de sol. Agarrou-se a ela e voou em direção ao trenó. Já lá em cima, me deu adeus e zarpou rumo norte.

Fechei a porta. Três horas da manhã. Onde sentara, sem que eu percebesse, deixou um disco de Noel. De Noel Rosa.

Xarope de groselha

Mantenho antigo hábito de ler à noite. Começo entre oito e nove horas e encerro nunca antes do meu velho carrilhão anunciar a primeira hora da madrugada. Então, passo ao prazer de outro velho costume: apago as luzes da sala, ligo o toca-discos e, na mesma poltrona onde havia pouco lia, cerro os olhos e abro os ouvidos a Falla, Mozart ou Scarlatti. Durante muitos anos, conservei estes hábitos sem que nada de extraordinário ocorresse: às duas ou três horas o sono chegava, emudecia Falla ou Brahms, deixava a sala e ia dormir.

Nos últimos meses, todavia, sempre que na penumbra vagueio entre a vigília e o sono, e também sempre que as notas de Beethoven, Bach, Falla ou outro navegam pela sala, tenho recebido visitas rigorosamente insólitas, inacreditáveis até. É bem verdade que existe atmosfera para tanto, eis que a sala ganha formas e cores mágicas, transformando-se em um impressionante palco surrealista, onde tudo pode ocorrer.

Na semana passada, plena segunda-feira de carnaval, duas horas da manhã, quando as notas de cravo de Falla dançavam pelas paredes, soou a campainha. Abri a porta.

– Boa noite. Desculpe o incômodo. O senhor poderia me informar onde fica a boate Dizzy?

Com aparentes sessenta anos, era um homem alto, magro e pálido. Vestia calça e sapatos pretos, camisa branca com laçarote negro ao pescoço, capa também negra com forro escarlate e golas pontiagudas que lhe cobriam a nuca e parte das orelhas. Falava com forte sotaque estrangeiro.

– Fica na ilha, cavalheiro. O senhor tem que tomar um táxi.
– É o que estou tentando, há mais de meia hora. Mas não passa nenhum.

– Posso tentar, por telefone. Entre. Fique à vontade.

Inicialmente, pensei tratar-se de algum amigo, fantasiado de Conde Drácula, disposto a me gozar. Mas a ansiedade revelada pelo visitante no tremelicar das narinas e a mão gelada que me ofereceu para apertar afastaram a hipótese.

– Sente-se. Vou telefonar.

Em vão, durante dez minutos, tentei um táxi. Mas até mesmo nos pontos mais distantes ninguém contestava. Retornei à sala de peito inflado e tentando dar à voz aparência de tranquilidade.

– Está difícil, amigo. Vamos aguardar mais uns dez minutos e tentarei outra vez. Bebe alguma coisa?

– Campari, se o senhor tiver.

– Campari não tenho. Tenho uísque e vódica.

– Para lhe falar a verdade, dou mais importância à cor do que ao sabor. O senhor tem suco de tomate?

– Também não. Vermelho, só groselha.

– Ótimo.

A avidez, além da indisfarçada volúpia, com que o visitante bebeu o xarope de groselha me deixou ainda mais aflito. Não pode ser, dizia eu para mim mesmo. Drácula não existe. Drácula é ficção. Deve ser um amigo me gozando ou um desconhecido louco ou dopado. Senti, todavia, que estava tão pálido quanto ele, tinha as mãos suadas e me acometia súbita taquicardia. Meu temor era flagrante.

– Tenho a sensação de tê-lo visto em algum lugar... O senhor é brasileiro?

– Não. Nasci na Transilvânia. Mas isto no tempo em que a região fazia parte do Reino da Hungria. Mais tarde, a partir de 1526, foi um principado independente até submeter-se, em 1691,

ao domínio dos Habsburgos. Em 1918, foi incorporada à Romênia. Nesta época...

Isto já é demais, pensei eu. Vou acabar com esta palhaçada agora mesmo. Fiquei de pé, inflei o tórax e, embora sem nenhuma convicção, posto que o Murilo é baixo e Tenente é gordo, urdi a mais potente e escancarada gargalhada e berrei:

– Sai daí, Murilo Pirajá Martins, Tenente Galinha ou seja lá quem for! Para de beber a groselha das crianças e vamos brindar Momo com um bom uísque ou com...

O visitante também se pôs de pé e, visivelmente transtornado e ainda mais branco, articulou:

– Não estou entendendo, senhor...

– Não enche o saco, pô! Vou buscar gelo para nós!

Não sei como encontrei um balde nem como retirei gelo das formas mas, quando retornei, percebi que o visitante chorava.

– O que se passa?

– Estou doente, senhor. Acredite. Preciso de um táxi...

– Mas se o senhor está doente, como é que pretende ir ao Baile dos Enxutos?

– A Dizzy foi só desculpa... Preciso mesmo é do Hospital dos Servidores, que fica perto.

– Algum problema cardíaco?

– Não. Sangue. Preciso de uma transfusãozinha.

Fiquei fulo da vida.

– Afinal de contas, quem é o senhor?

– O senhor sabe quem eu sou – disse ele com a cabeça entre as mãos. Mas fique tranquilo. Estou velho... Além disso, veja.

Ergueu-se, pôs-se sob uma réstia de luz do poste que entrava pela janela, escancarou a boca.

– Estou mal de dentes. A falta dos caninos me faz depender de transfusões...

Tinha cabelos negros e lisos penteados bem junto ao crânio. As sobrancelhas eram fortes, os olhos fundos e escuros, nariz pequeno. As golas da capa negra, pontiagudas e luzidias, formavam um ângulo reto com a linha do queixo corajoso. Feito sangue, gotas de groselha ainda cintilavam na camisa alvíssima. Chorava.

Tive dó.

– Existe um dentista aqui, maravilha em prótese, o Darcy Zani, que pode dar um jeito nos seus caninos e nos demais...

– Fica para outra vez. Daqui a pouco amanhece. E eu tenho horror à claridade – disse ele tornando a sentar e enxugando os olhos. Agora, eu preciso mesmo é da transfusão. Um litro basta. E mais dois ou três, para os meus bichinhos.

– Bichinhos?

– É. Os meus bichinhos. Os vampiros.

– Vampiros? Onde estão?

Levantou-se, abriu a porta, apontou para cima. Pendurados de cabeça para baixo, nas árvores e nos fios, centenas de vampiros formavam macabros e imensos renques. À luz do poste, os olhos do visitante rutilavam.

– Não são lindos?

– São. São umas gracinhas – respondi.

Já estava pronto para solicitar-lhe que aguardasse ali fora enquanto tentava novo telefonema quando dona Cloraldina, a solteirona minha vizinha, salta de um táxi, despencada de bêbada, fantasiada de Bolo Público.

– Táxi! – gritei eu.

– Táxi! – gritou ele.

A mão que me ofereceu na despedida estava ainda mais gelada. Agradeceu, sorriu pobre, entrou no carro. Eu já fechava o portão quando o escutei dar ordens ao motorista.

– Banco de Sangue! Rápido!

Feito nuvem, nos lados, em cima e atrás do táxi, voou o imenso séquito de vampiros.

* * *

Quinta-feira, abro os jornais e leio insólitas notícias dos últimos dias de carnaval: “Vampiros matam quatrocentos bois em São Joaquim” – “Lages também invadida por vampiros” – “Assaltado o Banco de Sangue de Florianópolis”.

* * *

Telefone para o secretário de Segurança.

– Ari, sei quem assaltou o Banco de Sangue.

– Quem?

– O Conde Drácula.

– Não enche, pô, que eu ainda estou cuspidando confete.

Telefone para o secretário de Saúde.

– Vanildo, sei quem assaltou o Banco de Sangue.

– Quem?

– O Conde Drácula.

– Não achei graça. Juro.

Telefone para o ex-prefeito de São Joaquim.

– Tarzan, sei quem é o culpado pela matança dos bois.

– Quem?

– O Conde Drácula e os seus vampiros.

– Não enche, cara, que eu ainda estou de ressaca.

* * *

Fecho o guia telefônico e abro a geladeira. Pego a garrafa e me sirvo de dois generosos copos. De groselha.

Hóspede do corpo

Visitas, por mais insólitas e desusadas que sejam, já não me causam espanto. Nos últimos meses, tenho recebido algumas de tal maneira singulares, que estou preparado para abrir a porta aos personagens mais inacreditáveis, vivos ou mortos, ou até mesmo àqueles que muitos julgam simplesmente imaginários.

Ocorrem, sempre, numa certa hora neutra da madrugada – uma, uma e meia, duas – e também sempre que, ao som de Prokofiev, Bach ou Falla, conservo a sala na penumbra e vagueio pela modorra, este espaço também neutro entre a vigília e o sono.

Insisto na ideia de que tais visitas só se tornam possíveis porque ao som da magia de Falla, Mozart ou Prokofiev a sala ganha atmosfera e forma surrealistas – espaço igualmente neutro entre a fantasia e a realidade – onde e quando tudo pode ocorrer.

A diferença fundamental entre as visitas ocorridas há semanas e a de ontem é que esta foi, dir-se-ia, provocada por mim e aquelas foram absolutamente inesperadas. Digo melhor: empalideci de espanto quando, no início do ano, abri a porta ao Papai Noel; embranqueci de temor quando ao Conde Drácula, segunda-feira de carnaval, abri a mesma porta.

O visitante de ontem foi, por assim dizer, solicitado. Pensei nele e ele chegou. Sonolento, ouvia Prokofiev em *Pedro e o lobo* e, ao navegar pela modorra, associei Pedro de Prokofiev a Pedro de Jesus. No meu devaneio, divisei-o numa canoa, velha camisa de algodão cor de salmão, calças arregaçadas, pés nus, longa barba grisalha adejando à brisa da baía sul, com decididas remadas navegando reto rumo ao Bom Abrigo. Meia hora mais, soou a campainha. Abri a porta.

– Boa noite – disse São Pedro sorrindo, dentes fortificados pelo cálculo dos pescados. Esperavas-me, não é verdade?

– Para falar a verdade, esperar não esperava. Acreditava.

– Mas o importante é crer. Vim porque crês.

– É uma honra receber Vossa Santidade. Entre, por favor.

Tal qual eu o divisara durante a solonência, São Pedro vestia camisa de algodão salmão, calça escura arregaçada e puída nos joelhos. Mas não tinha os pés nus: calçava sandálias.

– Dispensio o tratamento honorífico – disse-me ele ao sentar. Mesmo porque não estás recebendo o papa, mas sim Pedro, mero pescador de Cafarnaum.

– Modéstia sua, São Pedro.

– Tampouco São Pedro. Pedro, simplesmente. Foi a maneira como consegui convencê-Lo de que poderia me deixar descer.

– Não entendi.

– É simples. Desde a minha morte, no ano 64, que eu...

– Sei. Nero mandou matá-lo.

– Isto. Desde a minha morte, tenho vontade de voltar. Hoje, passados mil, novecentos e dezenove anos, Ele consentiu. Mas na condição de simples homem, de humilde pescador. As únicas concessões, a fim de que não me apedrejassem ou me internassem por loucura, foram esta roupa, posto que seria mal recebido com a túnica, o domínio dos idiomas que necessitasse e conhecimentos atualizados. Mas tudo muito singelo. O que sei qualquer pescador da Armação do Pântano do Sul sabe.

– Estou alumbrado.

– Não é para tanto.

– Bebes alguma coisa, Pedro?

– Vinho, se tiveres.

– E comes?

– Peixe, se tiveres. Ou pão.

São Pedro dispensou o talher. Com o prato sobre as coxas, rasgava a carne do peixe com as pontas dos dedos e levava pequenos nacos à boca semiaberta. Mastigava sem pressa, cadenciadamente. De quando em quando, pelo canto esquerdo dos lábios, mediante discreto e rápido movimento da língua, expulsava dezenas de espinhas, limpas e luzidias, mais parecendo um tufo de agulhas. Também com as pontas dos dedos, retirava-as e colocava à beira do prato.

– Vieste direto a Florianópolis, Pedro?

– Não. Primeiro estive em Betsaida, minha terra natal.

– Mas tu não és de Cafarnaum?

– Não. Nasci em Betsaida, que fica perto. Em Cafarnaum, eu pescava.

– Daquela turma de Jesus, quem mais nasceu na Betsaida?

– O André e o Filipe. Só nós três.

– Mais vinho, Pedro?

– Aceito. Tá uma delícia.

São Pedro bebia em sorvos generosos. Como preferira um caneco à taça, os últimos goles só eram possíveis com o queixo para o teto e todo o pescoço à mostra, fazendo com que o pomo de Adão subisse e descesse à passagem de cada trago.

Abri a segunda garrafa.

– Como é que estão as coisas por lá, Pedro?

– Lá onde? Na Palestina?

– Não. Na Palestina, eu sei. No céu?

– Bem. Muito bem. Excelentes. Divinas.

– Mas se estão tão bem assim, por que esta tua vontade de descer, de vir à Terra?

São Pedro encheu outro caneco, comeu mais duas porções de peixe, expeliu as espinhas pelo canto da boca, depositou-as à beirada do prato, bebeu, enxugou os lábios na manga da camisa.

Depois, suspirou, colocou o prato sobre a mesinha, tirou as sandálias, cruzou as pernas, recostou-se na poltrona, bebeu o restante do vinho.

– Queres mesmo saber?

– Claro.

– Por mais incrível que pareça, a gente sente saudade da parte animal. Saudade desta máquina de músculos, de ossos, de nervos. Saudade das pernas, dos braços, dos pés, das mãos. A gente passa anos e anos aqui, dentro do corpo, hóspede do corpo, com todos os encantos e desencantos da vida. Súbita e sempre prematuramente, eis que a gente sempre acha que é cedo para partir, a gente tem que deixar esta hospedaria com o que já se acostumara. E não mais a esquece...

A sala estava na penumbra. Pela vidraça, todavia, oriunda da lâmpada de um poste, uma réstia de luz incidia sobre ele tornando possível nítida visão de seu rosto. Demarcando a testa ampla e de raras rugas, densas sobrancelhas sombreavam grandes olhos castanhos. Entremeados na barba hirsuta e gris, que já a partir dos zigomas cobria-lhe toda a face, feito pequenas ametistas, gotas de vinho tremeluziam. Tinha o nariz curvo, adunco. A boca, pequena e carnuda.

Abri outra garrafa.

– Estiveste só em Betsaida, Pedro?

– Não. Aproveitei e dei uma olhada em outras terras. Visitei Antioquia, Judeia, Galileia, todos os lugares onde preguei. Estive em Roma, também. Mas está tudo muito mudado, irreconhecível.

– E Florianópolis, por quê?

– Porque abriste um duto entre mim e tu. Já te falei que vim porque crês. Basta que creias para que as coisas e as pessoas existam. É suficiente que concebas, que imagines, que sonhes para que ocorra o advento das entidades mais insólitas, mais

singulares. Uma pintura surrealista é tão verdadeira quanto uma paisagem da Ásia Menor ou da América. A única diferença é que aquela nasceu do cérebro de quem a concebeu. Mas existe. Existe e está registrada, com todas as cores e formas...

– Disseste que o que sabes qualquer pescador da Armação do Pântano do Sul sabe... mas estou sentindo que...

– Existem pescadores da Armação que sabem tanto quanto eu ou tu. Depende da gente saber saber como eles sabem.

– Isto é um jogo de palavras, Pedro.

– Isto é um jogo de ideias.

Bebeu mais um caneco, enxugou os lábios com o braço, ergueu-se, foi à janela, olhou o céu.

– Amanhã vai dar lestada – disse.

– Como sabes?

São Pedro não respondeu. A luz do poste, agora, incidia forte da cabeça à cintura. Os fios brancos da barba grisalha rutilavam e o salmão da camisa ganhara um tom glauco. Silêncio. Só o meu velho carrilhão falava. Súbito, longe, um galo cantou. Então, cobriu o rosto com ambas as mãos e encostou a testa na vidraça. Logo após, seu tórax passou a denunciar uma respiração forte e descompassada. Semelhante a pérolas, grossas bagas de lágrima surgiam-lhe entre os dedos, deslizavam pelo pulso, alcançavam a manga arregaçada.

– O que se passa contigo, Pedro? – indaguei, aproximando-me dele.

Não contestou. Continuou calado, mãos cobrindo o rosto, testa na vidraça. Pouco a pouco, todavia, o pranto fenecia. Após, suspirou forte, enxugou os olhos no antebraço, virou-se. Fiquei terrificado: no fluir dos breves minutos que permanecera à janela, envelhecera cruelmente. Num torvelinho, rugas profundas

altercavam todo o espaço da testa ampla e exangue. Ganhara bolsas lívidas sob os olhos tristes, de pálpebras flácidas e enrugadas. A barba embranquecera de vez, o pescoço afinara, o tórax murchara. Perdera quase todo o tônus vital.

– Já vou, adeus.

– É cedo, Pedro. Bebe mais um caneco.

– Já vou, adeus. – tornou ele, com um fio de voz.

Tive dó. Tentei ser pândego.

– Escuta, Pedroca, e quando eu te procurar por lá, como é que vai ser? Te recebi bem aqui... Vais retribuir a hospitalidade?

São Pedro não respondeu. Abri-lhe a porta. Com passos mansos, chegou ao portão. Olhou-me, firme, nos olhos, tentou sorrir com a boca triste. Lentamente, a camisa e a calça foram dando lugar à alva e longa túnica e um halo ofuscante e esmeralda cercou-lhe o corpo. Ergueu os braços e, agora sorrindo feliz, disse pela terceira vez.

– Adeus.

– Adeus. Mas... escuta, Pedroca, quando eu te procurar, como é que...?

Nem escutou. Subiu tão rápido que o movimento que fiz foi precisamente o que ele fazia ao beber os últimos goles de vinho: queixo para o céu, todo o pescoço à mostra.

* * *

Fechei a porta. Silêncio. Só o meu velho carrilhão pulsava. Sobre a mesinha, pratos com sobras de peixe, uma garrafa, um caneco, uma taça. No chão, as sandálias do pescador de Cafarnaum.

Um carneiro surrealista

Como de hábito, deitou às dez. Mas ouviu bater onze, meia-noite, uma hora e não conseguiu dormir. Decidiu, então, contar carneirinhos. Imaginou os animais bem branquinhos, limpinhos, tosquiados, pulando um pequeno obstáculo. Mas não deu certo. Sempre que começava a cochilar, um carneiro mais tanso batia com os cornos na cerca e se estatelava no chão. Pesaroso, socorria o animal e retornava à vigília. Resolveu, então, eliminar o obstáculo. Limitou-se à contagem de imensa passarela ovina, sem cerca alguma. Contou centenas de carneirinhos. Dormiu.

Dormiu e sonhou com um carneiro. Um baita carneirão de olhos esfuziantes, enormes testículos, chifres em espiral. E falante.

– Que é que há, ô? – indagou o carneiro, muito sério, olhando firme para ele.

– Que é que há o quê?

– Andas aí, todo nervoso, preocupado com dívidas e esqueces que estamos no nosso signo?

– Signo?

– Claro. Signo de Áries.

– E daí?

– E daí é que estás numa boa e não estás sabendo aproveitar.

– Aproveitar como?

O carneiro não respondeu. Mas baliu tão forte que ele acordou assustado. E o susto virou desespero quando, sobre o lençol, viu nítidas marcas de patas e palpáveis tufos de lã.

Suarento, coração aos pulos, discou para o melhor amigo.

- Leão?
- Sim.
- Sou eu, Carneiro.
- Que foi que houve, Carneiro?
- Dá um pulo aqui, por favor. É urgente.

* * *

- ... e aí eu acordei e vi essas marcas e a lâ.
- Naturalmente, são marcas de patas de cachorro.
- Mas que cachorro, Leão? Não tenho cachorro nenhum. E mesmo que tivesse... e a lâ?
- Naturalmente foi a empregada que...
- Mas que empregada, Leão? Não tenho empregada nenhuma. E mesmo que tivesse... e o berro?
- Que berro?
- O berro do carneiro. Meu vizinho aqui do apartamento do lado também acordou assustado.
- Naturalmente, foste tu mesmo quem berrou.
- Mas igual a um carneiro? Não! Acho que tô ficando...

* * *

Leão era persuasivo.

- ... tens mais é que tirar proveito do sonho. Isso é um tremendo palpite. Fica calmo e, amanhã, bem cedo, vai na banca do Coelho e atola no carneiro.
- No carneiro?
- Claro que no carneiro. Vais jogar em quê? Teu nome é Carneiro! Sonhas com carneiro! Sonhas com um carneiro que fala

no signo de Áries! Acordas com berro de carneiro! Vais jogar no quê? No jacaré?!

– Tens razão.

* * *

Tirou o dinheiro da poupança, vendeu a televisão, vendeu o telefone, vendeu o canário e o curió, pediu um dinheirão ao Leão.

– Tudo no carneiro.

– No carneiro?

– Claro! Sonhei com carneiro, vou jogar no quê?! No jacaré?!

– Calma, seu Carneiro. Só tava perguntando...

Meio-dia, calçada da Felipe Schmidt, garganta seca e mãos úmidas, foi tomado pela sensação de que não daria carneiro.

– E se não der carneiro?! – indagava ele a si próprio; alto, chamando a atenção de todos.

– Se não der carneiro, estou perdido – respondia a ele mesmo.

Lembrou-se do dinheiro da poupança, da televisão, do telefone, da dívida com o Leão. E quando pensou no canário e no curió, chorou. Procurou e achou no bolso do paletó surrado de funcionário desempregado uma última moedinha de telefone. Discou.

– Alô.

– É o Jair Hamms?

– Sim.

– Sou eu, Carneiro.

- Carneiro?
- É. O teu personagem. Estou desesperado. Afinal, vai dar ou não vai dar carneiro?
- Estava pensando nisso agora mesmo. E para te falar a verdade, não sei o que fazer contigo.
- Pelo amor de Deus. Me ajuda. Se eu perder, estarei perdido. Joguei o que tinha e o que não tinha. Tu sabes disso.
- Sei, é claro. Mas jogaste muito. Se der carneiro, tu quebras a banca do Coelho. Aí, eu ficarei mal com o velho...
- Pelo amor de Deus.
- Tá, tá. Vai dar carneiro, Carneiro.

Deu carneiro. Deu carneiro com 1927, milhar que coincide com o ano de nascimento do Carneiro, que ficou rico, casou com uma coroa absolutamente gostosa, não tem muitos filhos porque estão evitando, e são muito felizes numa bela vivenda de fazenda, onde criam, criam carneiros, está claro.

* * *

P.S.: O Coelho não teve a banca quebrada porque eu lhe avisei que ia dar carneiro. Aí, ele descarregou nos outros banqueiros, porque para burro não serve o Coelho.

Viagem a lugares-comuns

Havia muito que eu marcara datas de chegada à Terra de Cegos, ao Fim do Mundo e a Onde Judas Perdeu as Botas. Eram, portanto, compromissos inadiáveis. Por isso mesmo, quando começou a chover a cântaros (o serviço de meteorologia previra chuva de canivetes), fiquei preocupado em deixar a casa com aquele telhado de vidro e a porta arrombada.

Temendo dar com os burros n'água, chamei José, meu criado preto de alma branca, e mandei que ele os amarrasse à minha vontade e tirasse o cavalo da chuva. Dito isto, botei as barbas de molho.

Pouco após, ele entra encharcado feito um pinto e indaga:

– Está chovendo no molhado, patrãozinho. Mesmo assim o senhor viaja?

– Via ama ce.

– Via ama ce? Não entendi.

– Disse que viajo amanhã cedo. Para bom entendedor meias palavras bastam.

Ele corou até a raiz dos cabelos e passou a cuidar da minha viagem.

– Coloco cada coisa em seu lugar, patrãozinho?

– Claro. Mas antes ponha tranca de ferro na porta arrombada, pois a ocasião faz o ladrão.

– O senhor tem razão. Antes tarde do que nunca.

– E antes pouco do que nada – completei.

– E antes magro no mato do que gordo no papo do gato – tornou ele.

– Vamos deixar de conversa mole pra boi dormir! – adverti.

Com o rabo entre as pernas e olhar de cachorro que quebrou a moringa, José abriu a velha mala e indagou:

– Vai levar este sapato que o patrãozinho sabe onde lhe aperta?

– Não. Vou levar só aquele que não me aperta no calcanhar de Aquiles.

– Se bem mereço resposta, para onde o patrãozinho viaja? – tornou ele, pondo as manguinhas de fora.

– Primeiro, para a Terra de Cegos.

– É longe?

– Um pouco antes de Onde Judas Perdeu as Botas.

– E depois?

– Pro Fim do Mundo.

– Volta quando, patrãozinho?

– Depende do meu reinado na Terra de Cegos, pois você bem sabe que tenho um olho. Mas, possivelmente, no dia de São Nunca.

– E qual é o dia desse santo?

– Olha as calendas gregas, José. E não te preocupes, pois até lá muita água passará por debaixo da ponte!

– O senhor vai levar este terno cor de burro quando foge?

– Sim. E a camisa de onze varas e o chinelo velho para um pé torto também.

– E a roupa suja?

– Roupa suja lava-se em casa.

Um raio ensaiou um passo de dança. Ao longe, um trovão aplaudiu.

– Que noite negra, patrãozinho. E que ventania, patrãozinho. Acho que agora está começando aquela tal de tempestade em copo d’água.

– Sim. E com ventos uivantes.

– Cruz, credo! A luz apagou.

– E agora, José?

– Tô com medo, patrãozinho!!!

– Bom cabrito não berra. Acenda uma vela a Deus e outra ao Diabo.

Passamos uma noite dos demônios. Atraído pela vela, o Diabo apareceu. Mas eu o cutuquei com vara curta e vi que não é tão feio como o pintam.

Amanheceu lindo. Um nascer de sol de calendário. No ar, o canto do cisne, o pipilar dos passarinhos e o ladrar do cão que ladra não morde. José apareceu.

– Tá tudo pronto, patrãozinho. Já coloquei a mala na carroça e dei alfafa e milho ao cavalo doido.

– E como está ele, de dentes?

– É cavalo dado, patrãozinho...

– Tens razão. Adeus.

– Adeus, patrãozinho. Boa viagem.

– Obrigado. E não te esqueças de matar a cobra que a tempestade trouxe para dentro de casa – gritei eu, já longe.

– Fique descansado, patrãozinho! Eu mato a cobra! – gritou ele, com as mãos abanando.

Foi uma viagem maravilhosa. Viajei sete léguas. Na Terra de Cegos, onde reinei, vi um elefante branco. Conheci o Doutor da Mula Ruça. Comprei nabos em sacos. Discuti o sexo dos anjos. Ensinei o padre-nosso ao vigário. Gastei vela com defunto ruim. Dei nome aos bois. Fiz economia de palitos. Vi dois bicudos se

beijarem. Dei com a língua nos dentes. Uma beleza! Mas sempre preocupado com a cobra que José ficou de matar.

Depois, fui para Onde Judas Perdeu as Botas (no caminho, passei pelo Reino da Dinamarca. Muito mau cheiro. Há algo de podre...). Lá, matei a galinha dos ovos de ouro. Montei um porco. Pinteí o caneco. Conheci a rua da Amargura. Tapei o sol com a peneira. Separei o joio do trigo. Achei as botas do Judas. Uma beleza! Mas sempre preocupado com a cobra que o José ficou de matar.

Após, fui ao Fim do Mundo (antes passei em Roma; tenho boca). Lá, fiquei até o dia de São Nunca, quando, finalmente, retornei.

Retornei preocupado com a cobra que o José ficou de matar.

Por isso mesmo, mal mal cheguei ao portão da casa, gritei:

– José, mataste a cobra?!

Ninguém respondeu.

– José, mataste a cobra?! – tornei eu.

Ninguém respondeu.

Um vizinho apareceu.

– José está preso, senhor.

– Preso? Por quê?

– Porque matou a cobra e mostrou o pau.

Olhos oblíquos

O alemão Max era quase feliz. Fizera respeitável fortuna no comércio de carros usados, tinha belíssima residência no bairro mais caro da cidade, mulher deliciosa, um par de filhos saudáveis e um longo séquito de adutores alisando-lhe as costas largas e achando graça de suas piadas sem graça. Tinha mais: os dois metros de seu esqueleto de ossos largos eram cobertos por espessa manta de músculos férreos e a saúde de um equino levantino. Tinha mais, ainda, o alemão Max: vasta cabeleira loura e luzidia cobrindo-lhe o crânio dolicocefalo vazio de ideias e conhecimentos, olhos azuis sobre zigomas altos, boca cheia de dentes absolutamente perfeitos. O alemão Max só não tinha olhos oblíquos de japonês. E este era, desde a infância, o seu grande sonho. O alemão Max era quase feliz.

Você poderia indagar: mas por que olhos oblíquos de japonês? Por que não de chinês, de coreano, de vietnamita? De japonês porque o alemão Max sempre admirou o Japão e os japoneses e tudo que dissesse respeito à Terra do Sol Nascente. Tanto que, no seu cérebro pobre de erudição e órfão de cultura residiam meia dúzia de verbos, substantivos e três ou quatro adjetivos e advérbios nipônicos. Uma riqueza, convenhamos.

Aconteceu que no dia mesmo em que completou quarenta anos o alemão Max resolveu presentear-se. Afinal trabalhara pesado a vida inteira. Tinha, por isso mesmo, direito à felicidade integral. E ela, a felicidade, estava ali, ao alcance dos seus bolsos, literalmente perto dos seus olhos.

– Vou fazer uma operação plástica – disse à mulher.

– Operação plástica? Tás é doido!

– Quero ter os olhos puxados, assim, iguais aos dos japoneses.

A mulher do alemão Max achou a ideia simplesmente absurda. O alemão Max achou a reação da mulher simplesmente absurda. E foi só.

Dois meses mais, o louro, dolicocefalo, de olhos azuis Max Hans Hellmuth Müller Marx, ariano de tratado, retornava de São Paulo já integralmente feliz.

No aeroporto, ainda abraçando uma coleção de pacotes, indagou à mulher entre feliz e ansioso, olhinhos de japonês cintilando.

– Que tal? Ficou bom?

– Ficou – respondeu a mulher com voz frouxa. Os filhos riram.

Os amigos, todavia, ajudam-no a elevar a felicidade a alturas que nem ele próprio desejara.

– Ficou ótimo, Max. Ficaste com cara de rapaz de vinte e cinco anos.

– Remoçaste vinte.

– Ficaste parecido com aquele artista... aquele daquele filme... como é mesmo... esqueci.

O alemão Max foi totalmente feliz durante muitos anos. Muitos, seria exagero afirmar. Mas, durante quatro, foi. Basta que se diga que, no terceiro aniversário de cirurgia, nasceu o seu terceiro filho. Beleza de criança. Um menino rechonchudinho, moreninho, com olhinhos oblíquos, iguais aos dos nipônicos. Quase desfaleceu de felicidade. Realmente, era demais. Depois de tudo, ainda ter um filhinho com olhos de japonês, francamente, era felicidade total. Demais, até.

Para os festejos de um aninho, convidou a cidade inteira, quase. Afinal Hiroito Marx sopraria sua primeira velinha.

Foram dois dias de festejos. Um sábado inteiro. Um domingo inteiro. Madrugada de segunda-feira, ébrio de felicidade e de cerveja, o alemão Max recebeu de um conviva desconhecido – posto que amigo de um amigo – uma aula completa sobre genética.

– Entendeu, seu Max? Goiabeira não dá carambola. Gata não pode parir rato. Nem camela, cachorro. Entendeu?

– Mais ou menos.

– Mais ou menos, não. Tem que entender. Preste atenção. Um casal de japoneses, com pais e avós japoneses, não pode ter filhos louros, de olhos azuis... Assim como um casal de alemães, com pais e avós alemães, não pode ter um filho...

O alemão Max deu um berro e um pulo. O primeiro a ser morto foi o professor de genética. O último, o dentista da mulher, um tal Naksima.

Silva and Silver

O meu amigo Silva, ontem, contou-me esta passagem:

“Frost era antigo empregado do hotelzinho, uma espécie de pau pra toda obra: gerente, contador, intérprete, além de eventual companheiro de hóspedes estrangeiros em memoráveis noites de farra. Ficamos amigos no dia mesmo em que cheguei a Dallas.

– Dia onze vou dar uma festinha lá em casa, Silva.

– Dia onze? A troco?

– Uma homenagenzinha a um amigo brasileiro. Um tal Silva. Aniversário dele...

– Como soubeste?

– Sabendo. Acaso não preencheste uma ficha no hotel?

Frost reuniu umas vinte pessoas. Pouco após a minha chegada, na altura do segundo uísque, pediu silêncio e pôs a mão nas minhas costas.

– Como alguns já sabem, este é o senhor Silva, brasileiro hóspede lá no hotel. Agora, posso explicar a todos o motivo desta festinha, que não é outro senão o aniversário do senhor Silva. Achei que deveria prestar uma homenagem a este ilustre hóspede que hoje aniversaria (dezoito anos, senhor Silva?) (risos), que hoje aniversaria, repito, tão longe de seus familiares, de sua gente, de sua patroa (muito bem! bis! bis!).

Houve palmas, cumprimentos, abraços e uísque correndo ainda mais frouxo. E todo mundo mordiscando iscas de galinha, nacos de carne, camarão. A pouco e pouco fui conhecendo melhor o pessoal: a senhora Mooney, espécie de líder feminista do bairro; Jarrel, irmão do proprietário do hotel, acompanhado da secretária

de Frost; o senhor Lander, dono de uma lavanderia, modelo de delicadeza e ignorância; a senhorita Mary, telefonista; Margareth, esposa de Frost; Peterzinho, decorador dos piores. E outros, vários outros, pacatos americanos de classe média, gente realmente simples.

Eu já estava no quinto uísque quando a senhora Silver chegou, coberta de joias: vários anéis, pulseiras, brincos enormes, broches, colares caindo nas mamas fartas e brancas. Era alta, podre de nádegas, boca enorme cheia de dentes.

Frost explicou-lhe o motivo da festa e fez as apresentações:

- Este é o senhor Silva.
- Esta é a senhora Silver.

Já de início a senhora Silver fez questão de me dizer que era muito rica, bastante viajada, que conhecia os Estados Unidos inteiro, que até o Canadá visitara, e que só não fora à Europa por achar que lá não há o que ver. Que nos Estados Unidos há tudo. E que o resto do mundo era só miséria e ignorância. Eu me limitava a assentir com leves movimentos de queixo e alguns *yes* uiscarados.

- O Brasil fica perto de que país? Da Guatemala?
- Não, senhora Silver. O Brasil é coladinho à Grécia.
- À Grécia?
- Sim. À Grécia e ao Egito.
- Dizem que lá tem muita cobra. É verdade?
- Não muita. Já comemos quase todas. O quilo da cobra, agora, tá custando um dinheirão!
- O senhor come cobras?!?!
- Cobras e lagartos.
- Que mais?
- Gatos, morcegos, cães. Formigas, também. Mas só das grandes. Não se comem as pequeninhas.

– Oooooohhhhh! Que horrrrooooooor! Por quê? Não há comida?

– Há, claro! Cães, morcegos, cobras... São os pratos típicos.

– Oooooohhhhhhh! E o que é que o senhor faz lá no Brasil?

– Filhos, senhora Silver.

– Oh, não! O senhor não compreendeu. Eu indaguei a sua profissão. Em que trabalha?

– Faço filhos, senhora Silver.

– Filhos? Mas... de que maneira?

– Da única que conheço. Há outras por aqui?

– Oh, não! O senhor ainda não me compreendeu. Escute, a sua profissão é fazer filhos?

– Sim. A minha profissão é fazer filhos.

– É pago pra isso?

– Sim, claro. Vivo disso.

– E quem paga?

– A empresa onde trabalho, ué!

– Incrível! Impressionante! Extraordinário! Fantástico! Mas porque o senhor?

– Fui selecionado, ué. Fiz concurso. Sou um dos melhores reprodutores do país.

Senti que a senhora Silver pretendia indagar a respeito do meu regime de trabalho mas, alegando falta de gelo, pedi licença. Minutos após, passei a ser procurado por alguns convivas interessados nos costumes alimentares do Brasil. “Verdade que comem cobras?” “Sapos e gatos também” “Cobras, já existem poucas?” Mas, singularmente, ninguém indagou sobre a minha profissão. A esse respeito, a senhora Silver mantivera segredo. E não me pareceu difícil compreender a razão, pois terminada a festinha, quando já dentro do táxi eu dava ordens ao motorista,

ela bateu de leve na janela. Baixei o vidro. Ela apertou minha mão, calorosamente.

– Não tive oportunidade de me despedir do senhor. O prazer foi imenso. Tenho telefone no guia...

Os olhos da senhora Silver faiscavam. Percebi que gostaria de continuar o papo a respeito do meu trabalho. E, naturalmente, indagaria se eu já não estava irritado com a prolongada inatividade”.

O meu amigo Silva está apavorado. Ontem mesmo, recebeu um telegrama: “Senhora Silver chegará domingo Florianópolis pt Fineza esperá-la pois viajará só pt abraços Frost”.

Dr. Laranja

Após o almoço, costumava dormir alguns minutos. Não deitado. Sentado. Procurava a confortável e antiga poltrona de couro que pertencera ao pai, também juiz, e cochilava um quarto de hora com o jornal caído sobre as coxas. Eram momentos felizes, de absoluto prazer físico. Estômago cheio, pois se habituara a comer até mais não poder, os gases roncando nas tripas, os braços molambentos soltos ao próprio peso, a cabeça navegando de ombro a ombro, as pálpebras em queda lenta, mas irresistível. Dormia.

Pois foi precisamente num desses momentos que o telefone tocou. Limitou-se a esticar o braço, bateu um pouco, eis que mantinha os olhos cerrados, e falou, com mau humor, um alô quase inaudível, pois nem levou a língua ao palato.

– Aaaôôôô...

– É o dotô João?

– É.

– Pois escute bem, que o marido é sempre o último a saber.

A sua esposa anda se encontrando com o dotô Laranja. Escutou bem? Dotô Laranja. Quem avisa amigo é.

– Quem que está falando?

– Um amigo do senhor.

E bateram o telefone. De início, foi tomado por uma sensação de absoluto ódio. Vontade de berrar impropérios, de quebrar tudo. Rangeu os dentes, um calor de fogo no rosto, coração aos pulos, os velhos e molengos músculos enrijecidos.

– Bandido! Calhorda! Biltre! Pulha!

Surpreendeu-se de pé, mirando o telefone fortemente seguro, feito um punhal, o jornal sob os sapatos. A criada abriu a porta do aposento.

- Chamou, Dr. João?
- Seu nome é Biltre? Pulha? Calhorda?
- Não, senhor. Meu nome é Bertolina.
- Vá embora, mulher!

Reconstituiu-se. Juntou o jornal, pô-lo sobre a mesa, acendeu o cachimbo, caminhou até a janela. Embora de olhos fixos no canteiro de margaridas, não via as margaridas. Achava-se inteiro no telefonema: “que o marido é sempre o último a saber. Dotô Laranja...”. Já escutara aquela voz. Onde? Quando? Vasculhou a memória com brutal aflição. Recordou homens e nomes há muito arquivados nos escaninhos da lembrança: Paulinho, Pereira, Osmar, Vivaldo, Setembrino, Dias, Antenor, Lázaro, Elpídio. Impossível nomear o anônimo.

- Estás bem, meu queridinho?
- Hein? Quê?
- Que cara é essa, benzinho?

Não vira a esposa entrar. Ensaiou um gesto calmo, urdiu uma frase trivial:

- Tô bem. Olhando as margaridas...
- Que romântico! Um beijinho?
- “Que romântico! Um beijinho?” soou falso, acordou a

desconfiança. Foi invadido pelo fantasma da dúvida. O beijo pareceu-lhe terrível: um selo de mentira numa carta de inverdades. Era moça, bonita o bastante para ter amantes, quantos desejasse. Ele, um velho, cansado já. Sem encanto físico algum para manter a seu lado uma jovem sem inteligência e cultura suficientes para olhar as coisas do espírito, em que, sem dúvida, ele era pródigo. Já deveria ter enxergado antes.

– Dá mais um! Deste não gostei.

Era demais. Chegou a iniciar um movimento para afastá-la.

Mas procurou recursos no parque da razão. Não poderia agir assim, emotivamente. Feito um adolescente. Afinal, era juiz, homem habituado a exigir provas. E um telefonema anônimo não podia conter suficiente poder para súbita mudança de comportamento diante de uma mulher que, havia cinco anos, dormia em travesseiro gêmeo do seu.

– Estou um pouco cansado, filhinha. E já está na minha hora. Vou andando. Tchau.

– Tchau. Mas quero mais um beijinho. Perco a tarde quando não ganho um beijinho carinhoso.

Durante vários dias, com muita habilidade e discrição, procurou saber da existência de algum Dr. Laranja na cidade. Na lista telefônica não encontrara. Mas poderia ser um morador recente, cujo nome não constasse do catálogo. Habilmente, durante os aperitivos de fim de tarde, indagava aos colegas e amigos:

– Olavo, se você se chamasse assim: Tomate, Laranja, o que é que você faria? Tentaria mudar de nome?

– Eu, não. O nome não faz o homem. É o homem que...

– Mas existem pessoas com nomes esquisitos. Que justificariam uma mudança. Será que existe [alguém] que se chame Laranja? Será, Jorge? Será, Mendonça?

– Eu não conheço, mas é provável. Não tem Lima? Pode existir Laranja, também.

Não havia jeito. Ninguém conhecia. Passaram semanas, depois, mês, e o Dr. João começou a esquecer o telefonema. A confiança na mulher retornou. Recobrou, inclusive, paz suficiente para dormir após o almoço, o que, durante muitos dias, foi impossível.

Passados dois meses, porém, em plena audiência, inquirindo uma testemunha, reconheceu, na plenitude, a voz do telefonema. Não havia a menor dúvida. Os mesmos detalhes de entonação, as mesmas frases apressadas, os mesmos erros de linguagem. Tratava-se de um porteiro do edifício onde morava, posto na rua por iniciativa dele, Dr. João. Chamou-o à parte.

– Escuta aqui, seu vagabundo! Se tu me negares, sou capaz de matar! Foste tu quem telefonou pra minha casa, contando uma história de um tal Dr. Laranja? Fala a verdade! Não perguntarei a segunda vez! Se não falares aqui, falarás na polícia. Com tortura, até. Juro!

– Por favor, dotô João. Não manda me prender. Tenho mulher e cinco filhos. Pelo amor de Deus, dotô!

Era um homem magro, rosto seco, malares altos. As lágrimas surgiam, pulavam as pálpebras, demoravam no soalho orbital, finalmente desciam, tarjeando** o nariz, e pingavam sobre as mãos postas.

– Pelo amor de Deus, dotô. Eu tava com ódio do senhor. Fiquei seis meses desempregado. Meus filhos passando fome! Fome, dotô!

– E quem é o Dr. Laranja? Ele existe? Você sabe alguma coisa sobre a minha esposa? Fala a verdade!

– Não senhor, dotô. Foi inventado da minha própria cabeça. Foi da minha ideia, dotô. Tem dó de mim, dotô. Tenho mulher e...

– Rua! Rua!

A felicidade voltou a morar no estômago, nos intestinos, nas pálpebras do Dr. João. Tornou a dormir tranquilo, após

** O termo *tarjeando* é um neologismo do autor. (Nota do editor).

o almoço, sempre. O jornal caído sobre os joelhos, as tripas roncando, os braços abandonados, o queixo sobre o peito.

Nos bate-papos de fim de tarde, o homem bem-falante de sempre. Cordial, atencioso, sorridente.

– ... e quando é que chega o teu novo promotor, João?

– Não sei, Mendonça. Não sei. Já era pra ter chegado. Sei que é da capital. Dizem que é um garanhão danado.

O Dr. João já andava aborrecido. O novo promotor estava demorando. Certa tarde, depois do almoço, intestinos com muitos gases, Dr. João deixando os ditos saírem até com certo alarde, telefone bate.

– Ãããããã...

– Dr. João?

– Sim.

– Quem está falando é o novo promotor. Estarei aí amanhã, sem falta.

– Ah, muito bem! Já estava em tempo. Tudo assinado, publicado, pronto? Ou falta alguma coisa?

– Tudo, doutor. Tudo pronto.

– Ótimo. Como é o seu nome?

– Laranja. Ricardo Laranja.

Carreirismo

Janeiro de 1979. Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos deixou seu apartamento de quarto e sala em Cascadura, desceu quatro lances de escada, ganhou a rua, entrou num botequim, retirou o fone do gancho, aguardou o zumbido, colocou a moedinha, discou. Uma voz feminina atendeu.

– Bom dia. Banco Toledo.

– Eu queria falar com o Dr. Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos, por favor – disse ele, falando grosso.

– O Dr. Álvaro ainda não chegou, cavalheiro. Quer deixar recado?

– Por obséquio. Peça para ele telefonar para o ministro Siqueira.

Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos caminhou três quadras, bebeu café e comeu sanduíche no bar da esquina, acendeu um cigarro, comprou jornal, sentou-se num banco de jardim, engraxou os sapatos de saltos gastos, andou mais um quarteirão, procurou outro telefone público, discou. A mesma voz contestou.

– Banco Toledo.

– Por favor – disse abafando o aparelho com o lenço – o Dr. Álvaro Augusto está?

– Ainda não chegou. O senhor quer deixar recado?

– Diga para ele telefonar para o embaixador Ferdinando. É urgente.

Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos tomou um táxi e deu ordens ao motorista.

– Bom dia. Para o Centro. Rápido. Banco Toledo.

Às dez horas, entrou banco adentro fingindo pressa, tirou o paletó, pô-lo às costas da cadeira, abriu uma gaveta, pegou um processo e enfiou-se na sala da Presidência.

– Bom dia, meu presidente.

– Bom dia, Álvaro. Tudo bem?

– Tudo bem, presidente. Ah, desculpe, dona Alice. Não tinha visto a senhora. Bom dia.

– Bom dia, Dr. Álvaro. Olhe, tenho dois recados pro senhor.

– De quem?

– O ministro Siqueira pediu que o senhor telefonasse pra ele.

– Sim. E o outro?

– O embaixador Ferdinando. Disse que precisa falar com o senhor. É urgente.

– O embaixador o quê?

– Embaixador Ferdinando.

– Ah, sei. Obrigado.

Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos olhou firme nos olhos do presidente, suspirou, fingiu enfaro.

– Esse pessoal, presidente, pensa que a gente não tem o que fazer.

– Mas é um ministro, Álvaro.

– Sim, eu sei... Ele quer um favorzinho meu. O senhor entende, né? O ministro é solteiro. Um tanto boêmio...

– O presidente sorriu, feliz.

– E o embaixador Ferdinando?

Álvaro Augusto deixou que a secretária se retirasse. Depois, baixinho, dando clima de segredo:

– Está gamado por uma amiga minha. A Cláudia.

O presidente riu.

Abril de 1980. Oito da noite, Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos chaveou o seu apartamento de quatro quartos na avenida Atlântica, mirou-se no espelho à entrada do elevador, deixou o prédio, entrou num carro do ano, rumou para Botafogo.

Quinze minutos mais, apertava a campainha da residência da Glorinha.

- Boa noite, pessoal. Tudo bem?
- Tudo... mas e o presidente? E a turma?
- Calma, meninas, calma. Já devem estar chegando. Ainda é cedo.

Meia hora após, chegou o presidente. Depois a turma. Cinco homens. Nove mulheres. O uísque era ótimo. O champanha, excelente. O caviar, delicioso. Às oito da manhã, depois de incontáveis homenagens a Baco e a Eros, quatorze corpos estafados nos estofados e tapetes. Todos nos braços de Morfeu.

Março de 1981. Álvaro Augusto Teixeira Leão de Vasconcellos surge à porta de sua casa no Jardim Botânico. O motorista Altamiro, de quepe e luvas, abre-lhe a porta do Mercedes, modelo 81.

- Boa noite, presidente.
- Boa noite, Miro.
- Pro aeroporto?
- Pro aeroporto.
- Retorna de Mônaco quando, presidente?
- Segunda. Na segunda, já estarei de volta. Só vou passar o fim de semana com o príncipe Rainier.

Dólares baratos

Foi no verão de 1979. Tão logo o avião decolou, rosto gordo e vermelho, queixo duplo gotejando sobre o colarinho aberto e a gravata amarela, olhou pra mim e disse, meio ofegante.

- Sofro muito no verão, sabe? Sinto muito calor.
- Vê-se.
- Estou muito gordo.
- Vê-se.
- E sou obrigado a trabalhar de gravata.
- Vê-se – disse eu, mergulhando ainda mais a cara no jornal.
- O senhor é daqui? – tornou ele.
- Do avião?
- Não. Do avião, não. De Brasília?
- Brasília tem só 19 anos...
- O senhor não tá entendendo. Eu pergunto se o senhor mora aqui, em Brasília.
- Moro na Groenlândia.
- Na Groenlândia?
- Gosto do frio.
- Eu, também.
- Vê-se – repeti, enterrando a cara na página de classificados. Tornou a atacar.
- O senhor faz o quê?
- Faço o diabo – respondi.
- O senhor não entendeu. Eu estou perguntando de que é que o senhor vive.

– Vendo armas: revólveres, metralhadoras, espingardas, fundas, bazucas, canhões, granadas, punhais, baionetas. Venenos, também.

Aceitou lanche, aceitou suco, pediu outro suco, bebeu cafezinho. Depois, suplicou água.

– No ano passado, me aconteceu uma terrível. E foi neste mesmo voo, neste horário mesmo – atacou ele, novamente, agora, com um palito no canto dos lábios.

– Roubaram-lhe o palito.

– Nada disso, senhor.

– Não lhe serviram lanche.

– Não. Coisa muito pior. Eu estava sentado aí, onde o senhor está. E aqui estava uma senhora de uns quarenta anos, óculos de grau, anelão de ametista na mão esquerda, muito perfumada. O senhor está me escutando?

– Gosto de escutar, lendo.

– Bem, aí ela me perguntou: “Será que este avião chega em São Paulo antes dos bancos fecharem?” Respondi que não, porque chegaria às cinco e os bancos já estariam fechados. Aí, então, ela ficou aflita, pois tinha dez mil dólares para trocar e outro dia era sábado. Então, perguntei a quanto ela queria vender os dólares. Respondeu que pelo preço do câmbio oficial, até um pouco mais barato, pois precisava muito de dinheiro no sábado e domingo. Aí, eu disse que, ali, no avião, não tinha dinheiro para a compra mas que, quando chegássemos em São Paulo, eu iria em casa, pegaria o dinheiro, pois sempre tenho uma boa reserva em casa, e a procuraria. Bem, o senhor já sabe o que aconteceu, não?

– Imagino.

– Fui ao endereço combinado, uma casa lá em Jabaquara, com a maleta cheia. Era nove da noite. Quando parei o carro,

surgiram três homens, me amarraram, amordaçaram, me largaram longe, num terreno baldio. Só fui encontrado sábado à tarde, depois de muito me arrastar, por uns meninos que apareceram pra jogar futebol. Nunca mais vi o carro, a mulher, os ladrões, o dinheiro. As empresas deveriam exigir identidade dos passageiros. Certamente, ela viajava com nome falso.

* * *

Agora, verão de 1982, tenho ao meu lado uma senhora, quarenta anos aparentes, óculos de grau, muito perfumada. Não tem anel de ametista na mão esquerda. Mas tem de brilhante, na direita.

- Quanto tempo, de Brasília a São Paulo? – indaga-me.
- Uma hora e vinte, uma hora e trinta.
- Oh! – faz ela, já aflita.
- Algo grave?
- Gravíssimo. Os bancos já estarão fechados. E amanhã é sábado...

Enterro a cara nas páginas de classificados.

O novo juiz

Até a missa de sétimo dia, não se falou noutra coisa, na cidadezinha.

- Era um homem muito bom.
- O que é bom dura pouco, Olindo.
- Quando condenava, é porque tinha que condenar.
- Tinha um coração desse tamanho, dona Mafalda.
- E morreu do coração.
- É verdade.
- Dizem que tem um filho que tá estudando pra advogado.
- Vai ver, um dia, vem pra cá... ser juiz, igual ao pai.

A partir do oitavo dia, o velho juiz começou a cair no esquecimento. Passou-se a falar em quem seria novo. E não se conversava sobre outra coisa.

– Vi falar... vi falar, não tenho certeza. Vi falar que quem vem ainda é parente do falecido Joquinha, aquele que tinha uma olaria perto da fazenda do Macedo.

– Dizem que não. Dizem que é um que já é juiz noutra cidade. Lá no norte.

- Acho que não.
- Não? Por quê?
- Eu acho, ué? Não posso achar?
- Palpite furado.
- Pra mim, é esse. O parente do Joquinha.
- Bobagem.
- Tomara é que não seja juiz moço. Juiz moço não presta.
- É. Acho, também.

– Velho é melhor.

– É. Velho é melhor. Dá mais respeito.

Mais dois meses, chegou o novo juiz. O novo juiz era novo.

Um homem alto, magro, sempre de colete e gravata-borboleta azul.

– É rapaz novo. Não presta.

– Quem sabe não é tão novo.

– Dizem que tem quarenta.

– Vi falar, trinta.

– Isso já é mentira. Com trinta, não pode ser juiz.

– Não pode? Por quê?

– Não pode. Eu sei.

– Sabes bosta nenhuma. Metido a sabido.

– Tem trinta e três. O velho Chaves conhece o pai dele.

– Velho Chaves é mentiroso.

Durante um mês, não se falou noutra coisa.

– O Altino disse que só de cerveja tomou cinco. E mais dois copos de cachaça com vermute.

– Juiz solteiro dá nisso.

– Mas o que eu acho, dona Mafalda, é que ele podia ser solteiro e ser direito.

– Isso é difícil. Rapaz solteiro não tem cabeça no lugar.

– Mas é juiz. É homem letrado.

– João Francisco contou que o Osmarino disse que, no sábado, ele andou na casa das mulheres.

– Na casa das mulheres???

– Não é possível!!!

– João Francisco disse. Que o Osmarino contou.

– Isso já é demais.

– Eu não disse? Eu não disse? Juiz novo dá nisso. Ainda mais solteiro. Pouca-vergonha. Pou-ca-ver-go-nha!!!

– O negócio é contar pro padre Antônio.
– Padre Antônio é outro que tal.
– Nunca se ouviu falar nada dele, dona Mafalda. Verdade seja dita. Nunca se meteu com mulher nenhuma... Que eu saiba...
– Mas bebe. Todo mundo sabe que ele bebe.
– Mas nunca ninguém viu ele bêbado.
– Nunca? E no casamento da filha do Heitor? Hein? Hein?
– Bem... é verdade. Mas, naquele dia, todo mundo bebeu. E ele não é juiz. É padre.

– Dá no mesmo. Dona Mafalda tem razão. Dá no mesmo.

– Dá no mesmo nada. Não sabes bosta nenhuma.

Procuraram o padre Antônio. Era um homem de idade, mais de setenta, trinta e cinco na cidadezinha. Sentado, olhando o fogo da lareira, dormitava. Tinha bebido um vinhozinho a mais no jantar. As tripas aos borborigmos. A santa paz.

– O senhor já falou com ele, padre Antônio?

– Já, Mafalda, já, minha filha. Já disse que já. É um moço bom. Tem a cabeça no lugar.

– Mas o senhor acha que um juiz que anda em casa de mulheres tem a cabeça no lugar?

– Ele só passou em frente, Mafalda. Não entrou, Mafalda. Ele me conta tudo, minha filha. Passou lá pra ver o ambiente. Ele precisa conhecer a cidade onde mora. Saber dos costumes. Quem julga, Mafalda, tem que conhecer os hábitos do povo. O jeito de ser das pessoas.

– Mas, no domingo, ele faltou à missa.

– Falou comigo, no sábado, Mafalda. Disse que tinha uma pequena viagem a fazer. E que queria sair cedo, no domingo.

– Mas que ele bebe demais, ah! isso bebe. Ninguém me tira da cabeça que ele bebe barbaridade. Dizem que quando ele

fica bêbado, canta e toca violão. E conta piada de bandalheira. O João Francisco viu, o Tito viu, o velho Chaves viu. Uma pouca-vergonha. Tinha até criança ouvindo.

– Isso é a má-língua do povo, Mafalda. Então você acha, minha filha, que um juiz vai falar pornografia perto de crianças?

– Mas se o Tito viu. O velho Chaves viu. O João Francisco viu.

– Pois chamem o velho Chaves, o João Francisco e o Tito. Quero falar com eles. Já! Agora!

Padre Antônio pôs-se de pé. Bochechonas vermelhas, olhos azuis brilhando. Chegou as mãos perto do fogo, atritou uma na outra, reclamou do frio, ofereceu um vinhozinho para esquentar. Mafalda não aceitou. Padre Antônio bebeu uma taça num só sorvo. E fez silêncio, olhando a lareira. Chegaram os solicitados.

– Bênção, padre Antônio.

– Bênção, padre.

– Estão todos abençoados. Mas pra desabençoar não vou longe, não. Tenho uma conversa séria com vocês. O que mentir vai pro inferno!

Velho Chaves tossiu. João Francisco enfiou as mãos no bolso. Tito coçou o traseiro.

– Qual de vocês viu o doutor juiz contar vagabundagem, em frente de crianças, lá no café do Salim?

– Não vi, não, senhor.

– Eu, também, não.

– Eu, também.

– Tá vendo bem, Mafalda? Tá vendo bem, minha filha?

– Mas que ele bebe muito, bebe. Dá mau exemplo.

– Qual de vocês viu o doutor beber?

– Não vi, não, senhor.

- Vi beber cafezinho, no café do Salim.
- Eu vi beber cerveja.
- Bebeu muito?
- Um copinho.
- Com quem?
- Com o doutor promotor e o doutor médico.
- E quem viu o doutor juiz na casa das mulheres?
- Nunca vi, não senhor.
- Nem eu.

– Pois podem ir embora, agora. Todos. Todos para as suas casas. E passem na casa do doutor juiz e chamem ele aqui. Pra beber um vinhozinho com o padre Antônio. Que já tá velho. Mas gosta dum vinhozinho, com os amigos. Amigos que sabem conversar. E que compreendem e perdoam as manias do padre Antônio.

Durante alguns anos, não se falou outra coisa na cidadezinha. Que o doutor juiz e o padre Antônio tomavam porres intermináveis. Que se juntavam para conversar vagabundagem. E que tinham sido vistos na casa das mulheres. Padre Antônio com a roupa do juiz. Uma pouca-vergonha. Até o dia em que mudou de juiz. Passou-se, então, a falar no novo. Que era velho.

- Juiz pra ser bom tem que ser novo.
- Acho, também.
- Achas bosta nenhuma...

Nas pedras

Fica no litoral de Santa Catarina e todos os apartamentos abrem as janelas para o mar. No verão, o hotel fica insuportável. Durante o dia, lotado por dezenas de famílias do interior catarinense e do Paraná, gente que passa onze meses sem mostrar a pele ao sol, restaurantes, corredores, bar, piscina, sala de jogos, tudo é tomado por gordas matronas que se esfalfam a correr atrás dos netos enquanto as filhas ou noras assam as coxas na praia e os filhos ou genros se entopem de caipirinha ou cerveja.

À noite, no restaurante, as velhotas gordas, felizmente, escondem sob as saias as nádegas enormes e as pernas eivadas de celulite e de varizes e, cansadas, enchem o pandulho de massas e doces e se recolhem cedo para acalentar as crianças. As moças, filhas e noras, escarlates pela frenética busca de uma cor que só o tempo ou a natureza dá, bebericam um coquetel da casa, falam alto sobre suas cidades para mostrar que são turistas, conversam sobre o que não entendem, riem sem vontade. Os homens, calçando sandálias, camisas abertas, coçam a barriga e o sexo. bocejam e continuam o porre.

Fora da temporada de verão, o hotel é ótimo. Primeiro, porque o movimento é menor. Segundo, a clientela é outra. Longe as matronas de bundas abundantes que se abarrotam de macarrão; ausentes as alvas mãezinhas que sonham ficar mulatas num fim de semana; os jovens pais tomam porre e se coçam alhures.

Em maio estive lá. Mal sentei e o Fraga, o *barman*, pós-graduado em vinhos, uísques e licores, especialista, também, em humanidade, unhas tratadas e punhos imaculados, chegou à mesa.

- O de sempre, doutor?
- Sim, Fraga.
- Nas pedras?
- É. Só com gelo.

Eu ainda bebia a primeira dose quando, à mesa ao lado, sentou um casal. Ele, alto e magro, aparentes sessenta anos, vestia uma jaqueta cinza que casava bem com as cãs fartas e um tanto em desalinho. Ela, de porte médio, possíveis cinquenta e cinco anos, de admiráveis mãos e rosto belíssimo. Não ficaram frente a frente. Evitando as cadeiras, sentaram flanco a flanco no longo sofá de couro encostado à parede. Fraga chegou à mesa.

- Martíni, senhora?
- Sim, martíni.
- Dimple, doutor?
- Sim, só com gelo.

Se o Fraga fizesse menos barulho na elaboração dos coquetéis e se a música estivesse um decibel a menos, eu poderia escutar tudo o que conversavam. De quando em quando, porém, chegavam-me aos ouvidos trechos inteiros do diálogo.

- Mas você nunca me falou isto, querido.
- Falta de tempo, amor.

Ele segurava o copo com a mão esquerda, ela, com a direita. As que sobravam se afagavam.

– Mas afinal de contas, amor, o que é que você foi fazer no Rio a semana passada inteira?

- Trabalhar, querida. Não acredita? Ou está com ciúme?

Ela encostou o belo rosto no ombro cinza. Fiquei impressionado. Que beleza: um casal já de certa idade, mãos dadas, num barzinho de um hotel qualquer de Santa Catarina, falando em ciúme. Pedi a segunda dose e passei a divagar. Quem

serão? Provavelmente, pelo sotaque, são paranaenses. Ele, próspero advogado, especialista em direito tributário, apostador de corridas de cavalos, muitas terras na região da soja. Casaram há trinta e oito anos, têm dois filhos, quatro netos, um bom saldo no banco e boa saúde. Ela, provavelmente uma assídua frequentadora das colunas de sociedade, soroptimista, proprietária de uma *boutique* só para matar as horas de tédio.

Ela aceitou o segundo martíni. Ele, outro uísque. Fraga trouxe a minha terceira dose.

Aumentou o movimento no bar. Então, só me foi possível escutar fragmentos de conversa.

- Neste hotel só em outubro.
- Por quê, querida?
- Agora começa a fazer frio em Santa Catarina.
- Mas a gente...

* * *

- O Olavo é um imbecil.
- Mas ela gosta dele.

* * *

O Fraga foi levá-los até à porta. Ao voltar, chegou até à minha mesa.

- Mais uma dose, doutor?
- Não, obrigado, Fraga. Também, vou jantar. Fiquei impressionado com este casal. Conheces?
- Conheço.
- Quem é?
- Ele é médico, de Curitiba. Ela é professora em São Paulo.

– Mas não são casados?

– Que são casados, são. Mas ele com outra. E ela com outro.

Fraga recolheu os copos e o cinzeiro da mesa ao lado, passou a flanela sobre o mármore, virou-se para mim, piscou o olho esquerdo, sorriu, falou:

– Doutor, casal de casados senta frente a frente. Não precisa sentar lado a lado, batendo coxas. Mais uma dose? A saideira?

– Sim.

– Nas pedras?

– Não. Depois dessa, vou beber um cauboizinho mesmo.

Quibada no Saliba

Já não me recordo exatamente onde, mas sei que era inverno e a gente comia uma feijoada, quando falei ao Saliba, médico levantino e companheiro de glotonaria:

– Gosto desses pratos simples, populares, sem muitas frescuras. Desses terminados em ada.

– Como assim? – indagou-me, sem o menor interesse e com a boca cheia de feijão, paio e abóbora.

– Estou dizendo que gosto de tudo que termina com ada.

– De tudo? – tornou ele, ainda desinteressado, enchendo a boca de feijão, costeleta e chuchu.

– De tudo, não. Não gosto de porrada, trombada, cacetada. Estou falando em comida. Gosto de peixada, camaroadada, churrascada.

– Ah, sim – concordou, ainda vazio de interesse mas com a boca repleta.

* * *

Sexta-feira recebi um telefonema do esculápio. Seu falar grave temperado com forte sotaque árabe é inconfundível.

– Sabes quem está falando? – perguntou-me.

– Fala, Saliba! – disse eu.

– Como adivinhaste?

– Ora! Elementar, meu caro...

– Estás intimado a almoçar amanhã comigo. Na minha casa.

– Comeremos o quê?

– Uma quibada. Minha empregada, a Rosa, faz como ninguém. De sobremesa, abacaxi da Paraíba.

- Ótimo. Meio-dia estarei lá.
- Então, toma nota do endereço. É na Trindade, Jardim Santa Mônica...

* * *

Cheguei meio-dia e meia. Saliba recendia a sabonete.

- Perdão pelo atraso. É que custei a achar a rua.
- Atraso nada, homem. Foi até bom, pois fui chamado ao hospital, trabalhei muito, tive até que tomar novo banho. Um uísque?
- Um uísque.
- Tenho aqui um excelente. Ballantines dezessete anos.

O Ballantines dezessete anos do Saliba era algo terrível. Uma peçonha, marrom, acerbo, que cheirava a terebintina e álcool. Por azar, com o meu assentimento, ele servira uma dose enorme.

Eu já urdia uma súbita dor de cabeça quando me surgiu uma ideia melhor.

- Pelo que me parece, tens um bom terreno, Saliba.
- Quase mil metros quadrados. Queres ver? Tenho minha hortazinha. Chuchu, abóbora, alface, beterraba. Além de bananeiras, pitangueiras, goiabeiras. Vamos.

Enquanto o Saliba discorria a respeito das vantagens de uma residência mais afastada do Centro, onde são possíveis o cultivo de hortaliças e a criação de galinhas, eu dava de beber ao chuchuzeiro, aos pintinhos, aos pés de abóbora, a um monte de estrume e, finalmente, por cima do muro, ao terreno do vizinho. Retornamos à casa, quinze minutos após, com o gelo tilintando nos copos vazios. E antes que ele atacasse com nova dose, escudei-me.

- Uísque, Saliba, para mim, é uma dosezinha e pronto. Caso contrário, fico logo tonto. Sou muito fraco para bebida.
- Então, quero que experimentes um bom vinho.

Com o meu consentimento, encheu uma taça até às bordas.

– Experimenta!

O vinho do Saliba era simultaneamente doce e acre. Uma mezinha viscosa, roxa, servida quase morna. Contive o vômito.

– Que tal?

– Maravilha!

– Queres mais?

– Não, obrigado. Hoje, não bebo mais nada (nem água).

* * *

Vinham da cozinha odores desagradáveis. Procurei saber de quê. Primeiro, fiz um desfile de tudo que detestava: melancia, nabo, quiabo. Depois, recorri à memória olfativa em busca da resposta. Mas não foi necessário. Saliba, interrompendo os meus devaneios, lamentou:

– Infelizmente, não consegui encontrar abacaxi da Paraíba. Mas comprei duas belíssimas melancias. Gostas?

– Pra te falar a verdade, não suporto. Quero que creias que o próprio cheiro me dá náuseas. Nos restaurantes, hotéis, lanchonetes, chego mesmo a cheirar as saladas de frutas, temendo a existência de um naco desta desgraça.

– Não há de ser nada, amigo. Em compensação, a quiabada está espetacular.

– Como?

– Estou dizendo: a quiabada está uma delícia. A Rosa faz quiabos como ninguém.

* * *

Fingi um desmaio. Acho que fingi bem, pois o Saliba quis, por força, me internar.

Conversa de avião

Depois de dizer o nome do comandante, a altitude e a velocidade, a comissária declinou o tempo de voo até Caracas.

– ... cinco horas.

– É tempo paca – disse-me ele, oferecendo cigarro. Aceitei, acendi o dele e o meu, concordei.

– De fato, é tempo paca.

– O senhor é de São Paulo?

– Não, senhor. De Florianópolis.

Minutos após, eu já sabia que seu nome era Toledo, que tinha sessenta anos e que era comerciante.

– Comércio atacadista?

– Sim, atacadista. Durante muito tempo, trabalhei com algodão. Agora, vendo peles e couro. É um bom negócio. Não posso reclamar.

– Exporta?

– Exatamente. Exporto. Só trabalho com o exterior.

Mais alguns instantes, fiquei inteirado de que se tratava de um grande conhecedor de vinhos.

– ... quem está fazendo um bom vinho, também, é o Chile.

O “Concha y Toro”, de 51, é divino. E o “Santa Helena”, de 56 e 58. Mas penso que, dificilmente, alcançará o vinho da Europa. Além da qualidade do solo, os europeus têm muitos séculos de...

Meia hora mais, confessou-se um mulherengo incorrigível.

– ... já botei uma verdadeira fortuna fora com esse negócio de mulheres. O senhor pode não acreditar, senhor Ramos, mas...

– Hamms. Agá, a, dois emes, esse.

– Ah, sim. Pensei que fosse Ramos. Mas... como estava dizendo, certa vez, viajei ao Japão só por causa de uma menina que eu tinha aqui em São Paulo. Era filha de japoneses, mas paulista de nascimento. Falava bem japonês, foi tentar a vida lá. Não arrumou nada, em Tóquio. Aí, telefonou pra mim, desesperada. Estava sem dinheiro, cheia de dívidas... Fui ao Japão, paguei tudo, voltou comigo. Duas semanas depois, me deixou. Um tal Paulo, um japonês que se passava por irmão dela, a quem ajudei várias vezes, porque estava desempregado, casou com ela. Eram amantes, está claro.

– A vida tem disso, seu Toledo.

– Sim. Lógico. Eu sei... e pouco liguei pra isso. Pra falar a verdade, senhor Hamms, eu nasci pra ser...

Aproximou a boca de meu ouvido, falou baixinho.

– ... coronel. Quando era moço, vinte, vinte e cinco anos, um rapagão bonito, eu já fazia questão de dar presentes, dinheiro, tudo. É vocação, entende?

– Claro.

Rindo, acendemos cigarros. E o seu Toledo falou a respeito de uma verdadeira coleção de amantes. A Alice, uma gauchinha de vinte anos, ancas largas, mamas fartas, dois borrões vermelhos sobre os maldades, alvíssima de pele, negros os cabelos, modelo de simpatia e de cinismo.

– ... esta menina, a Alice, não soube aproveitar o dinheiro em joias e presentes que eu dei a ela. Botou tudo fora. Vendia, dava pros amantezinhos dela, sei lá. Acabou numa boate da Major Sertório, gorda e feia feito uma vaca. Hoje, é bilheteira de um cinema poeira lá do Brás. Quando passo por ela, cuspo no chão. Me deixou por um chofer de táxi, a burra. Um tal Almiro, que ela dizia ser irmão. Andava sempre desempregado, e eu dava uma nota pra ele, também.

– E a tal Vera Lúcia?

– A Verinha trabalhava na minha firma. Quando entrou, era uma menina, ainda. Tinha salário de menor. Um dia, passados três anos, ela apareceu saracoteante na minha sala. À noite do mesmo dia, já era minha amante. Montei apartamento pra ela, lá no Pacaembu. Esteve comigo dois anos. Mas enjoei dela. E ela de mim. Nunca mais a vi. Depois, conheci a Marlene, uma mulata do Rio. E a Alvarina, a Clara, a Iolanda, a Mercedes. Credo, foram tantas. Fora essas de três, quatro dias...

– Atualmente, tem alguma?

– Duas. Uma, em São Paulo. Outra, em Caracas. A de São Paulo é portuguesa. Chama-se Henriqueta. Já tá comigo quase um ano. Esta de Caracas, a Berta, eu quero ver se trago para o Brasil. E deixo a Henriqueta. Fico só com a Berta, que é uma deusa de tão linda. Faz estripitise na melhor boate de Caracas. Tem recebido muitas propostas de americanos... mas acho que ninguém oferecerá mais do que eu.

– Sua proposta é tentadora?

– Sim. Apartamento montado, boas roupas, viagens pelo país inteiro, carro com motorista e tudo. Mas já sei que vai durar pouco.

– Por quê?

– Muito simples. Ela, fatalmente, concordará em vir pro Brasil. Mas já deixou bem claro que só virá se puder trazer um irmão, pra ser motorista dela. Eu concordarei, pois estou louco por ela. Mas o caso vai durar muito pouco. Dois ou três meses e mandarei tudo às favas.

– Não entendi, seu Toledo.

– Muito simples, senhor Hamms. A única coisa que aprendi nesse longo desfile de mulheres é o seguinte: toda bela amante tem um irmão desempregado. Entendeu?

– Sim.

– Eu disse claramente ao senhor que a minha japonesa casou com o Paulo, que se dizia irmão dela e desempregado. A Alice também. O tal Almiro, motorista de táxi, era irmão coisa nenhuma. A Vera Lúcia, a mesma coisa. E a Helena, a Flávia, a Letícia... Repito, senhor Hamms, toda bela amante tem...

– O tal irmão da dona de Caracas, fatalmente, é um amante...

– Claro que sim!

– E o senhor? Como está agindo? Tá fingindo crer?

– Perfeitamente. Vou fazer de conta que creio que se trata de irmão. Embora tenham nomes diferentes, ela dirá que é irmão só por parte de mãe.

– E o senhor aceita a situação?

– Por que não? Daqui a dois ou três meses, quando ela não for mais novidade, darei o meu troco. Acabarei com tudo.

– Aí, partirá pra outra?

– Exatamente. Sempre outra, mais outra, até chegar o fim.

– Estranho, isso.

– O senhor não acharia estranho se soubesse que minha mulher, com quem vivi só dois anos, teve um caso semelhante. O amante dela tinha uma irmã desempregada... Entendeu? Até o dia em que a Maria, Maria era a minha mulher, descobriu tudo. Aí, coitada, não resistiu. Acabou com a vida de todos. Matou o amante e a tal irmã do amante. Depois, matou-se.

Os lábios do senhor Toledo tremelicaram. E uma gota de lágrima ameaçou despencar dos cílios. Puxou o lenço, fingiu limpar o nariz, refez-se, mudou de assunto.

– os vinhos alemães, senhor Hamms...

Um ferimento dolorido no indicador da mão direita

Porque tinha um ferimento dolorido na cutícula do indicador, discou com o dedo médio. No outro lado da cidade, uma voz feminina contestou:

- Clínica Alvorada, boa tarde.
- Dr. Eustáquio, por favor.
- Quem quer falar?
- É a esposa dele.
- Ah, um momentinho, dona Maria Augusta.

* * *

- Dr. Eustáquio?
- Sim.
- Dona Maria Augusta na linha “d” de dado.

* * *

- Alô.
- Taquinho?
- Sim.
- Guta.
- Tudo bem?

- Tudo.
- Melhoraste do dedo?
- Melhorei. Botei um curativozinho.
- O que queres?
- Nada. Era só pra te avisar que resolvi fazer uma visitinha pra Fernanda. Desde que voltou da Europa que não a vejo. Quero ver se ela trouxe muita coisa. Vais sair cedo?
- Ah, não sei.
- Faz assim: se saíres cedo, telefona pra lá, pra casa da Fernanda. Sabes o número?
- Sei, sei. Tudo bem. Tchau.
- Tchau, amoreco.

* * *

- Alô.
- Fernanda?
- Sim.
- Sou eu, Guta.
- Oi, querida. Tudo bem?
- Tudo. Preciso de ti.
- Onde estás?
- Adivinha.
- Mesmo?
- Mesmo.
- Mas ele já voltou?
- Voltou hoje.
- Tá aí no teu lado?
- Não. Tá no banho. Cheguei aqui agora.
- E daí?
- E daí é que se o Taquinho telefonar pra aí, diz que eu já saí. E telefona pra cá. Eu disse a ele que ia aí. Tá?

- Tá.
- Um beijo.
- Outro. Tchau.

* * *

- Alô.
- Bruno?
- Sim.
- Sou eu, Fernanda.
- Oi, Nanda. Como vais?
- Bem. Muito bem. E tu?
- Bem, também. Só um pouco cansado. Cheguei do México agora.
- Sei. A Guta me falou. Preciso falar com ela, Bruno.
- Momentinho... Guta! É a Nanda. Quer falar contigo.
- Alô.
- Guta, o Taquinho acabou de telefonar. Eu disse que já tinhas saído. Que só ficaste cinco minutos e foste embora.
- Mas não faz nem dez minutos que eu falei com ele?!
- Eu sei. Mal acabaste de telefonar, ele ligou. Fiquei até preocupada.
- Raio! Merda! Obrigada, Nanda. Tchau.

* * *

- Nanda?
- Sim.
- Guta. Já estou em casa. Mas o Taquinho ainda não chegou. Ele não te disse o que queria?
- Não, não falou nada. Só perguntou por ti. E eu disse que já tinhas saído. Que só ficaste uns minutinhos e foste embora.

- Azar! Azar do diabo!
- Imagino... nem deu, né?
- Claro que não. Desculpa a chateação. Tchau.

* * *

- O Dr. Eustáquio, por favor.
- Quem quer falar?
- É a esposa dele.

* * *

- Taquinho?
- Sim. Onde estás?
- Em casa. Vens cedo?
- Não. Vou demorar bem mais hoje. Telefonei pra casa da Fernanda, mas já tinhas ido embora.
- O que querias?
- Nada. Só queria te avisar que seria bom tu tomares um antibiótico. Esses ferimentos de cutícula, às vezes, complicam. Podem virar panarício. O leito ungueal é muito...

* * *

- Bruno?
- Sim.
- Sou eu, Guta. Dentro de cinco minutos estarei aí.
- Estás louca?
- Tô mesmo.

* * *

Porque tinha um ferimento dolorido na cutícula do indicador da mão direita, durante uma hora fez carícias só com a esquerda.

O leão faminto

Na véspera, à noite, combinaram os detalhes. Ela o acompanharia somente até o Rio, de onde ele seguiria para a França. Durante a ausência do marido, estimada em cinco dias, faria algumas compras e tomaria um pouco de sol em Copacabana.

Estava agitada com a viagem. Não pelo fato de ir ao Rio. Não. Isso, não. Afinal, no decorrer dos dez anos de casada, cansara de viajar aos Estados Unidos e à Europa, e não seria uma simples viagenszinha ao Rio, que conhecia tão bem quanto a sua São Paulo, que haveria de furta-lhe a calma. O que a excitava era a perspectiva de sentir-se naquela cidade imensa longe do policiamento do esposo e dos amigos. Por isso mesmo, tinha dúvida sealaria ao colunista sobre esse pormenor.

- Alô.
- É o Maurício?
- Sim.
- É Maria Eduarda.
- Oi, querida, como vai?
- Estou ótima. De malas prontas para a França.
- Paris?
- Paris, não. Já conheço muito. Para outras cidades.
- Quando?
- Domingo, saio daqui. Mas fico no Rio até terça.
- Sozinha? Ou com o Dr. Benedito?
- Com o Benê, claro. Você acha que o Benê me soltaria sozinha na França?

– Acho que não seria nada demais. Afinal, todos precisam de férias conjugais. Eu, pelo menos, sou desta opinião.

– Você é louco, Maurício.

– Vou mandar um fotógrafo aí. Quero dar uma nota com foto na coluna de sábado. Tchau, amoreco.

– Tchau, Mau. Obrigada.

* * *

No sábado, sob a foto de Maria Eduarda deitada sobre almofadas indianas, algumas linhas de legenda:

“Tem gente remexendo o guarda-roupa de inverno. Com pequena escala no Rio, Dadá e Benê Sanguinetti partem amanhã to França”.

* * *

O Dr. Benedito era cavalheiro de finíssimo trato. Conhecido hóspede do luxuoso hotel, o funcionário da portaria solicitou-lhe, tão somente, a assinatura na ficha e passou a um dos empregados a chave da suíte.

Segunda e terça, enquanto o marido cuidava da aquisição de dólares, ela fez algumas compras e exibiu novas tangas na piscina do hotel.

À noite, o Dr. Benedito partiu.

Os primeiros minutos de isolamento, Maria Eduarda os gastou mirando a foto no jornal e lendo e relendo a nota do colunista: “Tem gente remexendo o guarda-roupa de inverno. Com pequena escala no Rio, Dadá e Benê Sanguinetti partem...”

O telefone tocou.

– Alô.

– Senhora Sanguinetti?

– Sim.

– Espero que a senhora não se aborreça com o meu telefonema nem tampouco me julgue um importuno. O meu gesto é oriundo de uma raríssima coincidência. Acontece que...

– Quem está falando? Não costumo conversar com desconhecidos.

– Eu me chamo Renato. Renato Gomes. Sou hóspede do hotel também.

– Sim. O que é que o senhor deseja?

– Acontece que, hoje pela manhã, eu a vi na piscina. E tive a sensação de que a conhecia de algum lugar. Tive ganas de indagar o seu nome e de onde era. Mas, temendo passar por um mero galanteador, declinei da ideia. Todavia, passei toda a tarde esgaravatando o cérebro, tentando recordar quem?, onde?, quando? Agora, numa rara coincidência, ao folhear os jornais de sábado, que ainda não lera direito, vejo a sua foto. É ela, disse comigo mesmo. E, embora incerto, simplesmente pedi à telefonista que ligasse para o apartamento da senhora Sanguinetti. E deu certo.

– Acho que o senhor não deveria ter agido assim. O que haveria de pensar o meu marido, caso estivesse aqui?

– Sabia não correr este risco. Vi quando ele beijou a sua testa e tomou o carro da empresa aérea... Mas pela notícia do colunista, a senhora também iria para a França. Estava até pensando no possível motivo que a teria feito desistir...

– Pois bem, senhor Gomes. Era só isso, não é mesmo?

– Só. A não ser o meu desejo de dizer-lhe que gostaria de...

– Boa noite, senhor Gomes.

E bateu o telefone.

Custou a adormecer. Dezenas de vezes, reviveu o diálogo que ela mesma interrompera repentinamente. Chegou a arrepender-se de haver desligado o aparelho. Afinal, em momento algum, ele fora irreverente. Limitara-se a narrar, cavalheirescamente, uma coincidência realmente rara. Depois ela não tinha motivo algum para pensar que se tratava de um conquistador barato à procura de novas aventuras. Poderia, até, ser um provector senhor e que estivesse telefonando ao lado da própria esposa. Ao dormir, tentava completar a frase que ficara no ar, mutilada que fora pela sua súbita interrupção: “e que gostaria de...”

Tão logo despertou, o telefone da véspera tomou por inteiro o seu pensamento: o nome Renato surgiu tentador. E, imediatamente, foi envolvida pela poderosa sensação de que estava às vizinhanças de um adultério. Tinha certeza de que, se fosse à piscina, ele lá estaria, feito um leão faminto, pronto ao ataque. Banhou-se, vestiu-se e pediu o café.

Durante toda a manhã, tentou se convencer de que não desejava outro telefonema. Foram horas tediosas: pediu jornal, leu a coluna do Zózimo, consultou o horóscopo, ligou para casa, chamou manicure no aposento. Finalmente chegara a hora do almoço. E o telefone em silêncio.

No restaurante, ocupou um lugar que lhe permitia o controle da entrada e saída dos comensais.

- ... só com legumes. E bem passado.
- E para beber, madame?
- Um suco de laranja. Com pouco gelo.

Alguém surgiu ao seu lado.

- Quem sabe bebemos um vinho, senhora Sanguinetti?

Não havia dúvida: era a mesma voz da véspera.

- Senhor Gomes?

– Perfeitamente. Suplico-lhe que me permita sentar, senhora Sanguinetti.

– Pois não.

Renato era jovem. Dentes alvíssimos, unhas tratadas.

– ... e foi uma coincidência muito rara. Quando abri o jornal, é que percebi que já vira aquela foto e já lera a notícia. Então, não tive mais dúvidas: é ela, a da piscina. Aí, telefonei e...

Falava manso. E acompanhava a emissão das palavras com leves gestos das mãos, como que regendo uma sinfonia de mistério. Tinha um sotaque estranho, que ela não localizava.

– Sou gaúcho. E me criei em São Paulo. Mas moro em Buenos Aires há muitos anos.

Ria fácil. Mas os olhos eram tristes. Um menino carente de carinho.

– Não comeu nada, senhora Sanguinetti.

– Nem o senhor.

– Não me chame de senhor, por favor, senhora Sanguinetti.

– Está bem. Você é triste, Renato?

– Sou.

– Problema de amor?

– Falta de um grande amor.

– Tenho medo de você, Renato.

– Por quê? Por acaso sou algum leão faminto?

– Incrível!

– Incrível, o quê?

– Foi exatamente o que pensei, hoje de manhã: “não vou à piscina porque ele deve estar lá, me esperando, feito um leão faminto”.

Era um leão faminto. À tarde de segunda-feira, a gazela ainda conseguiu fugir-lhe às garras. À noite, cansada das longas disparadas, a bela presa entregou-se ao holocausto. Suas carnes tenras fremiram aos ataques incontidos. Um banquete ofegante na penumbra das savanas do hotel.

– Te adoro, querido.

– Eu, também.

* * *

Maria Eduarda chorava ao amanhecer de sexta-feira. Às onze, Benedito chegaria. Renato lacrimejava ao amanhecer de sexta-feira. Às onze, o marido chegaria.

O avião chegou na hora certa. Houve beijos no aeroporto.

– Namoraste muito, querida?

– Uma barbaridade. Namorei uns dez ou doze.

– Não sabes o que perdeste. O interior da França é uma verdadeira maravilha. Olha só o que trouxe pra ti. Um leão de platina, símbolo de uma cidadezinha que conheci.

– Lindo. Belíssimo. Adorei.

* * *

Alguns dias após, a coluna de Maurício estampava a linda Maria Eduarda com o broche de platina. Sob a foto, algumas linhas de legenda: “A bela Dadá já está de volta, *from* França. Trouxe um leão no coração”.

* * *

Maria Eduarda leu a nota e murmurou consigo mesma.

– Um leão faminto, Maurício. Faminto, famélico...

O especialista em banalidades

Sempre tenho generoso elenco de personagens habitando os camarins de minha imaginação. Gente persistente que, de quando em quando, feito fantasma, ronda pelos bastidores do meu palco de inventiva suplicando uma oportunidade de aparecer.

Agora mesmo, bem a minha frente, apoiados nas pontinhas dos pés e apontando os indicadores para os próprios peitos, loucos para entrar em cena, tenho um japonês de dois metros com um cabrito sob o braço; um homem magro e pálido, calça e camisa rotas, pés decalços e mãos chagadas; uma loura alta, só de calcinhas, contando um maço de dólares; um rapaz de bigode ralo, presumíveis trinta anos, muito bem-vestido.

– Tu aí – digo eu, apontando para o homem magro e roto.

– Eu?

– Sim, tu. Vem cá, por favor.

– Pronto, patrão.

– Como te chamas?

– Me chamo Antônio. Antônio da Silva. Perdi mulher e filho na enchente. E mais a lavoura e a casinha. Tô desesperado – responde ele, já encharcado de lágrimas.

– Contigo, hoje, não dá, Antônio. Vou acabar chorando junto. Pelo menos agora, quero um personagem alegre, ou ridículo, ou pândego, ou insólito.

– Mas...

– Não dá, Antônio. Desculpa.

Chamo a loura, ainda contando dólares.

- Olááááá! Tudo bem, bem?
- Mais ou menos. Como é teu nome?
- Sandra Sueli.
- Trabalhas?
- Travesti. Não notaste?
- Pô! Não dá.
- Dou, sim!
- Sai, cara.

Pretendia chamar o japonês, mas, como o cabrito berrava e esperneava muito, avoco o rapaz bem-vestido e de bigode ralo.

- Nome?
- Ainda não tenho. Me dá um?
- Dou: Aniceto.
- Porcaria de nome. Não tem outro?
- No momento, só tenho este.
- E daí?
- E daí sou eu quem pergunta. Que fazes?
- Sou especialista.
- Especialista em quê?
- Em banalidades.
- Isso existe?
- Te provo que sim.

– Penso que não vais dar uma boa história. Eu precisava de um personagem mais pândego, ou mais insólito, ou mais...

– Eu não sei o que é insólito nem pândego, porque só sei banalidades. Mas posso te provar que sou bom personagem. E que dou uma boa história.

- Então, prova.
- Posso começar?

– É pra já. Rápido. Se não, esta história não sai. De que precisas para... para que aconteças?

– Sol de verão, um barzinho de mesas na calçada em Camboriú, uma loura boa e burra do interior do Paraná. Nada mais. Ah, sim. Me tira este paletó e a gravata. Preciso de calção de banho e sandálias.

– Tudo concedido.

* * *

– Como te chamas?

– Aniceto. E tu?

– Zurmira.

– Acho Zulmira um nome lindo.

– Não é Zulmira. É Zurmira, com erre.

– Ah, sei. Você sabia que pessoas com nomes que começam com zê são muito tranquilas?

– Não sabia.

– Pois fique sabendo.

– E que mais?

– O quê?

– Diga mais alguma coisa das pessoas com nomes que começam com zê.

– Têm paz de espírito. São calmas.

– Que bonito. E os nomes que começam com a, como o seu?

– Os nomes que começam com a facilitam os lucros, os ganhos...

– Que interessante! E com erre? Eu tive um namorado que se chamava Romildo.

– O erre dá compreensão rápida, elevação e felicidade.

– Que beleza! Como é que você sabe tudo isso?

– Estudo muito. Eu vivo lendo. Só no ano passado, li dois livros.

– Inteirinhos?

– Inteirinhos!

– Você é daqui, Aniceto?

– De São Paulo. Sou paulistano. Quem nasce na capital é paulistano. Quem nasce no interior é paulista. Sabia?

– Não. Interessante.

– E você? De onde é?

– Do Paraná.

– De Florianópolis?

– Não. Do Paraná. Florianópolis é capital aqui de Santa Catarina. A capital do Paraná é Curitiba.

– Ah, é isso mesmo. Eu sempre confundo. Você é de Curitiba?

– Não. Sou do interior do Paraná. De Paranavaí. Conhece?

– Não. Mas tenho vontade. Você é de que signo?

– Quero ver se você adivinha, Aniceto.

– De Áries!

– Não.

– Escorpião, então!

– Não.

– De Virgem!

– Também não.

– De Touro!

– Não.

– De Peixes!

– Isso mesmo. Sou de 20 de fevereiro.

– Pois este ano será muito favorável às pessoas nascidas sob o signo de Peixes.

- É mesmo?
- Sim. Será um ano dos mais propícios para conseguir a esperada casa própria, se ainda não a tem, ou então para reformar a atual.
- Bem que a nossa casa está precisando de uma reforma. Tá muito velha, cheia de cupim.
- Sabe como é que se mata cupim?
- Não.
- É assim: com uma seringa, coloca-se benzina nos buraquinhos, que depois devem ser fechados com cera ou parafina.
- Que interessante! E as aranhas?
- Para combater as aranhas, coloca-se cravo moído no fundo das gavetas. Outra coisa boa é misturar bórax com açúcar e colocar nos cantos do assoalho para que as aranhas comam e morram envenenadas.
- Que interessante!
- Você gosta de flores, Zurmira?
- Adoro flores.
- Você já ouviu falar na linguagem das flores?
- Nunca.
- Pois fique sabendo que as flores traduzem mil e um sentimentos. Por exemplo: se eu mando uma rosa vermelha para você, significa que eu estou dizendo que a amo apaixonadamente.
- Interessante. E quando alguém manda um cravo vermelho?
- Cravo vermelho significa: quero-te ardentemente.
- E uma orquídea?
- Orquídea quer dizer: és a primeira e única.
- Que interessante.
- Você gosta de fotografias, Zurmira?

- Adoro fotografias.
- Eu tenho uma baita caixa cheia de fotografias ali no meu apartamento. Você quer ver?
- Quero.

* * *

- Chamo a atenção do meu personagem.
- Achei este papo com a paranaense um saco, Aniceto.
 - Saco por quê, Jair?
 - Só falas besteira, pô!
 - Besteiras, não. Banalidades. E eu te disse que era especialista em banalidades.
 - Sim. Mas prometeste uma boa história. Eu não vi nada de boa história.
 - Nada? E o que é que tu pensas que nós ficamos fazendo a noite toda lá no meu apartamento? Vendo fotografias?
 - E daí?
 - E daí é que, conforme te prometi, dei uma história.
 - E qual a moral?
 - A moral da história é que, no verão, em Camboriú, para se comer belas louras paranaenses basta ser um especialista em banalidades.

Sopa na gravata

Mal sentei, ele chegou à mesa e indagou se eu me incomodaria em dividi-la com ele.

– À vontade. É um prazer – respondi sem muita convicção e espanto com o verde-limão do terno dele.

Tirou o paletó, pô-lo no encosto da cadeira, afrouxou o nó da gravata verde-amarela, abriu o colarinho, sentou.

– Obrigado. O senhor foi muito generoso. É daqui? – indagou com claro sotaque levantino.

– De Florianópolis. Conhece?

– Não. Pro norte, o mais longe que conheço é Torres. Praticamente, nunca saí de Porto Alegre. Sou do Líbano. Vim para cá mocinho e nunca mais saí. Não gosto de viajar. Aqui vivo e aqui hei de enterrar meus ossos.

– Beleza.

– O quê?

– Tô dizendo: beleza. Acho lindo isso.

– O quê?

– Acho lindo não gostar de viajar, de viver num só lugar.

– Acha?

– Acho.

– E o senhor?

– O quê?

– Gosta de viajar?

– Muito.

– Então, como é que o senhor acha lindo eu não gostar de viajar?

– Porque eu acho lindo uma pessoa gostar de viajar e também acho lindo uma pessoa não gostar de viajar.

– Interessante.

– Muito.

Pedi filé com fritas, cerveja, pão e manteiga. Ele, sopa de legumes.

– Não como carne, nem frituras, não bebo nada de álcool, não como massas. Só como legumes. E frutas.

– Beleza.

– O quê?

– Tô dizendo: beleza. Acho lindo isso.

– O quê?

– Acho lindo não comer carne, nem massas, não beber álcool. Só legumes. E frutas.

– Mesmo?

– Mesmo.

– Então, como é que o senhor come carne, pão, manteiga? E bebe cerveja?

– Porque acho lindo uma pessoa comer carne, pão, manteiga, massas e beber cerveja. E também acho lindo uma pessoa não comer e beber nada disso. Só comer legumes. E frutas.

– Interessante.

– Muito.

Escorria um riacho de sopa na gravata verde-amarela.

– Tem sopa na gravata.

– Não faz mal. Tenho outras. Muitas outras. Tenho loja, sabe?

– Sei.

– Sabia?

– O senhor tá dizendo.

– Ah, sim. Pensei que o senhor me conhecia. Meu nome é Dib. Esta loja aqui do lado é minha. E o senhor?

- Não tenho loja.
- Tem, também?
- Tô dizendo que não tenho loja.
- Ah, sim... e qual a sua especialidade?
- Horóscopo.
- Horóscopo?
- Horóscopo. Basta que eu saiba a hora, dia, mês e ano de nascimento de uma pessoa e pronto: sei tudo sobre ela.
- Quanto custa? É caro?
- Pro senhor, faça de graça. Quando nasceu?
- A hora eu não sei. Mas nasci no dia 22 de julho de 1930.
- Tem gravata na sopa!
- Como assim?
- Tô dizendo: tem gravata na sopa.
- Não faz mal.

* * *

- ... então, sendo o senhor do signo de Leão e tendo nascido em 1930, em termos de negócios esta fase é muito boa. Muito boa mesmo. Vem dinheiro aí às pampas. De montão.
- Ótimo. Que bom.
- Já quanto à saúde...
- Boa, também?
- Não tão bem, seu Dib. No seu caso, recomendo que coma menos pepino, nabo, essas coisas... Leão precisa comer carne. Bastante carne.
- Mas eu não gosto.
- Mas é por isso que a saúde está diminuindo. O senhor, às vezes, não sente uma dorzinha por aqui, pela barriga?
- É... às vezes... fraquinha.

– Exatamente. É falta de carne. Nesta fase, o senhor precisa comer carne. Sobretudo, carne de carneiro, porque o Carneiro está fazendo uma sombrazinha na saúde do Leão.

– Carne de carneiro?

– Carne de carneiro!

– Muita?

– Mais ou menos. Basta uma vez por dia. Ou no almoço ou no jantar.

– Mas todos os dias?

– Todos os dias. Mas só durante cinco meses. Até entrarmos no signo de Virgem.

– E aí?

– Aí...

Baixei a voz, falei no ouvido dele.

– Mas eu sou casado.

– E daí? O senhor tem que agir de acordo com o seu horóscopo.

– Mas como é que eu vou saber se ela é virgem?

– O senhor não compreendeu, seu Dib. Eu não falei virgem.

Falei do signo de Virgem. Veja, é necessário que ela tenha nascido entre 23 de agosto e 22 de setembro.

– E aí?

– Aí, tudo maravilha. Bem nos negócios, melhor na saúde, ótimo no amor.

– Mas todo mundo me conhece em Porto Alegre.

– E daí? Faça uma viagem. Alás, o senhor está precisando viajar. Marte está exigindo.

– Mas eu não gosto.

– Mas precisa, seu Dib. E eu recomendo o Nordeste.

– Nordeste?

– É. Lá será tudo mais fácil. Ninguém conhece o senhor... e na falta de carneiro, pode comer cabrito, porque o Capricórnio tá fazendo sombra no Leão, também.

– Mas eu não tenho jeito. Vou ficar com vergonha.

– Vergonha de quê, seu Dib? De comer cabrito?

– Não. De perguntar pra moça se ela isso, se ela aquilo...

– Beba um uísque, um vinho, uma vódica... isso dá coragem.

Olha a gravata na sopa, seu Dib.

* * *

Ontem, perguntei ao Victor, velho garçom do restaurante Dona Maria, se o seu Dib tinha aparecido.

– Acabou de sair.

– Tomou sopa?

– Nada. Comeu carneiro, outra vez. E bebeu uma dose de uísque e uma garrafa inteira de vinho. Saiu zozinho daqui. Tá mudado, o turco.

Papo furado

Há três meses, três horas da manhã, terceiro turno de um interminável campeonato de uísques, meu amigo João da Silva, já nos descontos da partida, começa a mostrar cansaço. Bom atleta, todavia, insiste em fazer um bom meio de campo e alimenta ilusões de gols. Quase sem fôlego, chuta:

– Amo a Escócia.

– A Escócia? – indago, já sem interesse no resultado do jogo e olhando suplicante para o juiz da partida, um nordestino magrela, de gravata-borboleta, cabelo engomado e generosas costeletas.

– Sim, a Escócia.

– Mas por que a Escócia?

– Porque amo a Escócia, só isso.

– Conheces?

– O quê?

– A Escócia, pô!

– Não.

– Qual a razão, então, de tanto amor pela Escócia?

– Acho a Escócia incrível.

– Incrível por quê?

– Porque acho, pô!

– Conheces a história da Escócia?

– Não.

– A geografia?

– Não.

– A sociologia?

– Não.

– A economia?
– Não.
– Então, não entendo.
– Não entendes o quê?
– Esse teu amor pela Escócia.
– Acho um povo admirável.
– Admirável por quê?
– Porque acho, pô!
– O que sabes sobre o povo escocês?
– Sei que fala inglês.
– Espetáculo. Sim, e daí?
– Daí, tô mostrando que sei alguma coisa sobre o povo escocês.

– Beleza! E que mais?
– Usa saioite xadrez.
– Beleza! E que mais?
– Toca uma baita gaita.
– Beleza! E que mais?
– Faz esta maravilha: o melhor uísque do mundo.
– Beleza! E que mais?
– Mais nada.
– Nada?
– Nada.
– Então, decididamente, não entendo como podes ser louco pela Escócia.

– Amo a Escócia porque a Escócia é uma beleza.
– Mas tu não conheces a Escócia, pô!
– E daí?
– E daí é que eu não entendo como podes amar a Escócia sem conhecê-la. Muito menos achá-la uma beleza.

- Conhecetes o Nepal?
- Não. Por isso mesmo não o amo nem o acho beleza nenhuma.
- Isto é estupidez.
- Estupidez o quê?
- Não gostares do Nepal.
- Mas eu não tenho razão alguma para gostar do Nepal, assim como não tens razão nenhuma para gostar da Escócia.
- Eu tenho.
- Tens o quê?
- Razão para gostar da Escócia.
- Qual?
- Amo a Escócia.
- Mas amas a Escócia por quê?
- Amo a Escócia porque tem um povo admirável.
- Mas já mostraste que não sabes nada sobre o povo escocês, pô!
- Como não sei?
- Não sabes!
- Sei!
- Então sabes.
- Sei, mesmo!
- Sabes o quê? Que fala inglês?
- É. E que toca uma baita gaita. Usa saiate xadrez e faz esta maravilha de uísque.
- E isso é saber alguma coisa sobre os escoceses?
- É!
- É?
- É!

O juiz nordestino, estremunhante, cartão vermelho na mão, finalmente expulsou-nos de campo.

* * *

Com uma vista da Escócia, datado da Escócia, com selo e carimbo da Escócia, recebi, ontem, do meu amigo João da Silva, um cartão.

“A Escócia é uma merda. Abraços. João”

Hoje cedo, com um cartão de Florianópolis, indaguei:

“Por quê? Abraços. Jair”

Carne de sol, manteiga de garrafa, inhame

Foi em João Pessoa. Tomei o táxi e disse ao motorista:

– Vamos a Campina Grande, por favor.

– É um bocado longe, doutor. É melhor a gente combinar preços antes...

– Combinaremos durante a viagem. Vamimbora.

Alguns minutos mais, ainda dentro de João Pessoa, já havíamos acertado o preço.

– Tem parente lá, doutor?

– Não, não tenho. Vou lá pra conhecer o “Rei da Carne de sol”. Conhece?

– Quem não conhece? Faz a melhor carne de sol do Nordeste. Além disso, serve o fino do inhame. E a manteiga de garrafa dele é especial. Mas vai lá só pra comer?

– Só pra comer. Já fiz coisa pior. Na minha terra, certa vez, viajei quatrocentos quilômetros só pra comer paca.

– Comer paca como, doutor? Comer muito?

– Não, cara. Comer paca, pô. Comer a carne de um mamífero roedor conhecido por paca. Entendeu?

– Ah, sim! Tem muito vento aí, doutor?

– Não. Tá bom. Este ventinho faz bem.

– O doutor é filho de onde? Do Rio ou de São Paulo?

– Nem do Rio nem de São Paulo. Sou de...

– ... Rio Grande do Sul, então!

– ... de Santa Catarina.

– Santa Catarina?

– Santa Catarina.

– Engraçado, doutor. O senhor não vai acreditar. Mas sabe que eu também nasci lá? Tenho meus documentos, aqui, pra provar. Saí de lá pequeno. Sete, oito anos. Meu falecido pai era embarcado, foi transferido pra Santos. Morei muitos anos lá, em Santos. Depois, fomos pro Rio. Servi o Exército e, quando dei baixa, tirei a carteira e comecei a trabalhar com caminhão. Mas era muito cansativo. Viajava vinte, trinta dias, por esse mundo de Deus, sozinho, caminhão carregado, uma vida desgraçada. Vinha sempre pra cá, pro Nordeste. Aí arrumei pra trabalhar na praça, no Recife. Depois, vim pra João Pessoa. E daqui não saio mais. Terra abençoada. Já fiz minha casinha, tenho dois carros na praça. Este e o outro. Os dois são meus. E tá tudo pago. Os carros e a casa. Devo nada a ninguém. Mas... o doutor nasceu em Santa Catarina e mora ainda em Santa Catarina?

– Sim. Nasci lá e moro lá.

– Mas em que lugar?

– Na capital. Florianópolis.

– Pois justo na cidade que nasci. Pode até ver os documentos.

– Você disse que saiu de lá com sete pra oito anos, não foi isto? Que idade tem, agora?

– Vou completar trinta e cinco, em novembro. No dia 9, se Deus permitir.

– Você tem a minha idade, então. Onde é que você morava, lá em Florianópolis? Lembra-se

– O nome da rua?

– É. O nome da rua. Lembra-se?

– Não lembro, não, senhor. O nome da rua não lembro. Sei que era pertinho de uma praia. E tinha uma igrejinha no lado. Credo, já faz tanto tempo. Eu era muito menino. Acho que nem oito anos tinha. Penso que sete, só.

– Lembra da igrejinha?

– Ah! Da igrejinha lembro. Lembro porque a minha falecida mãe, que Deus a tenha, uma vez, num dia de procissão, me levou lá vestido como o santo da igreja. Pra pagar uma promessa de um mijacão medonho que tive e fiquei bom. Promessa pro São Sebastião, que era o santo da igrejinha.

– São Sebastião?

– É. São Sebastião. Disso eu me lembro. Um santo amarrado num pé de árvore, com flecha por tudo quanto é canto. Flecha na barriga, flecha na perna, flecha na cabeça, flecha por tudo.

– Na cabeça, não. Não exagera!

– É. Na cabeça parece que não tinha, não. Só sei que os bugres encheram o pobre homem de flechadas. São Sebastião era padre, doutor?

– Padre nada, cara! Bem, isso não vem ao caso. Quero saber se você se lembra do nome de alguém daquele tempo. Perto da igrejinha tinha um velho que era latoeiro. Soldava balde furado, fazia caneco. O nome dele era Estêvão. Lembra disso?

– Não, não lembro. Mas lembro do dono da venda: um homem que tinha este beijo aqui, o de baixo, deste tamanhão. Uma coisa medonha. E corria uma baba...

– Era o seu Bajota.

– Isso mesmo. Seu Bajota. Mas como é que o senhor sabe?

– Morava ali ao lado, cara.

– O senhor???

– Sim, eu. E você? Você não morava numa daquelas casinhas do seu Pantaleão?

– Isso mesmo. Ao lado da casa do Azeitona.

– Perfeito. Do Azeitona, irmão do Xavier. Primo do Ganzola. Por acaso você é o Vado?

– Sou o Vado. E o senhor é o...

– Jair.

– ... irmão do Betinho?

– Irmão do Betinho.

Não comemos carne de sol, nem manteiga de garrafa, nem inhamé. Mas só de cana com caju bebemos três litros. Sem contar a com butiá, que é o meu fraco. É o forte do Vado.

Três caninas

O meu amigo Antenor andava aborrecido. Em troca de alguns favores que fizera a certo veterinário holandês, ganhara um lindo cachorrinho, com pouco mais de duas semanas de vida. Tratou o bichinho à base de papinhas e pires de leite. Meses após, tinha um bruto cachorrão em casa. Alguns amigos, metidos a entendidos, asseguravam ao Antenor.

– É um tremendo vira-lata, Antenor.

Antenor contestava, aporrinhado.

– Vira-lata, nada. Vocês acham que um veterinário, sobretudo um veterinário holandês, ia me dar um vira-lata, pô!?

– Pergunta ao holandês, então, cara.

– Já foi embora. Não mora mais aqui... Este é filho de uma cadela que ele tinha... e ele não teria uma cadela vira-lata. Muito menos deixaria que ela cruzasse com um qualquer!

– Pra mim, é um tremendo vira-lata.

Certa noite, o Big foi levado pela carrocinha da prefeitura. Manhã seguinte, entre aflito e contente, Antenor pagou alguns cruzeiros pela liberdade do cão. Em casa, examinou o documento que continha, além de algumas características do animal e detalhes a respeito de sua prisão, três letras, maiúsculas, no local onde se lia raça. Chamou os amigos.

– Tá aqui, ó. Raça: SRD.

Os amigos ficaram espantados.

– Nunca ouvimos falar nessa raça. Só se é holandesa.

E telefonaram para a prefeitura, explicando o caso.

– ... e que raça é esta de SRD? É holandesa?

Do outro lado da linha, o funcionário respondeu:

– Não. Nada disso. SRD significa: sem raça definida.

* * *

Outro amigo, o Mário, assegura que, em 1960, estava prontinho para assumir importantíssimo cargo em certo Ministério. Um grande amigo dele era grande amigo de um grande amigo do ministro. Então, ele e o tal grande amigo foram visitar aquele que era o grande amigo do ministro. Já estava tão certo que assumiria o disputado cargo que a mencionada visita nada mais era que a comemoração antecipada, com um jantar íntimo, à saúde de suas novas funções.

O tal grande amigo do seu grande amigo era um homem já velho, muito rico, que vivia numa casa realmente senhorial, à rua São Clemente, no Botafogo.

Era um casal sem filhos. Sem filho gente, porque tinha um cachorrinho, de nome Pedrinho, que levava vida de príncipe. Até quarto com ar-condicionado o cão tinha. E comia à mesa com os pais.

O grande amigo falou ao Mário:

– Escuta, Mário, agrada o cachorrinho dos velhos. Chama-se Pedrinho. Agrada o bichinho o quanto puderes. Sabes como é...

Mário e o grande amigo abriram o portão de ferro, atravessaram o imenso e colorido jardim, subiram os cinco degraus que davam à porta principal da mansão, apertaram a campainha. Os próprios velhos atenderam.

– Estamos felizes por recebê-los – declarou o velho. Mário tremia de emoção, doido para ver o cachorrinho, a fim de iniciar a sessão de agradamentos. Antes mesmo que ele cumprimentasse os velhos, o Pedrinho surgiu. Era um cãozinho pequenininho,

minúsculo mesmo, quase um ratinho. Mário não perdeu tempo. Agachou-se e, muito sem jeito, agarrou o Pedrinho pelas patas traseiras. Nervosíssimo, escorregou, caiu de costas, os braços para cima. Pedrinho voou sobre ele, bateu forte com a cabeça no segundo degrau. Morte instantânea.

Três dias após, Mário foi transferido para Ladário, cidadezinha do Mato Grosso, na divisa com a Bolívia.

* * *

Conta outro amigo, o Carlos, que no verão passado dava uns ares ao belíssimo galgo-russo, de nome Uralsk, na praia. Minutos após, bonita senhora loura, de pouco mais de trinta anos, vestindo sumaríssimas duas peças, indagava-lhe.

– É um galgo-russo, verdade?

– Perfeitamente, senhora.

– Tenho uma cadela no cio. É galgo-russo, também. Concorde cruzá-los?

– Sim. Quando desejar.

– Por mim, hoje. Concorde?

– Pois não. Às suas ordens.

Uma hora após, Uralsk dava os primeiros cheiros na sua namorada. Quarto de núpcias: a garagem da madame.

– Aceita um drinque enquanto eles... eles namoram, Dr. Carlos?

– Com muito prazer.

A senhora Helga brindou, inicialmente, a feliz coincidência, pois a sua Tuna já estava quase no finzinho do cio e ela, Helga, começava a perder as esperanças de encontrar um namoradinho para ela, Tuna.

– Foi muita sorte, Dr. Carlos. Quando menos esperava, encontro o senhor com o seu bellissimo Uralsk. Saúde!

– Saúde, senhora Helga.

E beberam alguns uísques. No decorrer, a senhora Helga contou que era alemã e que seu marido, Fritz, estava pra chegar da Europa por aqueles dias. E que ficaria muito triste se soubesse que Tuna passara o cio sem cruzar.

– Uma hora mais – conta Carlos – deu um bode desgraçado. O marido entrou pela casa adentro.

– Bode por quê? Não concordou com a cruza?

– Com a cruza dos cães acho que sim. Mas eu tive que pular a janela sem sapatos e sem camisa... E nunca mais vi o Uralsk.

O excretar lá de cima

Eu morava no 111. Ele, no 211. Vivia eu, portanto, sob as suas pantufas. Ele, sobre o meu lustre. O meu apartamento não era de todo ruim. Tinha, todavia, um defeito lamentável: eu escutava tudo o que se passava no de cima.

Aquilo me irritava profundamente. Mediante despertador, eu acordava, invariavelmente, às seis e meia. Nesta hora, sempre, escutava-o no banho. Às seis e quarenta, enquanto me barbeava, a chaleira dele apitava, ouvia os seus passos na cozinha e o tilintar da xícara, pires e talheres. Logo após, eu permanecia cinco minutos sem ouvi-lo, posto que era a minha vez de tomar banho e, então, só escutava o meu chuveiro. Às seis e cinquenta, porém, enquanto preparava meu suco de laranja, escutava-o excretar, com fortes ruídos, aquilo que, na véspera, muito comera e bebera. Dois ou três minutos mais, vinha o som da descarga. Às sete em ponto, à terceira ou à quarta badalada do meu velho carrilhão, ele abria e fechava a porta. Um minuto após, através da janela, eu o via, sempre vestindo cinza, gordalhufo, passos lentos, dobrar a esquina em direção ao Centro.

O seu retorno ao apartamento ocorria, sempre, dez ou quinze minutos após a meia-noite. Era a hora em que eu, ao som de Chopin, costumava colocar a leitura em dia. Lá de cima, naquele momento, vinha o girar da chave na fechadura, o ranger da porta, novo giro da chave, oito passos em direção ao banheiro. Invariavelmente, então, ele executava uma copiosa mijada,

ovacionada, logo após, por forte descarga. Depois, dois sapatos eram impiedosamente atirados sobre o meu crânio. Penso que ele dormia de terno, gravata e meias, pois, somente alguns segundos após, um ronco porcino, estrondoso, ribombante expulsava Chopin dos meus aposentos.

Eu já andava aporrinhado à beça. Disposto, até mesmo, a procurá-lo. E explicar que ele estava infernizando a minha vida porque eu escutava toda a dele. É isso. Eu escutava a vida dele. Escutava e não gostava. Dizer-lhe cara a cara – não muito perto porque ele não escovava os dentes – cara a cara, que ele poderia ser mais discreto no excretar. Que desse um jeito: comesse menos, bebesse menos. Que um azeitezinho nas dobradiças tira o ranger das portas. Que depositasse os sapatos no chão e não que os atirasse sobre o meu crânio. E que procurasse executar a mijada da meia-noite e quinze não diretamente sobre a água do vaso, o que a tornaria muito menos ruidosa. E, finalmente, que procurasse um veterinário para fazer um tratamento de ronco. Caso achasse ruim, aplicar-lhe-ia dois murros na pança, com o que, provavelmente, libertaria um bom metro cúbico de gases que agasalhava nas tripas. Estava, mesmo, disposto a tudo. Até ao homicídio, se preciso fosse. Mas não foi.

Não foi porque, certa manhã, precisamente às seis e meia, nada escutei além do meu despertador. Nada de apito da chaleira. Nada do tilintar de xícara, pires e talheres. Nada do excretar escandaloso. Do abrir e fechar de porta. E, às sete horas, olhei pela janela e não vi o gordalhufo, de cinza, passos lentos, dobrar a esquina em direção ao Centro. Achei estranho. Bem que à noite eu não escutara o girar da chave na fechadura, nem os passos em direção ao banheiro, muito menos a diluviana mijada da meia-

noite e quinze. Provavelmente morreu, pensei eu, enquanto preparava o meu suco de laranja. Explodiu, de tantos gases.

Às sete e meia, quando saí, encontrei dona Mercedes, amarga celibatária do quarto andar, língua peçonhenta e espécie de arquivo implacável do edifício.

– Bom dia, dona Mercedes. A senhora conhece o vizinho do 211?

– Conheço, não. Conhecia.

– Conhecia? Por quê? Morreu?

– Morreu, não. Mudou-se.

– Mudou-se? Quando?

– Ontem à tarde. Disse ele que por causa do senhor.

– Por causa de mim?

– É. Há muito tempo que ele já vinha reclamando. Dizia que o senhor infernizava a vida dele. Que ele bem que poderia acordar às oito, pois só começava a trabalhar às nove. Mas que o seu despertador, às seis e meia, tocava tão forte que o assustava. Que ele preferia, então, levantar às seis, com o seu carrilhão, que batia muito alto, também, a noite toda. Que, para poder dormir, vinha para casa podre de bêbado, porque o senhor ficava escutando música madrugada adentro. E que o senhor roncava muito.

– Mesmo?

– Mesmo!

– Não falou sobre excretar?

– Excretar? Que é isso?

– Nada, não, dona Mercedes. Esquece.

Este livro foi editorado com a fonte Arno Pro, criada por Robert Slimbach em 2007 para Adobe Systems.

Miolo em papel pólen *soft* 80g; capa em cartão supremo 250g.

Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão *offset*.

Hoje, à rua Felipe Schmidt, número 888, à direita de quem se dirige à ponte Hercílio Luz, sobre a marquise de um pequeno edifício de três andares, nosso herói mandou afixar belíssima placa com letras verdes em campo branco:

D. T. TIVE
Detetive particular
fone 88-8888
Atende somente com hora marcada

* * *

Dizem que o telefone não para de bater.

